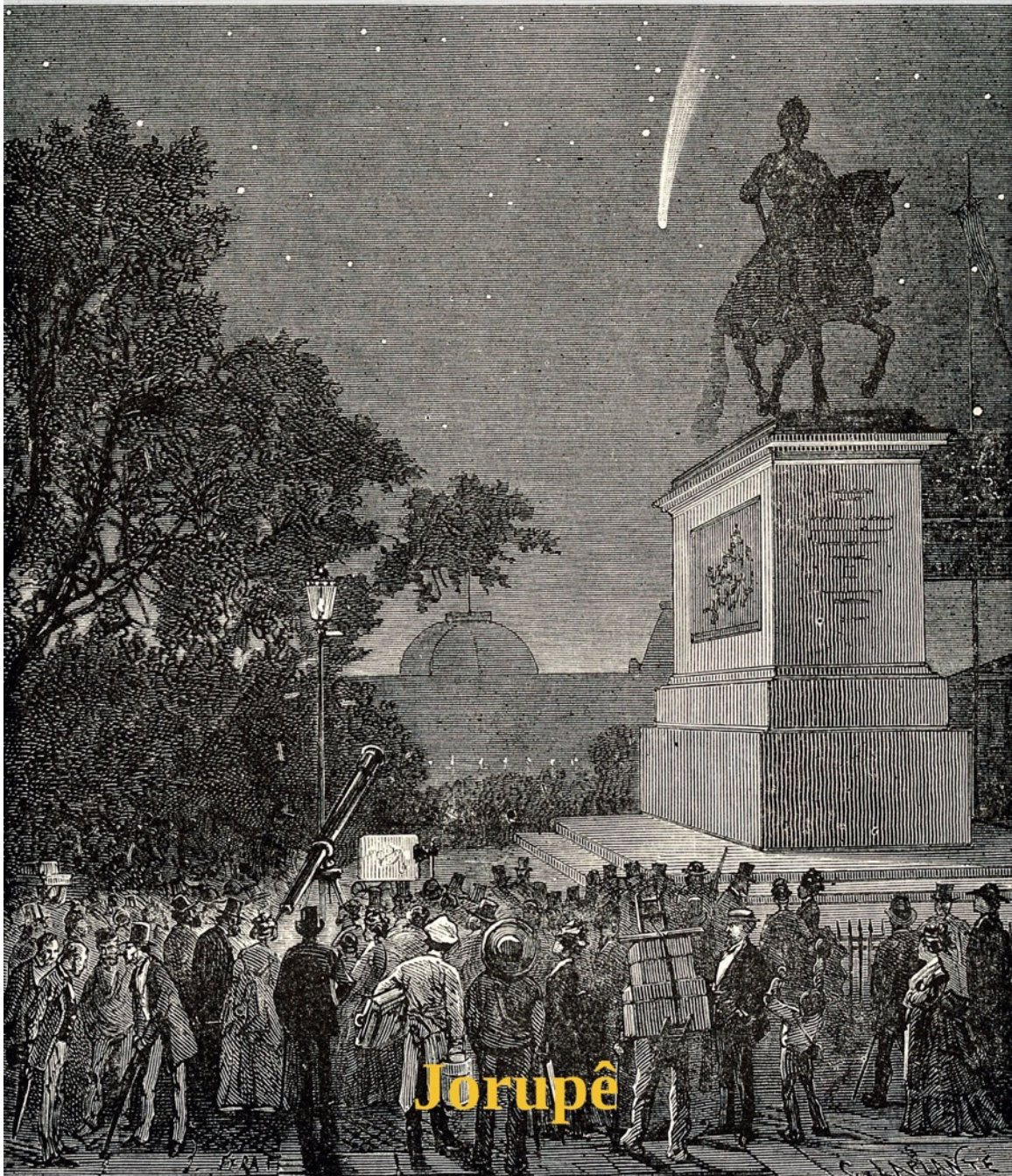
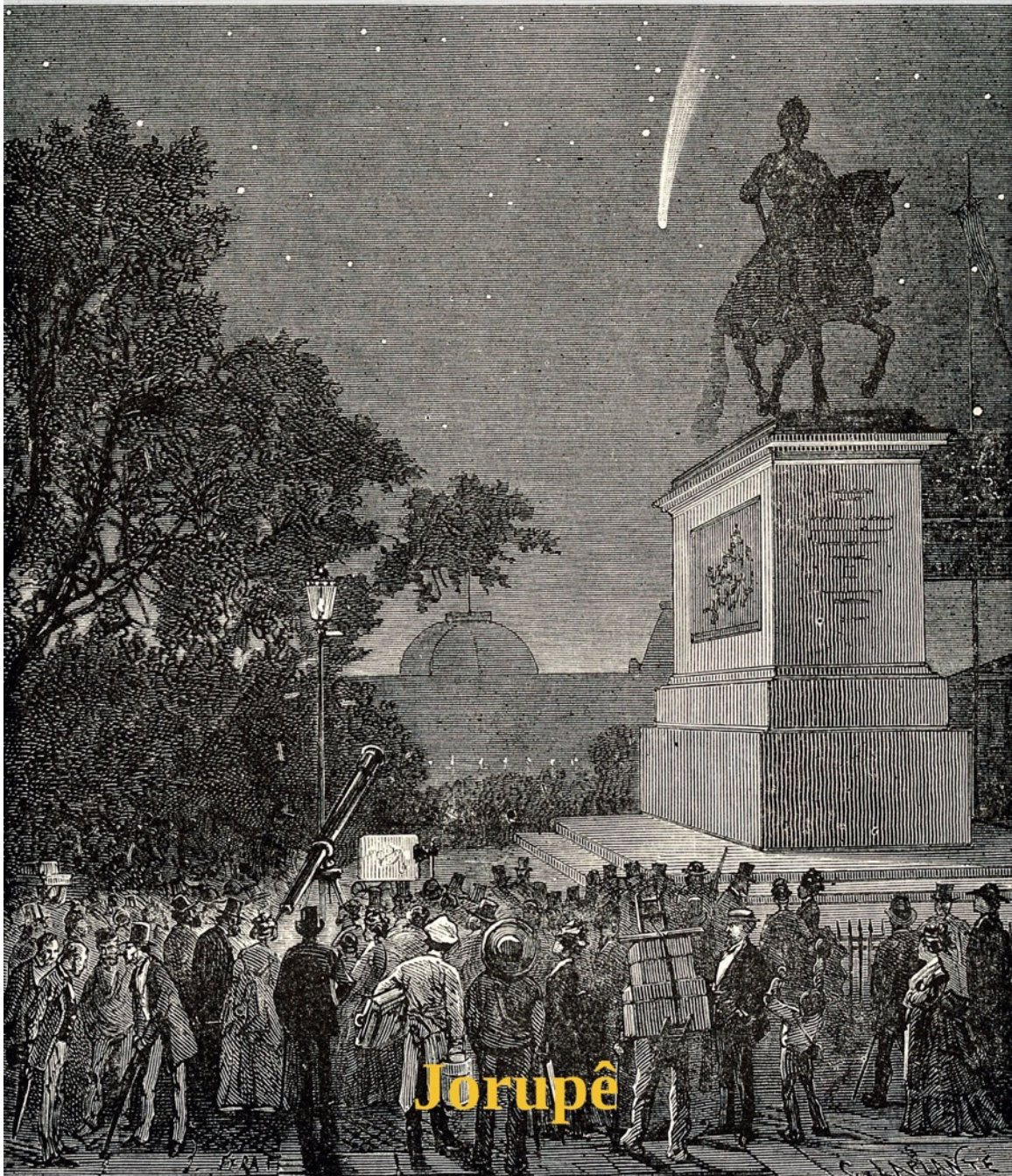


Dez contos geniais de
H. G. WELLS
fantásticos • sociais • ficção científica • terror





Dez contos geniais de
H. G. WELLS
fantásticos • sociais • ficção científica • terror



Dez Contos Geniais de H. G. Wells

Uma nota sobre direitos autorais de traduções

A obra original de H. G. Wells (1866–1946) em inglês está em domínio público no Brasil e em muitos outros países, mas as traduções mais recentes não estão.

Veja o que diz a legislação brasileira sobre direitos autorais, a lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998:

Art. 14. É titular de direitos de autor quem adapta, traduz, arranja ou orchestra obra caída no domínio público, não podendo opor-se a outra adaptação, arranjo, orquestração ou tradução, salvo se for cópia da sua.

O desrespeito aos direitos autorais do tradutor incorrerá nas penalidades previstas na mesma lei.

O respeito aos direitos autorais do tradutor e a valorização do profissional do livro fomentam mais traduções e trazem mais livros a um número maior de leitores.

H. G. Wells

Dez Contos Geniais de H. G. Wells

São Caetano do Sul

Jorupê

2019

Dez Contos Geniais de H. G. Wells

A Estrela • No Abismo • O Bacilo Roubado • A Maçã • A Loja Mágica • A Porta no Muro • A Rejeição de Jane • A Herança Perdida • O Furto no Parque Hammerpond • O Quarto Vermelho

Títulos originais dos contos:

The Star • In the Abyss • The Stolen Bacillus • The Apple • The Magic Shop • The Door in the Wall • The Tilting of Jane • The Lost Inheritance • The Hammerpond Park Burglary • The Red Room

Tradução e notas: J. R. Pedroso

© 2017, © 2018, © 2019 by José Ruy de Oliveira Pedroso.

Todos os direitos das traduções reservados.

Registrado na Fundação Biblioteca Nacional.

ISBN: 978-85-94186-08-9

Capa: Astronomy: a comet seen over London. Wood engraving. Wellcome Collection.

Gravura em madeira de Charles Laplante, 1860.

<<https://wellcomecollection.org/works/vyxpf43k>>.

Licença Creative Commons Atribuição (CC BY 4.0):

<<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>>.

A capa foi composta com a fonte Liberation Serif Bold.

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa (Acordo Ortográfico de 1990).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

Wells, H. G. (Herbert George), 1866-1946.
W454d

Formato: ePUB

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-94186-08-9

1. Ficção inglesa. 2. Literatura inglesa — Contos. I. Pedroso, José Ruy de C

CDD-823

Elaborado por Maurício Amormino Júnior — CRB6/2422

Sumário

[Apresentação](#)

[Algumas obras do autor](#)

[Alguns fatos sobre o autor](#)

[Datas de publicação dos contos](#)

[A ESTRELA](#)

[NO ABISMO](#)

[O BACILO ROUBADO](#)

[A MAÇÃ](#)

[A LOJA MÁGICA](#)

[A PORTA NO MURO](#)

[A REJEIÇÃO DE JANE](#)

[A HERANÇA PERDIDA](#)

[O FURTO NO PARQUE HAMMERPOND](#)

[O QUARTO VERMELHO](#)

[Notas](#)

[Sobre o tradutor](#)

Apresentação

"Wells [...] prodigalizou parábolas sociológicas, erigiu enciclopédias, dilatou as possibilidades do romance, [...] historiou o passado, historiou o porvir, registrou vidas reais e imaginárias."

Jorge Luis Borges (Otras Inquisiciones)

Herbert George Wells (1866–1946) foi um autor multifacetado e prolífico. Mais conhecido pelos romances de ficção científica, como *A Guerra dos Mundos* e *A Máquina do Tempo*, escreveu também romances sociais, como, por exemplo, *Kipps* e *A História do Sr. Polly*.

No campo não ficcional produziu obras que se tornaram best-sellers mundiais, como *O Esboço da História* e *A Ciência da Vida*, além de centenas de artigos, ensaios e conferências. Muitos tratam de direitos humanos; é notável que sua obra tenha servido de norte para a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Os dez contos deste livro contêm uma pequena amostra dessa vasta e variada obra. No gênero da ficção científica, do tom grave ao cômico, estão "A Estrela", "No Abismo" e "O Bacilo Roubado". O grande escritor argentino Jorge Luis Borges (1899–1986), também autor de literatura fantástica, apreciava a obra de Wells. Do gênero, foram selecionados os excelentes "A Maçã", "A Loja Mágica" e "A Porta no Muro".

De observação da sociedade, à sua maneira, com uma dose de ironia e bom humor, figuram os contos "A Rejeição de Jane", "A Herança Perdida" e "O Furto no Parque Hammerpond", este também se inserindo nas histórias de crime. Para finalizar, há um conto que o estadunidense H. P. Lovecraft (1890–1937), mestre da literatura de terror, hoje cultuado, considerava de altíssimo nível, o intrigante "O Quarto Vermelho".

Estas traduções cuidadosas, diretamente do inglês e com linguagem moderna, contêm dezenas de notas interessantes, que esclarecem várias referências sobre a sociedade na época, história, literatura, ciência etc., podendo, inclusive, ser utilizadas em estudos interdisciplinares.

Boa leitura.

Dica: acerte as configurações de leitura conforme sua preferência em seu e-reader, computador, notebook, tablet ou celular. Alguns contêm a opção "editor padrão", ou semelhante, que é o formato original do livro produzido pelo editor.

Algumas obras do autor

1895 — The Time Machine — "A Máquina do Tempo"

1895 — The Wonderful Visit — "A Visita Maravilhosa"

1896 — The Island of Doctor Moreau — "A Ilha do Doutor Moreau"

1896 — The Wheels Of Chance: A Bicycling Idyll — "As Rodas da Oportunidade: Um Idílio Ciclístico"

1897 — The Plattner Story and Others — "A História de Plattner e Outras"

1897 — The Invisible Man — "O Homem Invisível"

1898 — The War of the Worlds — "A Guerra dos Mundos"

1901 — The First Men in the Moon — "Os Primeiros Homens na Lua"

1902 — The Sea Lady — "A Dama do Mar"

1905 — Kipps: The Story of a Simple Soul — "Kipps: a Estória de uma Alma Simples"

1906 — In the Days of the Comet — "Nos Dias do Cometa"

1909 — Ann Veronica: A Modern Love Story — "Ann Veronica: Uma Estória de Amor Moderna"

1910 — The History of Mr. Polly — "A História do Sr. Polly"

1910 — The Sleeper Awakes — "O Adormecido Desperta"

1911 — The Country of the Blind and Other Stories — "O País dos Cegos e Outras Histórias"

1914 — The World Set Free — "O Mundo Libertado"

1927 — The Way the World is Going — "O Modo como o Mundo Vai"

1933 — The Shape of Things to Come — "A Forma das Coisas por Vir"

1937 — Star Begotten — "Nascidos das Estrelas"

Alguns fatos sobre o autor

1866 — nasce, em 21 de setembro, Herbert George Wells, em Bromley, Kent, Inglaterra.

1874 — após quebrar a perna, passa a maior parte do tempo de recuperação lendo livros que seu pai trazia da biblioteca local; o fascínio pelos livros é evidente no jovem Wells.

1880 — começa a trabalhar como aprendiz devido a problemas financeiros em sua família.

1884 — obtém uma bolsa de estudos na Normal School of Science, em Londres, estudando Biologia com Thomas Henry Huxley, conhecido como "buldogue de Darwin", por defender publicamente as ideias evolucionistas.

1890 — obtém o grau de Bachelor of Science, pela Universidade de Londres. Três anos antes de morrer, recebe o grau de Doctor of Science, pela mesma universidade, por estudos e tese que declara ter empreendido "por prazer".

1891 — casa-se com sua prima, Isabel Mary Wells, separando-se em 1894.

1893 — publica seu primeiro livro, Text-Book of Biology ("Manual de Biologia").

1895 — casa-se com Amy Catherine Robbins, conhecida como Jane, com quem tem dois filhos: George Philip e Frank. Seu casamento aberto será escandaloso para a sociedade da época.

1895 — publica seu primeiro livro de ficção, *The Stolen Bacillus and Other Incidents* ("O Bacilo Roubado e Outros Incidentes"), contendo contos publicados em periódicos desde 1893. Vários de seus romances também foram seriados antes de serem publicados em livros.

1906 — entrevista Booker T. Washington (1856–1915), educador e líder de comunidade afro-americana, para o capítulo "A Tragédia da Cor", de seu livro de ensaios *The Future in America* ("O Futuro na América"), que denuncia a injustiça racial nos Estados Unidos.

1908 — por uma série de discordâncias, rompe com a Sociedade Fabiana, movimento ao qual havia se filiado em 1903, e do qual eram integrantes Bernard Shaw, Sidney Webb e Beatriz Webb, além de vários outros intelectuais proeminentes que se alinhavam a ideais socialistas da época.

1909 — nasce Anna-Jane, sua filha com a escritora e feminista Amber-Reeves.

1914 — nasce Anthony, seu filho com a jornalista e escritora Rebecca West. Publica *The World Set Free* ("O Mundo Libertado"), em que prevê o uso futuro de armas nucleares.

1919 — inicia a publicação seriada da obra *The Outline of History* ("O Esboço

da História"). Lançada em livro em 1920, tornou-se um best-seller mundial, vendendo mais de dois milhões de exemplares.

1929 — inicia a publicação seriada, em conjunto com Julian Huxley e seu filho G. P. Wells, também biólogos, da obra *The Science of Life* ("A Ciência da Vida"), lançada em livro em 1931.

1934 — diabético, é cofundador de uma organização de caridade e pesquisa, hoje conhecida por Diabetes UK.

1938 — em seu programa de rádio, *The Mercury Theatre on the Air* ("O Teatro Mercury no Ar"), na CBS, o ator estadunidense Orson Welles dramatiza texto de Howard W. Koch, uma adaptação de *A Guerra dos Mundos*. Nos dias seguintes, jornais noticiaram que a transmissão causou pânico pela crença numa real invasão marciana em Nova Jersey.

1940 — publica *The Rights of Men* ("Os Direitos Humanos"), que será uma inspiração para a Declaração dos Direitos Humanos da ONU, causa que Wells apoiava.

1946 — morre em 13 de agosto, em Londres.

Datas de primeiras publicações dos contos

1894 — "O Bacilo Roubado" (The Stolen Bacillus), no periódico Pall Mall Budget. Em 1895 no livro The Stolen Bacillus and Other Incidents (Methuen & Co., London).

1894 — "O Furto no Parque Hammerpond" (The Hammerpond Park Burglary), no periódico Pall Mall Budget. Em 1895 no livro The Stolen Bacillus and Other Incidents (Methuen & Co., London).

1894 — "A Rejeição de Jane" (The Jilting of Jane), no periódico Pall Mall Budget. Em 1897 no livro The Plattner Story and Others (Methuen & Co., London).

1896 — "O Quarto Vermelho" (The Red Room), no periódico The Idler (sob o título The Ghost of Fear). Em 1897 no livro The Plattner Story and Others (Methuen & Co., London).

1896 — "No Abismo" (In the Abyss), no periódico Pearson's Magazine. Em 1897 no livro The Plattner Story and Others (Methuen & Co., London).

1896 — "A Herança Perdida" (The Lost Inheritance), no periódico The Pocket Magazine. Em 1897 no livro The Plattner Story and Others (Methuen & Co., London).

1896 — "A Maçã" (The Apple), no periódico The Idler. Em 1897 no livro The Plattner Story and Others (Methuen & Co., London).

1897 — "A Estrela" (The Star), no periódico The Graphic. No livro Tales of Space and Time, em 1899 (Doubleday & McClure Co., New York) e em 1900 (Harper Brothers, London).

1903 — "A Loja Mágica" (The Magic Shop), no periódico The Strand Magazine. Também em 1903 no livro Twelve Stories and a Dream (Macmillan & Co., London).

1906 — "A Porta no Muro" (The Door in the Wall), no periódico The Daily Chronicle. Em 1911 no livro The Door in the Wall and Other Stories (Mitchell Kennerley, London & New York).

As versões utilizadas para tradução foram: as da coletânea The Country of The Blind And Other Stories (Thomas Nelson & Sons, London, [1911]) para os contos "A Estrela", "O Bacilo Roubado", "A Porta no Muro", "A Loja Mágica", "A Rejeição de Jane" e "O Quarto Vermelho"; as da obra The Plattner Story and Others (Methuen & Co., London, 1897) para os contos "No Abismo", "A Maçã" e "A Herança Perdida"; e a da coletânea The Stolen Bacillus and Other Incidents (Methuen & Co., London, 1894) para o conto "O Furto no Parque Hammerpond".

Para vários contos preferiu-se utilizar a versão da coletânea The Country of the Blind and Other Stories por ser uma edição em que o próprio autor revisou seus contos, como informa na introdução.

A ESTRELA

"Parece, cavalheiros, [...] que o Homem viveu em vão."

Foi no primeiro dia do novo ano que o anúncio foi feito, quase simultaneamente por três observatórios, de que o movimento de Netuno, o mais distante entre os planetas que orbitam o Sol, tinha se tornado muito errático. Ogilvy[01] já tinha chamado a atenção para uma suspeita desaceleração em sua velocidade em dezembro. Seria difícil calcular que tal notícia de jornal interessaria a um mundo cuja maior parte dos habitantes não tinha conhecimento da existência do planeta Netuno, nem que, fora dos círculos de astrônomos, a descoberta subsequente de um débil ponto de luz na região do planeta afetado causaria qualquer agitação muito grande. Os cientistas, no entanto, consideraram as informações notáveis o bastante mesmo antes de terem percebido que o novo corpo ia rapidamente ficando maior e mais brilhante, que seu movimento era completamente diferente do curso regular dos planetas e que a deflexão de Netuno e seu satélite iam se tornando então de um tipo sem precedentes.

Poucas pessoas sem uma formação em ciência podem perceber o enorme isolamento do sistema solar. O Sol, suas pintas de planetas, seu pó de planetóides e seus impalpáveis cometas nadam em uma imensidão vazia que quase derrota a imaginação. Além da órbita de Netuno há espaço, vago, segundo a observação humana chegou a desvendar, sem calor ou luz, ou som, vazio não preenchido, por vinte milhões de vezes um milhão de milhas. Esta é a menor estimativa da distância a ser percorrida antes que apenas a mais próxima das estrelas seja alcançada[02]. Salvo alguns poucos cometas mais insubstanciais que a mais fina chama, nenhum corpo tinha alguma vez, segundo o conhecimento humano, atravessado esse abismo de espaço, até que no início do século vinte esse estranho vagueante apareceu. Era uma grande massa de matéria, volumosa, pesada, precipitando-se sem aviso do negro mistério do céu para o resplendor do Sol. Pelo segundo dia, era claramente visível em qualquer instrumento decente como uma mancha com um diâmetro escassamente perceptível, na constelação de Leão, perto de Regulus[03]. Em pouco tempo, um binóculo de ópera podia alcançá-la.

No terceiro dia do novo ano, os leitores dos jornais dos dois hemisférios tomaram conhecimento pela primeira vez da real importância dessa aparição incomum nos céus. "Uma Colisão Planetária", era a manchete de um jornal de Londres, que proclamava a opinião de Duchaine de que esse estranho novo planeta provavelmente colidiria com Netuno. Os editorialistas deram mais informações sobre o assunto, de modo que, na maioria das capitais do mundo, em 3 de janeiro, havia uma expectativa, apesar de vaga, de algum iminente fenômeno no céu; e, à medida que a noite sucedia o pôr do sol à volta do globo, milhares de homens voltavam seus olhos em direção ao céu para ver... as velhas e familiares estrelas exatamente onde elas sempre estiveram.

Até que era o amanhecer em Londres, com Pólux[04] se pondo e as estrelas no alto tornando-se pálidas. Era um amanhecer de inverno, uma débil acumulação embaçada de luz do dia, e a luz amarela de gás e de velas brilhava nas janelas mostrando onde as pessoas estavam de pé. Mas o policial bocejando a viu, as multidões ocupadas nos mercados pararam surpresas, operários indo cedo para o trabalho, leiteiros, entregadores de jornais com carrinhos, boêmios voltando para casa cansados e pálidos, andarilhos sem-teto, guardas em suas rondas; e no campo, trabalhadores caminhando para a plantação, caçadores saindo furtivamente de casa, por todo o pálido e apressado interior ela podia ser vista; e no alto-mar, pelos marinheiros esperando o dia; a grande estrela branca apareceu, repentinamente, na direção oeste do céu!

Era mais brilhante que qualquer estrela em nossos céus; mais brilhante que a estrela da tarde[05] na sua maior luminosidade. Emitia um brilho branco e intenso, não apenas um ponto de luz trêmulo, mas um nítido disco brilhante, pequeno e redondo, uma hora depois do nascer do dia. Onde a ciência ainda não havia chegado, os homens a fitaram e temeram, contando uns aos outros sobre guerras e pestes que são precedidas por esses signos de fogo nos céus. Robustos bôeres, pardos hotentotes[06], negros da Costa do Ouro[07], franceses, espanhóis, portugueses ficaram estáticos, no calor do nascer do sol, assistindo ao ocaso dessa nova e estranha estrela.

Em uma centena de observatórios havia sido contida a comoção, que se elevou quase à altura da gritaria quando dois corpos distantes precipitaram-se juntos, e houve uma correria para lá e para cá a fim de reunir aparelho fotográfico e espectroscópio, e este dispositivo e aquele outro, para registrar essa nova surpreendente visão, a destruição de um mundo. Porque era um mundo, um planeta irmão da nossa Terra, muito maior que a nossa Terra, na verdade, que,

tão repentinamente, havia se rompido em morte flamejante. Era Netuno, tinha sido atingido, total e diretamente, pelo estranho planeta do espaço exterior e o calor do choque tinha transformado de imediato dois globos sólidos em uma vasta massa incandescente. À volta do mundo, naquele dia, duas horas antes do amanhecer, surgia a pálida e grande estrela branca, desaparecendo à medida que se punha a oeste e o sol se elevava acima dela. Em todos os lugares os homens a admiravam, mas, de todos aqueles que a viram, nenhum poderia ter se admirado mais que os marinheiros, habituais observadores das estrelas, que, no alto-mar, nada tinham ouvido sobre sua aparição e a viam agora subir como uma lua anã, escalar em direção ao zênite, pairar no alto e se pôr a oeste, com o passar da noite.

Quando, a seguir, ela nasceu sobre a Europa, por toda parte havia multidões de observadores em terrenos elevados, em telhados, em espaços abertos, olhando para o leste, para o nascente da grande estrela nova. Ela se levantou com um brilho branco na frente, como o clarão de um fogo branco, e aqueles que a tinham visto nascer na noite anterior gritaram ao avistá-la.

— Está maior — eles gritaram. — Está mais brilhante!

De fato, a Lua, em pleno quarto crescente, declinando a oeste, em seu tamanho aparente, estava além de comparação, mas dificilmente, com toda a sua amplitude, tinha tanto brilho agora quanto o pequeno círculo da estranha estrela nova.

— Está mais brilhante! — gritavam as pessoas se aglomerando nas ruas.

Mas na penumbra dos observatórios os astrônomos prendiam a respiração e olhavam um para o outro.

— Está mais perto! — eles diziam. — Mais perto!

E voz após voz repetia: "Está mais perto". E o bater do telégrafo repetia essas palavras e elas ressoavam ao longo dos fios de telefone[08], e em mil cidades os tipógrafos sujavam os dedos compondo: "Está mais perto". Homens escrevendo em escritórios, atingidos por uma estranha compreensão, atiravam ao chão suas canetas, homens conversando em milhares de lugares de repente descobriam nelas uma grotesca possibilidade: "Está mais perto". Elas corriam por ruas que despertavam, eram bradadas nos caminhos congelados de vilas tranquilas; homens que tinham lido essas coisas nas fitas de telégrafo ficavam sob a luz

amarela das portas de entrada gritando a notícia para os transeuntes: "Está mais perto". Mulheres bonitas, coradas e atraentes, ouviam a notícia contada em tom de brincadeira entre as danças, fingindo um inteligente interesse que não sentiam: "Mais perto! Realmente. Que curioso! Como devem ser muito, muito espertas as pessoas para descobrir coisas como essa!"

Mendigos solitários, vagueando pela noite de inverno, murmuravam essas palavras para se confortar, olhando para o céu:

— Ela deveria estar mais perto, porque a noite é tão fria quanto a esmola. Não tenho a impressão de muito calor dela se ela estiver mais perto, no entanto.

— O que é uma estrela nova para mim? — gritava a mulher que chorava ajoelhada ao lado de seu morto.

O estudante, levantando cedo para o seu trabalho escolar, sozinho solucionava o enigma, com a grande estrela branca, brilhando cheia e clara através das flores de gelo de sua janela:

— Centrífuga, centrípeta — ele dizia, com o queixo sobre o punho. — Pare um planeta em seu movimento, prive-o de sua força centrífuga, e então? A centrípeta o domina e ele cai no Sol! E isto!

— Nós estaremos no seu caminho? Gostaria de saber.

A luz desse dia seguiu seu caminho natural e, com as últimas vigílias da escuridão congelada, surgiu a estranha estrela de novo. Agora era tão brilhante que a lua crescente parecia não mais que um espectro amarelo pálido de si mesma, pendendo enorme no pôr do sol. Em uma cidade sul-africana, um homem importante tinha se casado, e as ruas estavam iluminadas para saudar o seu retorno com sua noiva.

— Até os céus se iluminaram — disse o bajulador.

Sob Capricórnio, um casal de namorados negros, por amor desafiando os animais selvagens e os maus espíritos, agachavam-se juntos em um canavial sobre o qual os vaga-lumes esvoaçavam.

— Essa é nossa estrela — sussurraram, sentindo-se estranhamente confortados pelo doce brilho de sua luz.

O matemático sentou-se em seu gabinete e afastou seus papéis. Seus cálculos já estavam terminados. Em um pequeno frasco branco ainda restava um pouco da droga que o tinha mantido acordado e ativo durante quatro longas noites. A cada dia, sereno, claro, paciente como sempre, ele havia ministrado aula aos seus alunos e depois voltado imediatamente para esse importante cálculo. Seu aspecto era sério, um pouco cansado e agitado pelo uso da droga. Por algum tempo ele pareceu disperso. Em seguida, foi para a janela, a persiana subiu com um clique. A meio caminho do céu, sobre os telhados amontoados, chaminés e campanários da cidade, pairava a estrela.

Olhou para ela como se poderia olhar nos olhos de um bravo inimigo.

— Você pode me matar — disse depois de uma pausa. — Mas eu posso manter você — e todo o universo em questão — sob o domínio deste pequeno cérebro. Eu não mudaria. Nem mesmo agora.

Olhou para o pequeno frasco.

— Não haverá necessidade de dormir de novo — disse.

No dia seguinte, ao meio-dia em ponto, entrou em seu anfiteatro, pôs o chapéu no canto da mesa conforme seu hábito e cuidadosamente selecionou um grande pedaço de giz. Era uma piada entre os seus alunos que ele não poderia dar aula sem aquele pedaço de giz remexendo em seus dedos, e uma vez ele tinha sido levado a um bloqueio por esconderem seu suprimento. Ele veio e olhou, sob suas sobranceiras grisalhas, para as filas ascendentes de jovens rostos animados e falou com o seu costumeiro e estudado fraseado simples.

— Circunstâncias surgiram, circunstâncias além de meu controle — disse e pausou —, que vão me impedir de completar o curso que eu tinha programado. Parece, cavalheiros, se posso me expressar de forma clara e breve, que o Homem viveu em vão.

Os alunos se entreolharam. Tinham ouvido corretamente? Louco? Houve sobranceiras levantadas e sorrisos irônicos, mas um ou dois rostos mantiveram o ar interessado em sua calma fisionomia grisalha.

— Vai ser interessante — ele continuou falando — dedicar esta manhã a uma exposição, tanto quanto eu posso torná-la clara para vocês, dos cálculos que me levaram a esta conclusão. Vamos supor que...

Ele se virou para o quadro-negro, meditando sobre um diagrama do seu modo usual.

— O que foi aquilo sobre "viveu em vão"? — sussurrou um aluno para outro.

— Escute — disse o outro, acenando com a cabeça na direção do conferencista.

E, nesse instante, eles começaram a compreender.

* * *

Naquela noite a estrela nasceu mais tarde porque o seu próprio movimento para leste a tinha levado de alguma forma através de Leão, em direção a Virgem, e seu brilho era tão magnífico que o céu se tornou um azul luminoso enquanto ela subia e cada estrela era encoberta por sua vez, exceto apenas Júpiter, próximo do zênite, Capella, Aldebarã, Sírius e os ponteiros da Ursa[09]. Era muito branca e bela. Em muitas partes do mundo, naquela noite, um pálido halo a circundava. Estava perceptivelmente maior; no claro e refrativo céu dos trópicos, parecia como se fosse quase um quarto do tamanho da Lua. Na Inglaterra o gelo ainda estava no chão, mas o mundo estava tão brilhantemente iluminado como se fosse noite de luar no meio do verão. Podia-se enxergar o suficiente para ler um jornal barato com aquela luz clara e fria. Nas cidades as lâmpadas iluminavam amarelas e pálidas.

Em todos os lugares o mundo estava acordado aquela noite e por toda a cristandade um sombrio murmúrio pairava no ar penetrante sobre o campo, como o zumbido de abelhas na urze, e esse tumulto murmurante tornou-se um clangor nas cidades. Era o badalar dos sinos em um milhão de campanários e torres, convocando as pessoas a não mais dormir, a não mais pecar, a se reunir em suas igrejas e orar. E no alto, ficando maior e mais brilhante, enquanto a Terra girava no seu caminho e a noite passava, levantou-se a ofuscante estrela.

As ruas e as casas ficaram iluminadas em todas as cidades, os estaleiros resplandeciam e quaisquer estradas que levassem ao campo estavam iluminadas e cheias de gente a noite toda. Em todos os mares ao redor de terras civilizadas, navios com máquinas palpitando e embarcações com velas infladas, abarrotados

de homens e criaturas vivas, dirigiam-se para o oceano e para o norte. Porque o aviso do matemático já tinha sido telegrafado para todo o mundo e traduzido em uma centena de línguas. O novo planeta e Netuno, entrelaçados em um abraço de fogo, precipitavam-se cada vez mais rápido em direção ao Sol. A cada segundo essa massa ardente já viajava uma centena de milhas, a cada segundo a sua incrível velocidade aumentava. Do modo que voava agora, sem dúvida, deve passar a uma centena de milhões de milhas ao lado da Terra e mal afetá-la. Mas nas proximidades de sua trajetória prevista, ainda que apenas suavemente afetado, girava o poderoso planeta Júpiter e suas luas, orbitando esplêndidos em volta do Sol. Agora, a cada momento, a atração entre a estrela de fogo e o maior dos planetas tornava-se mais forte. E o resultado dessa atração? Inevitavelmente Júpiter seria desviado de sua órbita para o interior de uma trajetória elíptica e a estrela incandescente, deslocando-se, pela grande atração dele, de seu avanço em direção ao Sol, "descreveria uma trajetória curva" e talvez colidiria com a Terra, ou, certamente, passaria muito perto dela. "Terremotos, erupções vulcânicas, ciclones, maremotos, inundações e um aumento constante de temperatura a não sei qual limite", assim profetizou o matemático.

No alto, para cumprir suas palavras, solitária, fria e lívida, brilhava a estrela da catástrofe iminente.

Para muitos que a fitaram naquela noite até seus olhos doerem, parecia que estava visivelmente se aproximando. E naquela noite também o tempo mudou e a geada que assolava toda a Europa Central, a França e a Inglaterra abrandou para um degelo.

Mas não se deve imaginar, por eu ter falado em pessoas rezando noite adentro, pessoas embarcando em navios e pessoas fugindo para terras montanhosas, que o mundo inteiro já estava em terror por causa da estrela. Na verdade, os usos e costumes ainda governavam o mundo: exceto pela conversa dos momentos livres e do esplendor da noite, nove entre dez seres humanos estavam ainda atarefados em suas ocupações comuns. Em todas as cidades, as lojas, salvo uma aqui e outra ali, abriam e fechavam em suas devidas horas, o médico e o agente funerário exerciam seus ofícios, os trabalhadores se reuniam nas fábricas, soldados faziam seus treinamentos, acadêmicos estudavam, amantes buscavam um ao outro, ladrões emboscavam e fugiam, políticos planejavam seus esquemas. As impressoras dos jornais ecoavam pelas noites e muitos dos padres desta ou daquela igreja não abriam sua santa casa para promover o que consideravam um pânico insensato. Os jornais insistiam na lição do ano 1000,

quando as pessoas também previram o fim. A estrela não era uma estrela, era mero gás, era um cometa; e, se fosse uma estrela, não poderia eventualmente atingir a Terra. Não havia precedente para tal coisa. O senso comum era firme em todos os lugares, desdenhoso, sarcástico, um tanto inclinado a perseguir os medrosos petrificados. Naquela noite, às sete e quinze pelo horário de Greenwich, a estrela estaria em sua maior proximidade de Júpiter. Então o mundo veria o rumo que as coisas tomariam. Os preocupantes avisos do matemático foram tratados por muitos como mera autopropaganda muito bem elaborada. O senso comum, ao final, um pouco aquecido pelo debate, expressou sua inalterável convicção indo dormir. Assim também a barbárie e a selvageria, já cansadas da novidade, prestavam atenção em seus negócios noturnos e, exceto por um cão uivando aqui e ali, o mundo dos animais deixava a estrela ignorada.

Contudo, quando por fim os observadores nos Estados europeus viram a estrela nascer, uma hora mais tarde, é verdade, mas não maior do que tinha sido na noite anterior, havia ainda muitos acordados para rir do matemático, para considerar o perigo como se tivesse passado.

Mas daí em diante os risos cessaram. A estrela cresceu, cresceu com uma terrível constância, hora após hora, um pouco maior a cada hora, um pouco mais perto do zênite da meia-noite, mais e mais brilhante, até que tinha transformado a noite em um segundo dia. Tivesse vindo direto para a Terra, e não em uma trajetória curva, tivesse não perdido velocidade por causa de Júpiter, deveria ter transposto o abismo entre os dois em um dia, mas desse modo levou cinco dias no total para passar pelo nosso planeta. Na noite seguinte, ficou um terço do tamanho da Lua antes de se pôr para olhos ingleses, o degelo estava garantido. Ela apareceu sobre a América quase do tamanho da Lua, mas de um branco ofuscante ao olhar, e quente: uma lufada de vento quente agora soprava com seu nascer e ganho de força. Na Virgínia, no Brasil e pelo Vale do São Lourenço, ela brilhava intermitentemente entre uma névoa viajante de nuvens carregadas, relâmpagos de violeta cintilante e chuva de granizo sem precedentes. Em Manitoba[10] houve um degelo e inundações devastadoras. Sobre todas as montanhas da Terra a neve e o gelo começaram a derreter naquela noite e todos os rios vindos das terras altas fluíram cheios e turvos, e logo, em seus cursos superiores, com árvores e os corpos de animais e homens em redemoinho. Eles subiram de forma constante, constante na fantasmagórica claridade, e vieram, por fim, escoando sobre suas margens, atrás da população que fugia de seus vales.

Ao longo da costa da Argentina e subindo o Atlântico Sul, as marés eram maiores do que jamais tinham sido na memória dos homens, e as tempestades impeliram as águas, em muitos casos, muitas milhas para o interior, inundando cidades inteiras. O calor aumentou tanto durante a noite que o nascer do sol foi como a vinda de uma sombra. Os terremotos começaram e cresceram até que, por toda a América, do Círculo Polar Ártico ao Cabo Horn, encostas estavam deslizando, fissuras estavam se abrindo e casas e paredes caíam destruídas. Um lado inteiro do Cotopaxi[11] deslizou em uma vasta convulsão e um tumulto de lava foi expelido tão alto e extensamente, rápido e líquido, que em um dia alcançou o mar.

Desse modo a estrela, com a pálida Lua em sua esteira, marchou acima do Pacífico, arrastando temporais como a orla de um manto, e a crescente onda de maré que avançava atrás dela, espumante e impetuosa, derramou-se sobre ilhas e ilhas, removendo delas os homens. Até que a onda finalmente veio — em uma luz ofuscante e com o bafo de uma fornalha, rápida e terrível ela veio —, uma parede de água, cinquenta pés[12] de altura, rugindo avidamente, ao longo da extensa costa da Ásia, jorrando para o interior, pelas planícies da China. Por um tempo a estrela, mais quente agora, maior e mais brilhante que o Sol em toda sua intensidade, exibiu com esplendor impiedoso o grande e populoso país: cidades e vilas com seus pagodes e árvores, estradas, vastos campos cultivados, milhões de pessoas insones fitando com impotente terror o céu incandescente; então, baixo e crescendo, veio o murmúrio da inundação. Assim foi com milhões de homens aquela noite, uma migração sem destino, com os membros pesados pelo calor e a respiração ofegante e escassa, tendo a inundação como uma parede veloz e branca atrás. Depois, a morte.

A China se iluminou de branco incandescente, mas sobre o Japão, Java e todas as ilhas do Leste Asiático, a grande estrela era uma bola de fogo vermelho-escuro por causa do vapor, fumaça e cinzas dos vulcões que estavam entrando em erupção para saudar sua vinda. Acima estava a lava, gases quentes e cinzas; abaixo, as inundações irrefreáveis, e a Terra inteira oscilava e estrondeava com os choques de terremotos. Logo, as neves imemorais do Tibete e do Himalaia estavam derretendo e vertendo por dez milhões de canais profundos, convergindo para as planícies da Birmânia e Hindustão[13]. As alturas emaranhadas das selvas indianas ficaram em chamas em mil lugares; abaixo, nas águas impetuosas, em torno dos troncos estavam silhuetas escuras que ainda lutavam debilmente e espelhavam as línguas de fogo de vermelho-sangue. Numa confusão desgovernada, uma multidão de homens e mulheres fugiu pelo largo

rio abaixo, caminho para aquela última esperança da humanidade, o mar aberto.

Maior ficou a estrela, e ainda maior, mais quente e mais brilhante, com uma terrível rapidez agora. O oceano tropical tinha perdido sua fosforescência, o turbilhão de vapor subiu em guirlandas fantasmagóricas vindas das ondas negras que arrebatavam incessantemente, salpicadas com navios abalados pela tempestade.

Então aconteceu algo espantoso. Pareceu àqueles que na Europa esperavam o nascer da estrela que o mundo devia ter cessado sua rotação. Em milhares de espaços abertos de terras baixas e altas, as pessoas que para lá tinham fugido das inundações, das casas desabando e dos deslizamentos das encostas dos morros ficaram de vigília por seu nascer, mas em vão. Hora após hora em um terrível suspense, e a estrela não surgia. Mais uma vez os homens puseram seus olhos nas velhas constelações que tinham considerado perdidas para sempre. Na Inglaterra estava quente e claro a céu aberto, embora o chão vibrasse perpetuamente, mas, nos trópicos, Sírius, Capella e Aldebarã se mostravam através de um véu de vapor. Quando finalmente a grande estrela nasceu aproximadamente dez horas atrasada, o Sol nasceu perto dela, e no centro de seu coração branco estava um disco negro.

Foi sobre a Ásia que a estrela tinha começado a cair atrás do movimento do céu; então, subitamente, enquanto se projetava sobre a Índia, sua luz foi encoberta. Toda a planície da Índia, da foz do Indo à foz do Ganges[14], era uma arrasada depressão de água brilhante naquela noite, sobre a qual se elevavam templos e palácios, morros e colinas, cheios de pessoas. Cada minarete era uma massa agrupada de pessoas, que caíam uma a uma em águas turvas, à medida que o calor e o terror as venciam. A região inteira parecia gemer; repentinamente, ali, sobre aquela fornalha de desespero, correram uma sombra, uma lufada de vento frio e uma formação de nuvens de ar refrescante. Os homens, olhando para cima, quase cegos pela estrela, viram que um disco negro se movia lentamente pela luz. Era a Lua, vindo entre a estrela e a Terra. Enquanto os homens louvavam a Deus por essa trégua, a leste, com uma estranha e inexplicável rapidez, despontou o Sol. Então a estrela, o Sol e a Lua correram juntos pelos céus.

Assim, nesse momento, para os observadores europeus, a estrela e o Sol nasceram perto um do outro, passaram com rapidez por um tempo, depois mais lentos, e finalmente vieram a se pôr, estrela e Sol mesclados em uma só claridade de chama no zênite do céu. A Lua já não causava eclipse na estrela, mas

desapareceu de vista no brilho do céu. Embora a maior parte daqueles que ainda estavam vivos viam tudo com aquela embotada estupidez que a fome, a fadiga, o calor e o desespero engendram, ainda havia homens que podiam perceber o significado desses sinais. Estrela e Terra haviam estado em sua maior aproximação, abalaram-se mutuamente, e a estrela havia passado. Já estava se afastando, cada vez mais rápido, no último estágio de sua vertiginosa jornada para o interior do Sol.

Então as nuvens se formaram, obliterando a visão do céu, o trovão e o relâmpago teceram uma veste à volta do mundo, por toda a Terra caíram chuvas torrenciais como os homens nunca antes tinham visto e onde os vulcões lançavam vermelho contra o dossel de nuvens, de lá desciam torrentes de lama. Em todo lugar as águas estavam afluindo para fora das terras, deixando ruínas obstruídas com lama, e a terra se espalhou como uma praia devastada pela tempestade, com tudo o que tinha flutuado e os corpos mortos dos homens e animais, e de sua descendência. Por dias a água correu para longe das terras, varrendo o solo, as árvores e as casas no caminho, empilhando enormes diques e escavando sulcos titânicos sobre os campos. Esses foram os dias de trevas que se seguiram à estrela e ao calor. Ao longo deles, e por muitas semanas e meses, os terremotos continuaram.

Mas a estrela tinha passado, e os homens, movidos pela fome e reunindo coragem muito lentamente, puderam se arrastar de volta para suas cidades arruinadas, celeiros enterrados e campos encharcados. Do mesmo modo, os poucos navios que tinham escapado das tempestades daquele tempo vieram abalroados e avariados, sondando seu caminho cautelosamente por novos marcos e enseadas de portos antes conhecidos. Quando as tempestades amainaram, os homens perceberam que em todo lugar os dias estavam mais quentes que os de outrora; e o Sol, maior; e a Lua, reduzida a um terço de seu tamanho anterior, levava agora oitenta dias entre duas novas[15].

Mas, da nova fraternidade que nasceu entre os homens nesse momento, da recuperação de leis, livros e máquinas, da estranha mudança que sobreveio à Islândia, à Groenlândia e às margens da baía de Baffin[16], de modo que os marinheiros, chegando lá, agora as encontraram verdes e graciosas, e dificilmente podiam acreditar em seus olhos, esta história não trata. Nem do movimento da humanidade, agora que a Terra estava mais quente, para o norte e para o sul, em direção aos polos. Ela se preocupa apenas com a chegada e a passagem da Estrela.

O astrônomos marcianos — pois existem astrônomos em Marte, embora sejam seres muito diferentes dos homens — naturalmente estavam interessados a fundo nesses acontecimentos. Eles os viram a partir de seu próprio ponto de vista, é claro. "Considerando a massa e a temperatura do projétil que foi lançado através do nosso sistema solar para o interior do Sol," um escreveu, "é impressionante o pequeno dano que sofreu a Terra, a qual ele não acertou por pouco. Todos os conhecidos limites continentais e as massas dos mares permanecem intactos; de fato, a única diferença parece ser uma diminuição da descoloração branca (supostamente água congelada) à volta de cada polo." O que só mostra o quão pequena a mais vasta das catástrofes humanas pode parecer a uma distância de alguns milhões de milhas.

NO ABISMO

"Vocês pensaram que eu não deveria achar nada, a não ser lodo [...]"

O tenente parou em frente da esfera de aço e mastigou uma lasca de pinheiro[17].

— O que você acha disso, Steevens? — perguntou.

— É uma ideia — disse Steevens, no tom de quem mantém a mente aberta.

— Eu acredito que ela vai ser esmagada, achatada — disse o tenente.

— Ele parece ter calculado tudo muito bem — disse Steevens, ainda imparcial.

— Mas pense na pressão — disse o tenente. — Na superfície da água é catorze libras por polegada, trinta pés abaixo, é o dobro disso; sessenta, o triplo; noventa, quatro vezes; novecentos, quarenta vezes; cinco mil e trezentos (que é uma milha) é duzentos e quarenta vezes quatorze libras, que é, vamos ver..., trinta quintais, uma tonelada e meia, Steevens, uma tonelada e meia por polegada quadrada. E o oceano aonde ele vai tem cinco milhas de profundidade. Isso é sete e meio...[18]

— Parece um bocado — disse Steevens —, mas é aço bem espesso.

O tenente não deu resposta, apenas retomou sua lasca de pinheiro. O objeto de sua conversa era uma imensa bola de aço, com um diâmetro exterior de cerca de nove pés. Parecia a bala de alguma colossal peça de artilharia. Estava encaixada elaboradamente em um monstruoso sistema de andaimes móveis construído dentro da estrutura da embarcação, e os mastros gigantesco, que em breve a estariam erguendo ao mar, deram à popa do navio uma aparência que tinha suscitado a curiosidade de cada marinheiro decente que a tinha visto, dos cais de Londres ao Trópico de Capricórnio. Em dois lugares, um em cima do outro, o aço dava lugar a um par de vigias circulares, de vidros enormemente grossos, e uma delas, montada em um caixilho de aço de grande solidez, estava agora

parcialmente desparafusada. Os dois homens tinham visto o interior desse globo pela primeira vez naquela manhã. Ele era cuidadosamente revestido de colchões de ar, com pequenos botões afundados entre almofadas salientes para operar o mecanismo simples do aparelho. Tudo era cuidadosamente acolchoado, até o aparato de Myers[19], para absorver ácido carbônico e reciclar o oxigênio inspirado por seu ocupante, quando se introduzisse pela abertura da vigia a ser aparafusada. Era tão cuidadosamente acolchoado que um homem dentro dele poderia ser disparado de um canhão com perfeita segurança. E tinha de ser assim, porque logo um homem teria de passar pela abertura dessa vigia de vidro, que seria aparafusada firmemente, para ser arremessado ao mar, e afundar, afundar, afundar cinco milhas, exatamente como o tenente disse. Ele tinha se deixado levar pela mais forte impressão de sua imaginação, o que o tornou maçante; então encontrou Steevens, o novo membro a bordo, um enviado de Deus com quem falar sobre o assunto, repetidas vezes.

— Minha opinião é — disse o tenente — que o vidro simplesmente vai se curvar, abaular e se espatifar sob uma pressão dessas. Daubrée[20] fez rochas escorrerem como água sob grandes pressões —, anote minhas palavras.

— Se o vidro se quebrasse — disse Steevens —, o que aconteceria?

— A água dispararia para dentro como um jato de ferro. Você já sentiu um jato direto de água de alta pressão? Seria um impacto tão forte quanto o de uma bala. Simplesmente o deixaria esmagado e achatado. Romperia sua garganta e o interior de seus pulmões, seus ouvidos explodiriam.

— Que imaginação detalhista você tem! — protestou Steevens, que via as coisas de modo nítido.

— É um simples relato do inevitável — disse o tenente.

— E o globo?

— Apenas expeliria algumas pequenas bolhas e iria se assentar confortavelmente na expectativa do dia do juízo, entre os sedimentos e a lama do fundo, com o pobre Elstead espalhado sobre seus próprios colchões de ar esmagados, como manteiga no pão.

Ele repetiu essa frase como se tivesse gostado muito dela:

— Como manteiga no pão.

— Verificando o guindaste? — disse uma voz.

Elstead se encontrava atrás deles, bem-vestido de branco, com um cigarro entre os dentes e um olhar bem-humorado saindo da sombra de seu amplo chapéu de aba.

— Que é isso de pão com manteiga, Weybridge? Resmungando como de costume sobre o salário insuficiente dos oficiais da Marinha? Agora não vai demorar mais que um dia para eu embarcar. Estamos para receber as eslingas[21] prontas hoje. Este céu limpo e esta suave ondulação é exatamente a condição adequada para içar ao mar uma dúzia de toneladas de chumbo e ferro, não é?

— Isso não vai afetá-lo muito — disse Weybridge.

— Não. Setenta ou oitenta pés abaixo, e eu estarei lá em uma dúzia de segundos, não há uma partícula em movimento, mesmo que o vento áspero uive acima e a água se eleve até a metade do caminho das nuvens. Não. Lá embaixo...

Ele se dirigiu para a amurada do navio e os outros dois o seguiram. Os três, apoiados nos cotovelos, se inclinaram e olharam abaixo, para a água amarelo-esverdeada.

— Paz — disse Elstead, terminando seu raciocínio em voz alta.

— Você está totalmente certo de que esse mecanismo de relógio vai funcionar?
— perguntou Weybridge em seguida.

— Ele funcionou trinta e cinco vezes — disse Elstead. — Com certeza dará certo.

— Mas e se não?

— Por que não daria?

— Eu não desceria nessa coisa infernal — disse Weybridge — nem por vinte mil libras.

— Sujeito animador você é — disse Elstead, e cuspiu de modo sociável em uma bolha abaixo.

— Eu não entendo ainda como você pretende operá-la — disse Steevens.

— Em primeiro lugar, sou fechado na esfera[22], a vigia é aparafusada — disse Elstead — e quando tiver ligado e desligado a luz elétrica três vezes para mostrar que estou bem, sou içado sobre a popa por aquele guindaste, com todos aqueles grandes pesos de chumbo presos por eslingas embaixo de mim. O peso de chumbo superior possui um rolo carregado com cem braças[23] de corda resistente, e isso é tudo o que junta as chumbadas à esfera, exceto pelas eslingas, que serão cortadas quando o aparelho baixar. Nós usamos corda em vez de cabos de aço porque é mais fácil cortar e mais flutuante, detalhes necessários, como vocês verão.

— Através de cada um desses pesos de chumbo — continuou Elstead —, vocês veem que há um furo; uma haste de ferro vai ser passada por aí e se projetará para fora seis pés no lado mais baixo. Se essa haste for forçada por baixo, ela golpeia para cima uma alavanca que põe em movimento o mecanismo de relógio ao lado do cilindro no qual a corda se enrola. Muito bem, todo o aparelho é afundado suavemente na água e as eslingas são cortadas. A esfera flutua (com o ar dentro dela, é mais leve que a água), mas os pesos de chumbo vão direto para baixo e a corda desenrola. Quando a corda for toda estendida, a esfera vai descer também, puxada por ela.

— Mas por que a corda? — perguntou Steevens. — Por que não manter os pesos fixados diretamente à esfera?

— Por causa do impacto por baixo no fundo. Todo o aparelho descera cada vez mais rápido, milha após milha, em um ritmo intenso no final. Ela se faria em pedaços no fundo, se não fosse por essa corda. Mas os pesos vão chegar ao fundo, e assim que chegarem, a leveza da esfera vai entrar em ação. Ela vai continuar afundando cada vez mais devagar, enfim vai chegar a parar, então vai começar a flutuar para cima de novo.

— É aqui que o mecanismo de relógio entra — continuou Elstead. — Assim que os pesos colidirem contra o fundo do mar, a haste será empurrada para cima, acionará o mecanismo de relógio e a corda será enrolada de novo no carretel. Eu serei puxado para o fundo do mar. Ali vou ficar por meia hora, com a luz elétrica

ligada, olhando ao redor. Em seguida, o mecanismo liberará uma faca automática, a corda será cortada e para cima eu dispararei de novo, como uma bolha de refrigerante. A própria corda ajudará na flutuação.

— E se você por acaso acertar um navio? — perguntou Weybridge.

— Eu viria com tanta força, que passaria por dentro dele — disse Elstead — como uma bala de canhão. Você não precisa se preocupar com isso.

— E suponha que algum ágil crustáceo se infiltre em seu mecanismo de relógio...

— Seria uma espécie de convite urgente para eu parar — disse Elstead, virando as costas para a água e fitando a esfera.

* * *

Eles tinham içado Elstead ao mar por volta das onze horas. O dia estava calmo e claro o suficiente, com o horizonte escondido na neblina. A claridade da luz elétrica no pequeno compartimento superior apareceu bem nítida três vezes. Em seguida, lentamente o baixaram para a superfície da água, e um marinheiro se inclinou no rebordo da popa, pronto para cortar o equipamento que mantinha os pesos de chumbo e a esfera juntos. O globo, que era tão grande no convés, pareceu a menor coisa concebível sob a popa do navio. Ele rolou um pouco e suas duas vigias escuras, que ficaram acima da água, deram a impressão de olhos voltados para o alto, para a admiração da tripulação em volta, que lotava a amurada. Uma voz perguntou como Elstead sentiu o rolamento.

— Vocês estão prontos? — bradou o comandante.

— Sim; sim, senhor!

— Então soltem-no!

O cabo estirou em contato com a lâmina e foi cortado, um redemoinho ondulou à volta do globo de um modo estranhamente tênue. Uma pessoa acenou com um

lenço, outra tentou um inútil viva, um aspirante estava contando lentamente:

— Oito, nove, dez!

Outro rolamento. Então, com um solavanco e uma esguichada, ele se endireitou.

Parecia estar parado por um momento, para depois ficar rapidamente menor; então a água se fechou sobre ele, mas o deixando visível, ampliado pela refração e translucidez abaixo da superfície. Antes que pudessem contar até três, tinha desaparecido. Havia uma trêmula luz branca distante na água, que se reduziu a um ponto e desvaneceu. Então não havia nada além de uma profundidade de água se estendendo na escuridão, através da qual um tubarão estava nadando.

Subitamente, a hélice do cruzador começou a girar, a água foi agitada, o tubarão desapareceu em uma silhueta ondulada e uma torrente de espuma correu pela claridade cristalina que tinha engolido Elstead.

— Qual é o plano? — disse um marinheiro[24] ao outro.

— Vamos nos posicionar a cerca de duas milhas, tememos que ele nos atinja quando vier à superfície — disse seu camarada.

O vapor navegou lentamente para sua nova posição. A bordo dele quase todos que estavam desocupados ficaram acompanhando a ondulação agitada na qual a esfera tinha afundado. Na meia hora seguinte é difícil de acreditar que alguma palavra foi dita que não se relacionasse direta ou indiretamente com Elstead. O sol de dezembro agora estava alto no céu e o calor bastante considerável.

— Ele vai ficar com bastante frio lá embaixo — disse Weybridge. — Dizem que, abaixo de uma determinada profundidade, a água do mar sempre está prestes a congelar.

— Onde ele vai emergir? — perguntou Steevens. — Eu perdi minha orientação.

— Aquele é o ponto — disse o comandante, que se orgulhava de sua onisciência.

Estendeu um dedo precisamente para o sudeste.

— E este, eu suponho, já é quase o momento — disse. — Faz trinta e cinco minutos que ele está lá.

— Quanto tempo leva para atingir o fundo do oceano? — perguntou Steevens.

— Para uma profundidade de cinco milhas e considerando, como fizemos, uma aceleração de dois pés por segundo, em ambos os sentidos, leva apenas três quartos de minuto aproximadamente.

— Então ele está atrasado — disse Weybridge.

— Por pouco — disse o comandante. — Eu suponho que leve alguns minutos para aquela corda enrolar.

— Eu me esqueci disso — disse Weybridge, evidentemente aliviado.

Então começou o suspense. Um minuto transcorreu lentamente e nenhuma esfera se projetou para fora da água. Outro se seguiu e nada atravessou a pequena ondulação oleosa. Os marinheiros explicavam uns aos outros o detalhe sobre o enrolamento da corda. O cordame ficou apinhado de fisionomias ansiosas.

— Suba, Elstead! — berrou um marinheiro impaciente de peito cabeludo, e os demais o seguiram, gritando como se estivessem esperando a cortina de um teatro subir.

O comandante olhou-os de relance com irritação.

— É claro que, se a aceleração é menor que dois — disse —, ele vai demorar mais. Não estamos absolutamente certos de que os números eram exatos. Eu não acredito cegamente em cálculos.

Steevens concordou de forma concisa. Ninguém no tombadilho falou por alguns minutos. Então o estojo do relógio de Steevens deu um clique.

Quando, vinte e um minutos depois, com o sol alcançando o zênite, eles ainda estavam à espera de o globo reaparecer e nenhum homem a bordo tinha tido a coragem de sussurrar que a esperança estava perdida. Foi Weybridge quem primeiro expressou essa compreensão. Ele falou enquanto o som de oito badaladas[25] ainda ressoava no ar.

— Eu sempre desconfiei daquela vigia — disse subitamente para Steevens.

— Meu Deus! — disse Steevens — você não acha que...

— Bem... — disse Weybridge, e deixou o resto para sua imaginação.

— Eu particularmente não sou um grande crente em cálculos — disse o comandante em dúvida —, de modo que não estou completamente sem esperança ainda.

* * *

À meia-noite a canhoneira navegava lentamente em espiral à volta do ponto onde o globo tinha afundado e o feixe branco da luz elétrica passava, parava e varria insatisfeito à frente, de novo, o vazio de águas fosforescentes sob as pequenas estrelas.

— Se sua vigia não estourou e o esmagou — disse Weybridge —, então é um maldito cenário ainda pior, porque o mecanismo de relógio falhou, e ele está vivo agora, a cinco milhas sob nossos pés, lá embaixo, no frio e escuro, ancorado naquela sua bolha, onde nunca um raio de luz brilhou ou um ser humano viveu, desde que as águas foram reunidas. Ele está lá sem comida, sentindo fome e sede, assustado, perguntando se vai morrer de fome ou sufocar. O que vai ser? O aparato de Myers está se esgotando, eu suponho. Quanto tempo eles duram?

— Céus! — exclamou ele — que insignificantes nós somos! Pequenos diabos atrevidos! Lá embaixo, milhas e milhas de água, apenas água, e todo este espaço de água a nossa volta e este céu. Golfos!

Ele levantou as mãos, e quando o fez, uma pequena linha branca percorreu silenciosamente o céu, moveu-se mais devagar e parou, tornando-se um ponto imóvel, como se uma nova estrela tivesse surgido no céu. Em seguida, ela foi deslizando para trás novamente e se perdeu entre os reflexos das estrelas e da névoa branca da fosforescência do mar.

Diante do avistamento, ele parou, de braço estendido e boca aberta. Fechou a boca, abriu-a novamente e acenou com seus braços, gesticulando impaciente. Depois, virou-se e gritou:

— El-stead, ó de bordo! — para o primeiro vigia, e foi correndo para Lindley e o

holofote. — Eu o vi — disse. — Lá, a estibordo[26]! Sua luz está acesa, ele acabou de vir à tona. Traga a luz para perto. Devemos vê-lo à deriva, quando levanta na ondulação.

Mas não encontraram o explorador até o amanhecer. Então quase o abalroaram. O guindaste girou para fora e o pessoal do bote enganchou a corrente à esfera. Assim que a embarcaram, desparafusaram a vigia e vasculharam na escuridão do interior (porque a câmara da luz elétrica era destinada a iluminar a água ao redor da esfera e era inteiramente separada de seu compartimento principal).

O ar estava muito quente no interior do compartimento e a borracha na borda da vigia estava amolecida. Não houve nenhuma resposta para os chamados impacientes e nenhum som de movimento no interior. Elstead parecia estar deitado imóvel e encolhido no fundo do globo. O médico do navio passou pela abertura e o ergueu para os homens do lado de fora. Por um momento não sabiam se Elstead estava vivo ou morto. Seu rosto, à luz amarela das lâmpadas do navio, brilhava com o suor. Levaram-no para baixo, para sua própria cabine.

Ele não estava morto, constataram, mas em um estado de absoluto colapso nervoso e, além disso, dolorosamente contundido. Por alguns dias precisou repousar totalmente imóvel. Passou uma semana antes que pudesse contar suas experiências.

Praticamente, suas primeiras palavras foram que desceria de novo. A esfera teria de ser modificada, disse, para permitir lançar fora a corda, se necessário, e isso era tudo. Ele tinha tido a mais incrível experiência.

— Vocês pensaram que eu não deveria achar nada, a não ser lodo — disse. — Vocês riram de minhas explorações, e eu descobri um novo mundo!

Ele nos contou sua história em fragmentos desconexos e, além do mais, começando pelo final, de modo que é impossível recontar nas palavras dele. Mas o que segue é a narrativa de sua experiência.

Começou terrível, ele disse. Antes de a corda desenrolar até o fim, tudo se manteve rolando. Ele se sentiu como um sapo dentro de uma bola de futebol. Não podia ver nada, a não ser o guindaste e o céu acima, com um relance ocasional dos homens na amurada do navio. Não podia prever em qual direção ia rolar em cada vez. De repente, percebia seus pés subindo e tentava pisar, mas de novo começava a rolar, de pernas para o ar, e daí a pouco, inesperadamente, no

acolchoado. Qualquer outro formato teria sido mais confortável, mas nenhum outro seria confiável sob a enorme pressão do mais profundo abismo.

De repente o balanço cessou, o globo se endireitou e, quando tinha se colocado de pé, viu a água azul-esverdeada em toda a volta, com uma luz atenuada se infiltrando de cima para baixo, e um cardume de pequenas coisas flutuantes passou veloz por ele, como lhe pareceu, em direção à luz. Ao mesmo tempo que olhava, foi ficando cada vez mais escuro, até que a água acima estava mais escura que o céu da meia-noite, apesar de uma sombra verde, e a água abaixo, negra. E pequenas coisas transparentes na água revelavam uma tênue cintilação luminosa e disparavam diante dele em fracos riscos esverdeados.

E a sensação de queda! Exatamente com em um elevador, disse, só que continuava. É preciso imaginar o que isso significa, aquele continuar caindo. Foi então que Elstead se arrependeu de sua aventura. Viu as chances contra ele de uma perspectiva totalmente nova. Pensou na grande sépia que as pessoas sabiam existir nas águas intermediárias, o tipo de criaturas que às vezes se encontram semidigeridas dentro de baleias, ou flutuando mortas e podres, em parte comidas pelos peixes. Suponha que uma delas se agarrasse e não soltasse mais. E o mecanismo de relógio tinha realmente sido suficientemente testado? Mas, se ele quisesse ir ou voltar, não importava nada agora.

Em cinquenta segundos tudo do lado de fora estava tão negro quanto a noite, exceto onde seu feixe de luz incidia sobre as águas e distinguia de vez em quando alguns peixes ou restos de materiais afundados. Passavam rápido demais para ele ver o que eram. Uma vez ele pensou que passava um tubarão. Então a esfera começou a ficar quente pelo atrito contra a água. Parece que haviam subestimado isso.

A primeira coisa que notou foi que estava transpirando; em seguida, ouviu um assobio cada vez mais alto debaixo de seus pés e viu muitas bolhas pequenas, bem pequenas, subindo como um leque pela água do lado de fora. Vapor! Tocou a janela, estava quente. Acendeu a diminuta lâmpada incandescente que iluminava seu próprio compartimento, olhou para o relógio embutido perto dos botões e viu que tinha viajado por dois minutos. Veio-lhe à mente que a vigia poderia rachar por causa do choque de temperaturas, pois sabia que a água do fundo está muito perto de congelar.

Subitamente, o piso da esfera parecia pressionar seus pés, o fluxo de bolhas do

lado de fora foi parando e o assobio diminuiu. A esfera rolou um pouco. A janela não tinha rachado, nada tinha acontecido; ele sabia que os perigos de naufrágio, de qualquer forma, tinham terminado.

Em mais um minuto aproximadamente ele estaria no fundo do abismo. Disse que pensou em Steevens, Weybridge e nos demais a cinco milhas acima, mais altos em relação a ele que as mais altas nuvens que já pairaram sobre a terra em relação a nós, navegando lentamente e olhando para baixo, querendo saber o que tinha acontecido com ele.

Olhou atentamente pela vigia. Não havia mais bolhas agora e o assobio tinha parado. Do lado de fora havia uma grande escuridão, tão negra quanto o veludo negro, exceto onde a luz elétrica se propagava pela água vazia e mostrava sua cor, um amarelo-esverdeado. Então três objetos, como contornos de fogo, nadaram à sua vista, seguindo um ao outro pela água. Se eram pequenos e próximos ou grandes e distantes, ele não podia dizer.

Cada um estava contornado por uma luz azulada quase tão brilhante quanto as luzes de uma chalupa, uma luz que parecia lançar muito vapor, e ao longo dos seus lados estavam manchas semelhantes, como as vigias mais luminosas de um navio. Sua fosforescência parecia se extinguir conforme vinham para a radiância de sua lâmpada e ele viu que eram pequenos peixes de alguma espécie desconhecida, com cabeças imensas, olhos enormes e corpos e caudas reduzidos. Como seus olhos estavam voltados para ele, julgou que o estavam seguindo na descida. Supôs que eram atraídos por seu brilho.

Logo outros da mesma espécie se juntaram a eles. Conforme descia, notou que a água se tornava de uma cor pálida e pequenas partículas cintilavam em sua luz como grãos de poeira em um raio de sol. Provavelmente devido às nuvens de sedimento e lama que o impacto dos pesos de chumbo havia agitado.

Enquanto era puxado para baixo, em direção aos pesos de chumbo, estava em uma densa turvação branca pela qual sua luz elétrica falhava completamente em se propagar por mais de algumas jardas[27], e muitos minutos decorreram antes que as camadas de sedimento em suspensão baixassem em alguma medida. Depois, iluminado por sua luz e pela fosforescência provisória de um cardume distante, ele foi capaz de ver, sob a enorme escuridão da água sobrejacente, uma expansão ondulante de sedimentos branco-acinzentados, interrompida aqui e ali por tufo emaranhados de um campo de lírios-do-mar, que agitavam seus braços

vorazes a esmo.

Mais adiante estavam os graciosos e translúcidos contornos de um grupo de gigantescas esponjas. Sobre este solo havia espalhado um número de tufo achatados eriçados, de vivos púrpura e preto, que ele julgou ser alguma espécie de ouriço-do-mar, e pequenas criaturas, de grandes olhos ou cegas, tendo uma curiosa semelhança, algumas com tatuzinhos-de-jardim, outras com lagostas, que se arrastavam lentamente através da faixa de luz e desapareciam na escuridão novamente, deixando trilhas cavadas atrás delas.

Subitamente, a multidão flutuante de pequenos peixes deu uma guinada e veio em direção a ele, como um voo de estorninhos podia fazer. Passaram por cima como uma neve fosforescente; em seguida, ele viu atrás deles alguma criatura maior, avançando em direção à esfera.

À primeira vista, podia vê-la apenas de modo turvo, uma figura se movendo debilmente, remotamente lembrando um homem caminhando, mas depois ela entrou no jato de luz que a lâmpada projetava. Assim que a claridade a atingiu, ela fechou os olhos, ofuscada. Elstead arregalou os olhos em rígido espanto.

Era um estranho animal vertebrado. Sua cabeça, de uma cor púrpura escura, sugeria vagamente um camaleão, mas tinha tal fronte alta e tal caixa craniana como nenhum réptil exibiu antes; a distância vertical de sua face mostrava uma extraordinária semelhança com um ser humano.

Dois grandes e protuberantes olhos se projetavam de órbitas como as dos camaleões e tinha uma grande boca reptiliana com lábios córneos debaixo de suas pequenas narinas. Na posição das orelhas ficavam duas enormes coberturas de brânquias, das quais flutuava uma ramificação de filamentos coralinos, quase como as brânquias ramificadas que filhotes bem pequenos de arraias e tubarões possuem.

Mas o aspecto humano do rosto não era o fato mais extraordinário sobre a criatura. Era um bípede; seu corpo quase esférico ficava apoiado sobre um tripé de duas pernas semelhantes às de rãs e uma cauda longa e espessa; nos seus membros anteriores, grotescamente caricaturando a mão humana, como uma rã, carregava uma longa haste feita de osso com ponta de cobre. A criatura era de diversas cores; sua cabeça, mãos e pernas eram da cor púrpura; mas sua pele, que pendia frouxamente sobre ela, exatamente como as roupas podem ficar, era

um cinza fosforescente. E ela ficou ali, cega pela luz.

Por fim, essa desconhecida criatura do abismo piscou seus olhos e, protegendo-os com sua mão livre, abriu sua boca e deu vazão a um som de grito, articulado quase como uma fala, que atravessou até mesmo o compartimento de aço e o revestimento acolchoado da esfera. Como um grito pode ser emitido sem pulmões Elstead não faz ideia. Ela então se moveu em diagonal, fora do clarão, encoberta pela sombra que a limitava de cada lado, e Elstead, sem ver, sentiu que estava vindo em direção a ele. Imaginando que a luz a tinha atraído, virou a chave que cortava a corrente. Em outro momento, algo maleável bateu levemente sobre o aço, e o globo balançou.

Em seguida, o grito foi repetido e pareceu que um eco distante havia respondido a ele. A batida se repetiu e o globo se inclinou, rangendo contra o carretel no qual o cabo foi enrolado. Ele se levantou na escuridão e espreitou a eterna noite do abismo. E logo viu, bastante indefinidos e distantes, outras formas fosforescentes quase humanas correndo em direção a ele.

Mal sabendo o que fazia, bateu, em sua prisão oscilante, em busca do botão da luz elétrica exterior, mas, por acidente, apoiou-se em sua pequena lâmpada pessoal, em seu recesso acolchoado. A esfera virou, derrubando-o; ele ouviu gritos, como gritos de surpresa, e quando se levantou, viu dois pares de olhos protuberantes espreitando a janela inferior e refletindo sua luz.

Em outro momento, estavam batendo energicamente em seu invólucro de aço e havia um som, horrível o suficiente na situação em que se encontrava, da proteção metálica do mecanismo de relógio sendo vigorosamente martelada. O que, certamente, fez seu coração sair pela boca, porque, se essas estranhas criaturas conseguissem pará-lo, sua liberação nunca poderia ocorrer. Mal tinha pensado nisso, sentiu a esfera balançar violentamente e o piso pressionar fortemente contra seus pés. Desligou a pequena lâmpada que iluminava o interior e lançou o raio da luz maior na direção do compartimento separado, do lado de fora, na água. O fundo do mar e as criaturas humanoides haviam desaparecido e um par de peixes perseguindo um ao outro desceu de repente pela vigia.

Imediatamente pensou que esses estranhos habitantes do fundo do mar haviam rompido a corda e que ele tinha escapado. Ele subiu cada vez mais rápido e então parou com um solavanco que o mandou voando contra o teto acolchoado

de sua prisão. Por meio minuto, talvez, estava atônito demais para pensar.

Em seguida, sentiu que a esfera estava girando lentamente e sacudindo, parecendo que também estava sendo puxada através da água. Agachando-se perto da vigia, conseguiu usar seu peso para rolar aquela parte da esfera para baixo, mas não pôde ver nada, a não ser o pálido raio de sua luz caindo sem resultado nas trevas. Ocorreu-lhe que poderia ver mais se desligasse a lâmpada e permitisse que seus olhos se acostumassem com a profunda escuridão.

Ele foi sábio. Depois de alguns minutos, a escuridão aveludada tornou-se translúcida; em seguida, de muito longe e tão fracas como a luz zodiacal de uma noite de verão inglesa, ele viu formas se movendo abaixo. Julgou que essas criaturas tinham desprendido seu cabo e o estavam rebocando ao longo do fundo do mar.

Então viu algo tênue e distante através das ondulações do plano submarino, um amplo horizonte de fraca luminosidade que se estendia de lado a lado, até onde o campo de visão de sua pequena vigia lhe permitia ver. Para lá estava sendo rebocado, como um balão pode ser rebocado pelos homens, do campo aberto para uma cidade. Ele foi se aproximando muito lentamente, e muito lentamente a irradiação embaçada se concentrou em formas mais definidas.

Eram quase cinco horas ao chegar à área luminosa; a essa altura, ele podia distinguir um arranjo que indicava ruas e casas agrupadas sobre um vasto edifício sem teto que grotescamente sugeria uma abadia em ruínas. Estendia-se como um mapa abaixo dele. As casas eram todas recintos de paredes sem teto; sendo sua substância, como ele depois viu, de ossos fosforescentes, dando ao lugar uma aparência como se fosse construído de luar submerso.

Entre as cavernas interiores do lugar, pedúnculos de crinoides[28] agitados estendiam seus tentáculos, esponjas altas, delgadas e vítreas cresciam como brilhantes minaretes, e também lírios-do-mar de luz diáfana, excedendo o brilho comum da cidade. Nos espaços abertos do lugar, ele podia ver um movimento agitado como de bandos de pessoas, mas estava muitas braças acima deles para distinguir os indivíduos nesses bandos.

Em seguida, lentamente o puxaram para baixo e, na medida que assim faziam, os detalhes do lugar se infiltraram lentamente em sua percepção. Viu que as fileiras dos turvos edifícios eram demarcadas por linhas ornadas de objetos redondos;

depois percebeu que, em vários pontos abaixo dele, em amplos espaços abertos, estavam formas como os contornos incrustados de navios.

Devagar e certo ele foi puxado, e as formas abaixo dele se tornaram mais brilhantes, claras e distintas. Percebeu que ia sendo puxado em direção ao grande edifício no centro da cidade e podia ver de relance, sem interrupção, as numerosas formas que estavam arrastando sua corda. Ficou perplexo ao ver que o cordame de um dos navios, transformado numa importante utilidade do lugar, estava abarrotado com um bando de figuras que gesticulavam e o fitavam; em seguida, as paredes do grande edifício subiram silenciosamente à sua volta, escondendo a cidade de seus olhos.

E que paredes eram, de madeira saturada de água, cabo de arame trançado, mastros de ferro e cobre e os ossos e crânios de mortos. Os crânios seguiam em zigue-zagues, espirais e curvas fantásticas sobre o edifício; dentro e fora de suas órbitas oculares, e sobre toda a superfície do local, uma infinidade de pequenos peixes prateados se escondia e ondeava.

Subitamente, seus ouvidos foram preenchidos de um clamor baixo e um ruído como o violento sopro de trombetas, que deu lugar a um fantástico canto. A esfera seguiu afundando, diante de enormes janelas ogivais, através das quais viu vagamente um grande número daquelas estranhas e fantasmagóricas criaturas que o fitavam, vindo, por fim, descansar sobre, ao que parecia, uma espécie de altar que ficava no centro do local.

Agora ele estava em um nível tal que podia ver aqueles estranhos habitantes do abismo claramente mais uma vez. Para seu espanto, percebeu que estavam se prostrando diante dele, todos exceto um, vestido, como lhe pareceu, com um manto de escamas placoides[29] e coroado com um luminoso diadema, e que ficava abrindo e fechando sua boca reptiliana, como se conduzisse o canto dos adoradores.

Um curioso impulso fez Elstead ligar sua pequena lâmpada novamente, de modo que ele se tornou visível a essas criaturas do abismo, embora o brilho os fizesse desaparecer imediatamente na noite. A essa súbita visão, o canto deu lugar a um tumulto de gritos exultantes, e Elstead, ansioso por vê-los, desligou sua luz novamente, desaparecendo diante de seus olhos. Mas por um momento ficou cego demais para compreender o que estavam fazendo; quando finalmente pôde distingui-los, estavam se ajoelhando de novo. E assim o continuaram adorando,

sem descanso ou interrupção, pelo período de três horas.

Muitíssimo detalhada foi a descrição de Elstead daquela incrível cidade e seu povo, seres da noite perpétua, que nunca viram o Sol, a Lua ou as estrelas; nem a vegetação verde, nem criaturas que respiram ar; que não sabem nada do fogo, nem de qualquer luz que não seja a luz fosforescente de coisas vivas.

Surpreendente que seja sua história, é ainda mais surpreendente descobrir que homens da ciência, tão ilustres quanto Adams e Jenkins, nada de incrível encontraram nela. Eles me disseram que não veem nenhuma razão pela qual criaturas vertebradas inteligentes, que respiram água, habituadas a uma baixa temperatura e pressão enorme, e de uma estrutura tão pesada que não flutuariam nem vivas nem mortas, não pudessem viver sobre o solo do fundo do mar, totalmente desconhecidas de nós, descendentes, como nós próprios, dos grandes Theriomorpha da Nova Idade do Arenito Vermelho[30].

Devemos ser conhecidos por eles, no entanto, como criaturas estranhas e meteóricas, sujeitas a cair catastroficamente mortas do exterior da misteriosa escuridão de seu céu aquático. E não somente nós mesmos, mas nossos navios, nossos metais, nossos utensílios viriam chovendo do exterior da escuridão. Às vezes, coisas afundando iriam atingir o fundo e esmagá-los, como se fossem o julgamento de algum poder invisível acima; às vezes, viriam coisas de extrema raridade ou utilidade, ou formas que inspirariam ideias. É possível entender, talvez, algo de seu comportamento na descida de um homem vivo imaginando o que um povo bárbaro poderia fazer a uma criatura brilhante e aureolada que viesse subitamente do céu.

Em um ou outro momento, Elstead provavelmente contou aos oficiais do Ptarmigan[31] cada detalhe de suas estranhas doze horas no abismo. Que ele também tinha a intenção de o fazer por escrito é certo, mas nunca o fez, e assim, infelizmente, temos que juntar os discrepantes fragmentos de sua história das reminiscências do comandante Simmons, Weybridge, Steevens, Lindley e outros.

Nós imaginamos o evento de modo nebuloso, em relances fragmentários: o imenso edifício fantasmagórico, o povo se curvando e cantando, com suas cabeças escuras de camaleão e vestimentas um pouco luminosas; Elstead, com sua luz ligada novamente, em vão tentando transmitir para suas mentes que a corda pela qual a esfera estava retida precisava ser cortada. Um após outro, os

minutos escorreram; Elstead, olhando para o relógio, ficando horrorizado ao descobrir que tinha oxigênio para apenas mais quatro horas. Mas o canto em sua honra continuou tão impiedosamente como se fosse a marcha fúnebre de sua morte próxima.

De que modo foi sua libertação ele não entende, mas a julgar pela extremidade da corda que pendia da esfera, ela havia sido cortada pela fricção contra a borda do altar. Abruptamente a esfera rolou e ele foi arrebatado para cima, para fora do mundo deles, como uma criatura etérea contida em um vácuo seria impelida através da nossa própria atmosfera de volta para seu éter de origem novamente. Ele deve ter sido arrancado da vista deles como uma bolha de hidrogênio acelera para cima em nosso ar. Uma estranha ascensão, deve ter parecido a eles.

A esfera subiu com velocidade até maior que a da descida, quando estava carregada com os pesos de chumbo. Tornou-se excessivamente quente. Subiu com as vigias voltadas para cima, ele se lembra da torrente de bolhas espumando contra o vidro. A cada instante pensava que ele iria se estilhaçar. Subitamente, algo como uma enorme roda pareceu disparar dentro de sua cabeça, o compartimento acolchoado começou a girar ao redor dele e ele desmaiou. Sua lembrança seguinte foi de sua cabine e da voz do médico.

Esse é o conteúdo da extraordinária história que Elstead relatou em fragmentos aos oficiais do Ptarmigan. Ele prometeu transcrever tudo em outro momento. Sua mente estava ocupada principalmente com a melhoria de seu aparato, que foi realizada no Rio.

Resta apenas dizer que, em 2 de fevereiro de 1896, ele fez sua segunda descida ao abismo do oceano, com as melhorias que sua primeira experiência sugeriu. O que aconteceu provavelmente nunca saberemos. Ele nunca mais voltou. O Ptarmigan pairou sobre o ponto de sua submersão, buscando em vão por treze dias. Depois voltou ao Rio e a notícia foi telegrafada para seus amigos. Assim o caso permanece aberto. Mas é pouco provável que nenhuma tentativa ulterior seja feita para verificar sua estranha história sobre essas até então desconhecidas cidades no fundo do mar.

O BACILO ROUBADO

"Sim, aqui está a epidemia aprisionada."

— Isto, por sua vez — disse o bacteriologista, deslizando uma lâmina de vidro sob o microscópio —, é... bem... uma preparação do bacilo da cólera, o germe da cólera.

O homem pálido olhou atentamente pelo microscópio. Evidentemente, não estava acostumado com esse tipo de coisa, porque manteve uma frouxa e pálida mão sobre o olho livre.

— Vejo muito pouco — disse.

— Toque neste parafuso — disse o bacteriologista —, talvez o microscópio esteja fora de foco para você. Os olhos variam muito. Só a fração de uma volta em um ou outro sentido.

— Ah! agora eu vejo — disse o visitante. — Não há muita coisa a ver, afinal. Pequenos riscos e pedaços cor-de-rosa. Ainda assim, essas pequenas partículas, esses meros corpúsculos, poderiam se multiplicar e devastar uma cidade! Maravilhoso!

Ele se levantou e, soltando a lamela do microscópio, segurou-a em sua mão em direção à janela.

— Dificilmente visível — disse, examinando a preparação.

Hesitou.

— Estes estão... vivos? São perigosos agora?

— Esses foram corados e mortos — disse o bacteriologista. — Eu desejo, de minha parte, que pudéssemos matar e colorir cada um deles no universo.

— Eu suponho — o homem pálido disse com um leve sorriso —, que você raramente se preocupa em ter essas coisas vivas ao seu redor... no estado ativo?

— Pelo contrário, nós somos obrigados a ter — disse o bacteriologista. — Aqui, por exemplo — atravessou o quarto e pegou um de vários tubos lacrados. — Aqui está o micróbio vivo. Esta é uma cultura das reais e vivas bactérias da doença.

Ele hesitou.

— Cólera engarrafada, por assim dizer.

Um ligeiro vislumbre de satisfação apareceu momentaneamente no rosto do homem pálido.

— É uma coisa mortífera de ter em sua posse — disse, devorando o pequeno tubo com seus olhos.

O bacteriologista notou o prazer mórbido na expressão de seu visitante. Esse homem, que o visitava nessa tarde com um bilhete de apresentação de um velho amigo, interessou a ele justamente pelo contraste de seus temperamentos. O cabelo preto escorrido e olhos cinza-escuro, a expressão abatida e os modos nervosos, o brusco ainda que agudo interesse do seu visitante era uma mudança inesperada em relação às fleumáticas ponderações do pesquisador científico comum com quem o bacteriologista geralmente se relacionava. Talvez fosse natural, com um ouvinte evidentemente tão impressionável pela natureza letal de seu tópico, refletir sobre o aspecto mais chocante da questão.

Segurou o tubo na mão, pensativo.

— Sim, aqui está a epidemia aprisionada. Apenas quebre um pequeno tubo como este em um abastecimento de água potável, diga a estas diminutas partículas de vida, que necessitam de corante e exame com os mais altos poderes do microscópio até mesmo para serem vistas, e que não têm cheiro nem gosto, diga a elas: "Vão em frente, cresçam e multipliquem-se, repovoem os reservatórios", e a morte, morte misteriosa, sem vestígio, morte rápida e terrível, morte cheia de dor e indignidade, seria lançada nesta cidade, indo para cá e para lá em busca de suas vítimas. Aqui o bacilo tomaria o marido da mulher; aqui, a criança de sua mãe; aqui, o estadista de seu cargo; e aqui, o trabalhador braçal de sua faina. Seguiria pela rede de distribuição de água, movendo-se lentamente pelas ruas,

escolhendo e castigando uma casa aqui e outra ali onde não fervessem a água de beber, entrando furtivamente nos poços dos produtores de água mineral, ficando lavado em saladas e dormente em gelos. Esperaria, pronto para ser bebido pelos cavalos nos cochos e pelas ingênuas crianças nas fontes públicas. Ele se infiltraria no solo, para reaparecer em nascentes e poços, em mil lugares inesperados. Uma vez tendo começado no abastecimento de água, antes que pudéssemos cercá-lo e pegá-lo novamente, teria dizimado a metrópole.

Ele parou abruptamente. Já tinham lhe dito que retórica era seu fraco.

— Mas ele está bastante seguro aqui, você sabe... bastante seguro.

O homem pálido assentiu com a cabeça. Seus olhos brilharam. Pigarreou antes de falar.

— Esses anarquistas... patifes — disse —, são tolos, tolos cegos... usar bombas quando algo como isto está disponível. Acho que...

Uma suave batida, um leve toque de unhas foi ouvido à porta. O bacteriologista a abriu.

— Só um minuto, querido — sussurrou sua esposa.

Quando tornou a entrar no laboratório, seu visitante estava olhando para o relógio.

— Não fazia ideia de que tinha ocupado uma hora do seu tempo — disse. — Doze minutos para as quatro. Eu deveria ter saído daqui por volta das três e meia. Mas o assunto estava realmente muito interessante. Não, positivamente não posso me demorar nem mais um momento. Tenho um compromisso às quatro.

Ele saiu da sala reiterando seus agradecimentos e o bacteriologista o acompanhou até a porta, voltando depois pensativamente pelo corredor que dava para seu laboratório. Ele estava meditando sobre a etnologia de seu visitante. Certamente o homem não era um tipo teutônico nem um latino comum.

— De todo modo, um produto mórbido[32], eu receio — disse o bacteriologista para si mesmo. — Como olhou com satisfação maligna as culturas de germes de doença!

Um pensamento perturbador o estarreceu. Retornou à bancada perto do banho a vapor e depois, muito depressa, à sua escrivaninha. Depois procurou impacientemente em seus bolsos; em seguida, correu para a porta.

— Eu posso tê-lo deixado na mesa do vestíbulo — disse. — Minnie! — gritou com voz rouca no vestíbulo.

— Sim, querido — respondeu uma voz distante.

— Eu tinha algo em minha mão quando falei com você, querida, agora há pouco?

Pausa.

— Nada, querido, porque eu me lembro...

— Azul de susto! — gritou o bacteriologista, logo correndo para a porta da frente e descendo os degraus de sua casa para a rua.

Minnie, ouvindo a porta bater violentamente, correu alarmada para a janela. No fim da rua, um homem magro estava pegando um cab[33]. O bacteriologista, sem chapéu, de pantufas, estava correndo e gesticulando freneticamente na direção dele. Uma pantufa escapou, mas ele não retardou por causa dela.

— Ele ficou louco! — disse Minnie — é aquela sua horrível ciência — e, abrindo a janela, ficou chamando por ele.

O homem magro, subitamente olhando de relance em volta, pareceu ter tido a mesma ideia de distúrbio mental. Ele apontou apressadamente para o bacteriologista, disse algo para o cocheiro, a portinhola bateu, o chicote zuniu, o cavalo pateou e, num átimo, cab e bacteriologista em febril perseguição haviam sumido do cenário da via, desaparecendo ao virar a esquina.

Minnie permaneceu debruçada na janela por um minuto. Depois voltou sua cabeça para a sala novamente. Ela estava aturdida. "É claro que ele é excêntrico", meditou. "Mas correr por Londres, além disso no auge da estação, e de meias!" Um pensamento sensato veio à sua mente. Ela colocou o gorro apressadamente, apanhou os sapatos dele, foi para o vestíbulo, tirou o chapéu e o casaco leve dele dos cabides, surgiu na entrada e chamou um cab que oportunamente passava devagar.

— Suba a estrada, vire na Havelock Crescent e veja se podemos encontrar um cavalheiro correndo de casaco de veludo e sem chapéu.

— Casaco de veludo, madame, e sem chapéu. Muito bom, senhora.

E o cocheiro imediatamente chicoteou do mais corriqueiro modo, como se conduzisse para esse local todos os dias em sua vida.

Alguns poucos minutos depois, o pequeno grupo de cocheiros e desocupados que se junta em volta do abrigo dos cocheiros em Haverstock Hill foi surpreendido com a passagem de um cab com um pangaré cansado de cor arruivada conduzido furiosamente.

Eles ficaram em silêncio enquanto ele passava e, depois, quando desaparecia de vista:

— Aquele é 'Arry 'Icks[34]. Que tem ele? — disse o robusto cavalheiro conhecido como Velho Tootles.

— Ele tá jogan'o muito o chicote, tá mesmo, sem pará — disse o jovem estribeiro.

— Olá! — disse o pobre velho Tommy Byles — aqui vem outro maldito lunático. Maldito eu seja se não vem.

— É o Velho George — disse o Velho Tootles — e tá levan'o um lunático, como você diz. Não é ele se penduran'o fora do carro? Será que vai atrás de 'Arry 'Icks?

O grupo em volta do abrigo dos cocheiros se animou.

Coro:

— Vai, George!

— É uma corrida.

— Vai pegá eles!

— Toca!

— É uma égua corredora, é sim! — disse o jovem estribeiro.

— Tô zozzo! — gritou o Velho Tootles. — Aqui! Tô chegan'o num minuto. Aqui outro vin'o. Se todos os carros em Hampstead[35] não enlouqueceram esta manhã!

— É um macho do campo desta vez — disse o estribeiro.

— É uma mulher que o vem seguin'o — disse o Velho Tootles. — Normalmente é o contrário.

— O que ela tem na mão?

— Parece uma cartola.

— Que maldita pân'ega é essa! Aposto três por um no Velho George — disse o estribeiro. — Próc-simo!

Minnie passou sob um perfeito estrondo de aplausos. Ela não gostou disso[36], mas sentiu que estava fazendo seu dever, virando bruscamente e descendo pela Haverstock Hill e pela Camden Town High, com seus olhos sempre atentos no agitado assento do Velho George, que estava conduzindo seu insensato marido tão incompreensivelmente cada vez mais distante dela.

O homem no primeiro cab sentava-se encolhido em um canto, com os braços firmemente cruzados e com o pequeno tubo que continha tais vastas possibilidades de destruição na mão apertada. Seu estado de espírito era uma singular mistura de medo e júbilo. Principalmente estava com medo de ser pego antes que pudesse realizar seu propósito, mas por trás disso estava um mais vago, porém maior, medo da atrocidade de seu crime. Mas sua exultação excedia seu medo. Nenhum anarquista antes dele alguma vez tinha se aproximado deste seu plano. Ravachol, Vaillant[37], todas aquelas pessoas ilustres cuja fama ele tinha invejado, se tornavam insignificantes ao lado dele. Tinha apenas de certificar-se da rede abastecimento de água e quebrar o pequeno tubo em um reservatório. Como, de forma brilhante, havia planejado tudo, forjado a carta de apresentação e entrado no laboratório; como, de forma brilhante, havia aproveitado a oportunidade! Finalmente o mundo ouviria falar dele. Todas aquelas pessoas que tinham zombado dele, desprezado, preferido outras pessoas a ele, achado sua companhia indesejável deveriam considerá-lo enfim. Morte, morte, morte! Sempre o tinham tratado como um homem sem importância. Todo

o mundo tinha estado em uma conspiração para o subjugar. Agora ele ensinaria a eles o que é isolar um homem. Qual era esta rua familiar? Rua do Grande Santo André, claro! Como ia a perseguição? Estendeu o pescoço para fora do cab. O bacteriologista estava a menos de cinquenta jardas atrás. Isso era mau. Logo seria alcançado e detido. Procurou dinheiro em seu bolso e achou meio-soberano[38], que estendeu pelo alçapão no alto do cab diante do rosto do cocheiro.

— Mais — gritou —, só se conseguirmos fugir.

O dinheiro foi tirado de sua mão.

— Perfeitamente — disse o cocheiro; o alçapão bateu e a chicotada se estendeu ao longo do lado lustroso do cavalo.

O cab inclinou e o anarquista, meio levantado sob o alçapão, pôs a mão que continha o pequeno tubo de vidro sobre a portinhola para manter o equilíbrio. Ele sentiu o frágil objeto estalar, e uma metade quebrada tiniu no chão do cab. Ele caiu para trás no assento rogando praga e fitou sombrio as duas ou três gotas de umidade na portinhola.

Estremeceu.

— Bem, suponho que serei o primeiro. Puxa! De todo modo, serei um mártir. Já é alguma coisa. Mas é uma morte repugnante, entretanto. Gostaria de saber se é tão dolorosa como dizem.

Nesse momento, um pensamento lhe ocorreu; tateou entre os pés. Uma pequena gota ainda estava na extremidade quebrada do tubo e ele a bebeu para ter certeza. Era melhor ter certeza. De todo modo, não poderia falhar.

Então lhe veio à mente que não havia mais necessidade de escapar do bacteriologista. Na rua Wellington, mandou o cocheiro parar e saiu. Escorregou no degrau e sentiu tontura. Era coisa rápida esse veneno de cólera. Fez sinal para o cocheiro desaparecer, por assim dizer, e ficou de pé na calçada, com os braços cruzados sobre o peito, aguardando a chegada do bacteriologista. Havia algo de trágico em sua postura. O sentimento de morte iminente lhe conferiu certa dignidade. Recebeu seu perseguidor com um riso desafiador.

— Vive l'Anarchie![39] Você chegou tarde demais, meu amigo. Eu a bebi. A

cólera está nas ruas!

De seu cab, o bacteriologista fitou-o com curiosidade através de seus óculos.

— Você a bebeu! Um anarquista! Agora eu entendo.

Estava prestes a dizer algo mais, porém se conteve. Um sorriso se esboçou no canto da sua boca. Ele abria a portinhola do cab com a intenção de descer no instante em que o anarquista lhe acenou um dramático adeus e galgou em direção à Ponte Waterloo, meticulosamente esfregando seu corpo infectado em tantas pessoas quantas possíveis. O bacteriologista estava tão preocupado com o que via que não manifestou a menor surpresa com a aparição de Minnie na calçada, com seu chapéu, sapatos e casaco.

— Muita bondade sua trazer minhas coisas — disse, mantendo-se perdido na contemplação do vulto do anarquista desaparecendo.

— É melhor você entrar — ele disse, ainda com os olhos fixos.

Minnie sentiu-se então absolutamente convencida de que ele estava louco e encaminhou o cocheiro para casa sob sua própria responsabilidade.

— Colocar meus sapatos? Certamente, querida — disse, enquanto o cab começava a fazer a volta, escondendo o pretensioso vulto negro, agora pequeno ao longe, de seu ponto de vista.

Então, subitamente, algo grotesco veio à sua mente e ele riu. Em seguida, comentou:

— É realmente muito grave, no entanto. Você sabe, aquele homem veio à minha casa para me ver, mas ele é um anarquista. Não, não desmaie, ou não posso contar o resto. Eu quis impressioná-lo, sem saber que era um anarquista, e peguei uma cultura daquela nova espécie de bactérias de que eu estava lhe falando, que infestam vários macacos e acredito que causam suas manchas azuis; como um tolo, eu disse que era cólera asiática. E ele fugiu com ela para envenenar a água de Londres; certamente poderia ter feito coisas se tornarem azuis nesta cidade civilizada. E agora ele a engoliu. Naturalmente, eu não posso dizer o que vai acontecer, mas você sabe que ela fez aquele gatinho ficar azul, os três cachorros, com manchas, e o pardal, azul brilhante. Mas o aborrecimento é que terei todo o trabalho e a despesa de preparar mais um pouco.

— Colocar meu casaco neste dia quente! Por quê? Porque nós podemos encontrar a Sra. Jabber. Minha querida, a Sra. Jabber não é uma corrente de ar. Mas por que eu deveria usar um casaco em um dia quente por causa da Sra... Oh! Muito bem.

A MAÇÃ

"— Conhecimento é poder.

— Mas é felicidade?"

— Preciso me livrar dela — disse o homem no canto do vagão, quebrando abruptamente o silêncio.

O Sr. Hinchcliff levantou os olhos, ouvindo de modo imperfeito. Tinha se perdido na contemplação absorta do barrete acadêmico amarrado por uma corda às alças de sua maleta de viagem — o sinal visível e exterior de seu recém-adquirido cargo pedagógico — na apreciação absorta do barrete e nas antecipações agradáveis que ele despertava. Porque o Sr. Hinchcliff tinha acabado de se matricular na Universidade de Londres e ia ser assistente júnior na Escola de Gramática Holmwood,[40] um cargo muito invejável. Ele fitou ao lado do vagão seu companheiro de viagem.

— Por que não dá-la? — aquela pessoa disse. Dá-la! Por que não?

Era um homem alto, moreno, bronzeado, mas com um rosto pálido. Seus braços estavam cruzados com força e seus pés estavam sobre o assento à sua frente. Estava cofiando seu bigode preto e delgado. Tinha o olhar fixo nas biqueiras de seus sapatos.

— Por que não? — ele disse.

O Sr. Hinchcliff tossiu.

O desconhecido ergueu os olhos — eram olhos curiosos, cinza-escuro — e encarou o Sr. Hinchcliff diretamente por quase um minuto, talvez. Sua expressão demonstrou interesse.

— Sim — ele disse lentamente. Por que não? E acabar com isso.

— Receio que não compreendo bem o senhor — disse o Sr. Hinchcliff, com outra tosse.

— O senhor não me compreende bem? — perguntou o desconhecido de modo bastante mecânico, seus olhos singulares vagando do Sr. Hinchcliff à maleta e o barrete exibido com ostentação, e de volta para o rosto sagaz do Sr. Hinchcliff.

— Foi um tanto inesperado, sabe — desculpou-se o Sr. Hinchcliff.

— Por que não deveria ser? — perguntou o desconhecido, seguindo seus pensamentos. — O senhor é um estudante? — dirigindo-se ao Sr. Hinchcliff.

— Sou, por correspondência, da Universidade de Londres — disse o Sr. Hinchcliff, com irreprimível orgulho e apalpando nervoso sua gravata.

— Em busca de conhecimento — disse o desconhecido, e de repente tirou os pés do assento, colocou seus punhos sobre os joelhos e fitou o Sr. Hinchcliff como se nunca tivesse visto um estudante antes.

— Sim — disse, estendendo o dedo indicador.

Em seguida ele se levantou, pegou uma sacola no porta-chapéus e abriu-a. De modo bastante silencioso, tirou alguma coisa redonda envolvida numa grande porção de papel prateado e a desembulhou cuidadosamente. Estendeu-a para o Sr. Hinchcliff — uma fruta amarelo-ouro, pequena e muito macia.

Os olhos e a boca do Sr. Hinchcliff ficaram bem abertos. Ele não demonstrou intenção de pegar aquele objeto — se é que pretendia pegá-lo.

— Isto — disse aquele fantástico desconhecido, falando muito lentamente — é a Maçã da Árvore do Conhecimento. Olhe para ela — pequena, brilhante e maravilhosa —, Conhecimento —, e vou dá-la ao senhor.

A mente do Sr. Hinchcliff trabalhou de maneira penosa por um minuto, então a explicação satisfatória, "Louco!", relampejou em seu cérebro e iluminou toda a situação. Um louco espirituoso. Parou um pouco de pensar no assunto.

— A Maçã da Árvore do Conhecimento, hein! — exclamou o Sr. Hinchcliff, observando-a com um ar de interesse finamente simulado, olhando em seguida para seu interlocutor. — Mas o senhor mesmo não quer comê-la? E, além disso,

como a conseguiu?

— Ela nunca murcha. Eu a tenho agora por três meses. Está sempre brilhante e macia, madura e apetitosa, como vê.

Pôs a mão no joelho e observou o fruto de modo contemplativo. Em seguida começou a embrulhá-la novamente nos papéis, como se tivesse abandonado a intenção de dá-la.

— Mas como a conseguiu? — perguntou o Sr. Hinchcliff, que tinha seu lado questionador. — E como sabe que é o Fruto da Árvore?

— Adquiri este fruto — disse o desconhecido — há três meses, por um pouco de água e um pedaço de pão. O homem que o passou para mim — porque mantive sua vida — era um armênio. Armênia! Aquele país maravilhoso, o primeiro de todos os países, onde a arca do Dilúvio permanece até hoje, sepultada nas geleiras do Monte Ararat. Consta que aquele homem, com outros fugindo dos curdos que os tinham atacado de surpresa, subiu a lugares desolados entre as montanhas — lugares além do conhecimento comum dos homens. E fugindo do alcance iminente, chegaram a uma elevada encosta entre os picos, coberta de vegetação semelhante a lâminas de faca, que cortavam e retalhavam o mais impiedosamente qualquer um que nela entrasse. Os curdos estavam logo atrás, não restava nada a não ser embrenhar-se. O pior de tudo foi que as trilhas feitas através dela pelo preço de seu sangue serviram para os curdos os seguirem. Cada um dos fugitivos foi morto exceto aquele armênio e outro. Ele ouviu os gritos e súplicas de seus amigos, o açoitar da vegetação sobre aqueles que os estavam perseguindo — era alta, crescendo acima da cabeça. Em seguida gritos e réplicas; quando ele parou, um instante depois, tudo estava quieto. Ele se afastou novamente, sem compreender, cortado e sangrando, até chegar a uma escarpa de pedras abaixo de um precipício. Então viu que a vegetação estava toda em chamas e a fumaça se levantava como um véu entre ele e seus inimigos.

O desconhecido fez uma pausa.

— E depois? — perguntou o Sr. Hinchcliff. — E depois?

— Lá estava ele, todo ferido e ensanguentado pelas lâminas da vegetação, as rochas ardendo sob o sol da tarde, o bronze fundido do céu e a fumaça do fogo se lançando em sua direção. Não ousou permanecer ali. Não se importava com a morte, mas com a tortura! Longe, do outro lado da fumaça, ouvia gritos e

súplicas. Mulheres berrando. Foi escalando uma garganta nas rochas — em todo lugar estavam arbustos com ramos secos que se projetavam como espinhos entre as folhas —, até escalar a borda de uma fenda que o escondeu. Então encontrou seu companheiro, um pastor, que também havia escapado. E, considerando o frio, a fome e a sede como sendo nada em comparação os curdos, continuaram na direção dos cumes, no meio da neve e do gelo. Vagaram por três dias inteiros.

"No terceiro dia surgiu a visão. Suponho que homens famintos frequentemente têm visões, mas neste caso existe este fruto", ele ergueu o globo embrulhado em sua mão.

"E ouvi também sobre a visão de outros montanhese que sabiam algo da lenda. Foi na hora do anoitecer, quando as estrelas estavam aparecendo, que eles desceram uma encosta de rocha polida a um enorme vale escuro todo cercado de árvores estranhas e contorcidas, das quais pendiam pequenos globos semelhantes a esferas de vaga-lumes, estranhas luzes amarelas arredondadas.

"De repente aquele vale ficou iluminado ao longe, a muitas milhas de distância, [41] no seu fundo, com uma chama dourada marchando lentamente através dele, que fez as árvores raquíticas parecerem negras como a noite e tornou as encostas sobre eles e suas formas semelhantes a ouro ígneo. Na presença dessa visão e conhecendo as lendas das montanhas, souberam instantaneamente que era o Éden que viam, ou a sentinela do Éden, e se prostraram sobre seus rostos, como homens fulminados.

"Quando se atreveram a olhar de novo, o vale ficou escuro por um tempo e, em seguida, a luz surgiu de novo — retornando em um ardente âmbar.

"Então o pastor se levantou de um salto e com um grito começou a correr para baixo, em direção à luz, mas o outro homem estava atemorizado demais para segui-lo. Permaneceu atordoado, espantado e aterrorizado, assistindo a seu companheiro sumir em direção ao clarão que marchava. Mal o pastor tinha partido, veio um estrondo como o de um trovão, o bater de asas invisíveis correndo pelo vale e um grande e terrível medo. Diante daquilo o homem que me deu o fruto fez meia-volta — talvez ainda pudesse escapar. Acelerando precipitadamente para a encosta de novo, com aquele tumulto passando atrás dele, tropeçou num daqueles arbustos raquíticos e uma fruta madura se desprende em sua mão. Esta fruta. Imediatamente as asas e o trovão agitaram tudo a sua volta. Ele caiu e desmaiou. Quando recobrou os sentidos, estava de

volta entre as ruínas enegrecidas de sua própria aldeia, eu e os outros estávamos socorrendo os feridos. Uma visão? Mas o fruto dourado da árvore ainda estava apertado em sua mão. Havia outras pessoas ali que conheciam a lenda, sabiam o que aquele estranho fruto poderia ser."

Ele fez uma pausa.

— E aqui está — disse.

Era uma história por demais extraordinária para ser contada em um vagão de terceira classe da ferrovia de Sussex. Era como se o real fosse um mero véu para o fantástico, e aqui estava o fantástico transparecendo.

— É mesmo? — foi tudo que o Sr. Hinchcliff pôde dizer.

— A lenda — disse o desconhecido — conta que aqueles bosques cerrados de árvores anãs crescendo ao redor do jardim brotaram da maçã que Adão carregou em sua mão quando ele e Eva foram expulsos. Ele sentiu algo em sua mão, viu a maçã meio comida e, de modo insolente, jogou-a para o lado. E lá elas crescem, naquele vale desolado, completamente cercadas de neves eternas, e lá as espadas de fogo montam guarda à espera do Dia do Juízo.

— Mas eu pensava que essas coisas fossem — o Sr. Hinchcliff fez uma pausa — fábulas, ou melhor, parábolas. Quer dizer que lá na Armênia...

O desconhecido respondeu à pergunta inacabada com a fruta em sua mão aberta.

— Mas o senhor não tem certeza — disse o Sr. Hinchcliff — de que esse é o fruto da Árvore do Conhecimento. O homem pode ter tido... uma espécie de miragem, digamos. Suponha...

— Olhe para ele — disse o desconhecido.

O Sr. Hinchcliff viu que era certamente um globo de aparência estranha, não uma maçã, na realidade, e com uma curiosa cor dourada incandescente, quase como se a própria luz estivesse fundida em sua substância. No momento em que olhou para ele, começou a ver de modo mais vívido o vale desolado entre as montanhas, as flamejantes espadas guardiãs, a estranha época da história que tinha acabado de ouvir. Esfregou os nós dos dedos nos olhos.

— Mas...

— Ele se mantém assim, macio e carnoso, após três meses. Alguns dias mais que isso agora. Sem secar, sem murchar, sem se deteriorar.

— E o senhor mesmo — disse o Sr. Hinchcliff — realmente acredita que...

— É o Fruto Proibido.

Era inegável a seriedade da conduta do homem e sua perfeita sanidade.

— O Fruto do Conhecimento — ele disse.

— E se fosse? — perguntou o Sr. Hinchcliff depois de uma pausa, ainda o fitando. — Mas, afinal de contas, não é minha área de conhecimento, não o tipo de conhecimento. Quero dizer, Adão e Eva já o comeram.

— Nós herdamos seus pecados, não seu conhecimento — disse o desconhecido. — Isso faria tudo claro e brilhante novamente. Veríamos o íntimo de todas as coisas, através de todas as coisas, o significado mais profundo de todas as coisas...

— Por que não o come então? — perguntou o Sr. Hinchcliff, com uma inspiração.

— Eu o adquiri com a intenção de comê-lo — disse o desconhecido. — O homem sofreu a queda. Apenas comer de novo dificilmente poderia...

— Conhecimento é poder — disse o Sr. Hinchcliff.

— Mas é felicidade? Sou mais velho que o senhor, mais que o dobro da idade. Repetidas vezes segurei isto em minha mão e me faltou coragem só de pensar em tudo o que se pode saber, essa terrível lucidez... Suponha que, de repente, todo o mundo se tornasse impiedosamente claro?

— Isso, eu acho, seria uma grande vantagem — disse o Sr. Hinchcliff —, de modo geral.

— Suponha que o senhor visse dentro dos corações e mentes de todos ao seu redor, em seus mais secretos recessos, pessoas que amasse, cujo amor

valorizasse?

— Logo descobriria as falsidades — disse o Sr. Hinchcliff, muito chocado com a ideia.

— E pior, conhecer-se a si mesmo, despido de suas mais íntimas ilusões. Ver-se a si mesmo em seu lugar. Tudo o que suas paixões e fraquezas o impediram de fazer. Nenhuma perspectiva misericordiosa.

— Isso poderia ser uma coisa excelente também. "Conhece-te a ti mesmo",[42] o senhor sabe.

— O senhor é jovem — disse o desconhecido.

— Se não se interessa em comê-lo, e isso o incomoda, por que não o joga fora?

— Nesse ponto, de novo, possivelmente o senhor não me entenderá. Para mim, como alguém poderia jogar fora uma coisa assim, brilhante, maravilhosa? Uma vez que a tem, está preso a ela. Mas, por outro lado, dá-la! Dá-la a alguém que tivesse sede de conhecimento, que não encontrasse nenhum terror ao pensar naquela percepção clara...

— É claro que — disse o Sr. Hinchcliff pensativo — poderia ser algum tipo de fruta venenosa.

Nesse instante seus olhos captaram algo imóvel, o final de uma placa branca com letras pretas fora da janela do vagão. — MWOOD — ele viu. Levantou-se de forma convulsiva.

— Santo Deus! — exclamou o Sr. Hinchcliff. — Holmwood! — e o prático presente obscureceu as percepções místicas que o estiveram espreitando.

No momento seguinte, estava abrindo a porta do vagão, na mão a maleta. O guarda já estava agitando sua bandeira verde. O Sr. Hinchcliff saltou.

— Aqui! — exclamou uma voz atrás dele, e viu os olhos escuros do desconhecido brilhando e o fruto dourado, desembrulhado e radiante, estendido pela porta aberta do vagão.

Apanhou-o instintivamente, o trem já estava em movimento.

— Não! — gritou o desconhecido, e fez um esforço de lançar-se em direção a ele para pegá-lo de volta.

— Afaste-se! — gritou um cabineiro local, empurrando em frente para fechar a porta.

O desconhecido gritou algo que o Sr. Hinchcliff não entendeu, agitando nervoso a cabeça e o braço fora da janela até que a sombra da ponte caiu sobre ele e num instante estava encoberto. O Sr. Hinchcliff permaneceu atônito, com o olhar fixo na traseira do último vagão sumindo ao fazer a curva, com o maravilhoso fruto na mão. Por uma fração de minuto sua mente ficou confusa, então tomou conhecimento de que duas ou três pessoas na plataforma o estavam observando com interesse. Não era ele o novo professor da Escola de Gramática se apresentando? Ocorreu-lhe que, tanto quanto poderiam saber, o fruto poderia muito bem ser o simples alívio de uma laranja. Ele ruborizou com a ideia e enfiou a fruta no bolso lateral, onde ela se tornou saliente, de um modo indesejável. Mas não havia nada a fazer, então foi em direção a eles, embaraçosamente escondendo seu sentimento de embaraço, para perguntar o caminho até a Escola de Gramática e o meio de obter sua mala e duas caixas de lata que ficaram lá na plataforma. A mais bizarra e fantástica das histórias para contar a um colega!

Sua bagagem poderia ser levada em um carrinho por seis pence[43] e ele poderia ir antes a pé. Supôs um tom irônico nas vozes. Estava dolorosamente consciente de sua silhueta.

A curiosa seriedade do homem no trem e o glamour da história que contou tinham, por um tempo, desviado a corrente de pensamentos do Sr. Hinchcliff, lançando, por assim dizer, uma névoa diante de suas preocupações imediatas. Chamas que iam de um lado para outro! Mas a preocupação acerca de seu novo cargo e da impressão que produziria em Holmwood em geral e no corpo escolar em particular voltaram sobre ele com revigorada força antes que saísse da estação e limpasse sua atmosfera mental. Mas é extraordinário o tamanho inconveniente que o acréscimo de uma fruta macia e um tanto dourada e brilhante, de nem três polegadas de diâmetro,[44] pode provocar na melhor aparência de um jovem sensível. No bolso de seu casaco preto, ela se salientava terrivelmente, estragava por completo as linhas. Ele passou por uma velhinha de preto e sentiu seu olhar cair sobre a excrescência de imediato. Ele estava usando uma luva e carregando a outra junto com sua bengala, de modo que levar o fruto

à mostra era impossível. Em um lugar, onde a estrada para a cidade parecia convenientemente isolada, tirou o estorvo do bolso e o testou no chapéu. Era grande demais, o chapéu bamboleava de modo cômico, e no mesmo momento em que o estava tirando de novo, o rapaz do açougue veio dobrando a esquina em seu veículo.

— Maldição! — exclamou o Sr. Hinchcliff.

Teria comido a coisa e alcançado a onisciência naquele momento, mas pareceria tão estúpido entrar na cidade chupando uma fruta succulenta — ela certamente dava a sensação de ser succulenta. Se um dos meninos passasse por lá, poderia causar-lhe um sério dano com a disciplina ser visto assim. E o sumo poderia fazer seu rosto grudento e entrar pelos punhos — ou poderia ser um sumo ácido tão potente como o do limão e retirasse toda a cor das roupas.

Então, virando a curva da estrada, surgiram duas agradáveis figuras de moças iluminadas pelo sol. Estavam andando lentamente em direção à cidade batendo papo — a qualquer momento poderiam olhar em volta e ver um rapaz agitado atrás delas levando uma espécie de tomate amarelo fosforescente! Elas com certeza iriam rir.

— Dane-se! — exclamou, e com um ligeiro arremesso lançou o estorvo voando sobre o muro de pedra de um pomar que ali era contíguo da estrada. Quando ele desapareceu, o Sr. Hinchcliff sentiu um leve arrependimento pela perda, que mal durou um instante. Ajustou a bengala e a luva na mão e andou, aprumado e vaidoso ao passar pelas moças.

Mas na escuridão da noite, o Sr. Hinchcliff teve um sonho e viu o vale, as espadas flamejantes e as árvores contorcidas, e soube que era realmente a Maçã da Árvore do Conhecimento aquela que, de modo irrefletido, tinha jogado fora. Acordou muito infeliz.

De manhã seu arrependimento havia passado, mas depois voltava e o perturbava; nunca, entretanto, quando estava bem-humorado ou atarefado. Por fim, numa noite de luar, por volta das onze, quando toda a Holmwood estava quieta, seu arrependimento voltou com força redobrada, e com ele um impulso de aventura. Saiu da moradia se esgueirando, deslizou sobre o muro do pátio de recreio, atravessou a cidade silenciosa em direção à estrada da estação e escalou para

dentro do pomar onde tinha jogado o fruto. Mas nada dele havia para ser encontrado ali entre a grama orvalhada e os frágeis e intocáveis globos de dente-de-leão.

A LOJA MÁGICA

"Nenhum de nós sabe o que a aparência regular de um ser humano pode ocultar, senhor."

Eu tinha visto a Loja Mágica de longe várias vezes, tinha passado por ela uma ou duas vezes, uma vitrine de loja de pequenos objetos atraentes, bolas mágicas, galinhas mágicas, cones maravilhosos, bonecos de ventríloquo, o material do truque do cesto, baralhos que pareciam estar em ordem e todo esse tipo de coisa, mas nunca tinha pensado em entrar até que um dia, quase sem aviso, Gip[45] me arrastou pelo dedo diretamente até a vitrine e assim conduziu a si mesmo de modo que não restava nada a não ser levá-lo para dentro. Não tinha pensado que o lugar era lá, para dizer a verdade — uma fachada de tamanho modesto na Regent Street, entre a loja de quadros e o local onde os pintinhos recém-saídos de incubadoras patenteadas correm de um lado para outro —, mas lá estava ela, com certeza. Tinha imaginado que era abaixo, mais perto do Circus ou virando a esquina na Oxford Street, ou mesmo em Holborn.[46] Tinha ficado sempre do outro lado da via e um pouco inacessível, com algo de miragem em sua posição, mas aqui estava agora de modo bem indiscutível e a ponta gorda do dedo indicador de Gip fez um ruído sobre o vidro.

— Se eu fosse rico — disse Gip, dando batidinhas com o dedo na direção do Ovo que Desaparece —, compraria para mim aquele. E aquele — que era O Bebê que Chora, Muito Humano —, e aquele —, que era uma surpresa, e anunciado, assim um cartaz caprichado afirmava, como "Compre Um e Surpreenda Seus Amigos".

— Qualquer coisa — disse Gip — vai desaparecer debaixo de um daqueles cones. Eu li sobre isso em um livro.

— E lá, papai, está o Meio-Pêni que Some,[47] só o puseram com este lado para cima para não podermos ver como é feito.

Gip, meu querido filho, herdou as maneiras de sua mãe e não propôs entrar na

loja ou me incomodou de algum modo; apenas, você sabe, muito inconscientemente, puxou meu dedo em direção à porta e deixou claro seu interesse.

— Aquilo — ele disse, e apontou para a Garrafa Mágica.

— Se você tivesse aquilo? — perguntei, indagação promissora ante a qual ele levantou os olhos com um súbito brilho.

— Eu poderia mostrá-la para Jessie — ele disse, pensando nos outros como sempre.

— Faltam menos de cem dias para seu aniversário, Gibbles — eu disse, e coloquei minha mão sobre a maçaneta.

Gip não deu resposta, mas seu aperto em meu dedo aumentou, e assim entramos na loja.

Aquela não era uma loja comum, era uma loja de mágica e toda a alegria que teria prevalecido em Gip a respeito de meros brinquedos estava ausente. Ele deixou a responsabilidade da conversa para mim.

Era uma loja pequena e estreita, não muito bem iluminada, a campainha da porta tiniu novamente com uma nota plangente quando a fechamos atrás de nós. Por um momento ficamos sozinhos e podíamos olhar em volta. Havia um tigre de papel machê em cima da caixa de vidro sobre o balcão baixo — um tigre distinto, de olhos dóceis, que balançava a cabeça de uma forma metódica —, várias esferas de cristal, uma mão de porcelana segurando cartas mágicas, uma coleção de aquários mágicos em vários tamanhos e um chapéu mágico nada modesto que descaradamente mostrava suas molas. No chão estavam os espelhos mágicos: um para refletir comprido e magro, um para aumentar a cabeça e fazer desaparecer as pernas, e um para tornar baixo e gordo como um barril. Enquanto estávamos rindo à frente deles, o lojista, como suponho, entrou.

De qualquer forma, lá estava ele atrás do balcão, um homem moreno, macilento e curioso, com uma orelha maior que a outra e um queixo semelhante à biqueira de uma bota.

— Em que podemos ter o prazer? — ele disse, estendendo seus longos dedos mágicos sobre a caixa de vidro. Então, com um susto, percebemos sua presença.

— Quero — eu disse — comprar para meu menino alguns truques simples.

— Prestidigitação? — ele perguntou. — Mecânicos? Domésticos?

— Alguma coisa divertida? — perguntei.

— Hum! — exclamou o lojista, e coçou a cabeça por um momento como se estivesse pensando. Então, de modo bem preciso, retirou da cabeça uma bola de gude. — Alguma coisa deste tipo? — perguntou, estendendo a bola.

O ato foi inesperado. Eu tinha visto o truque feito em entretenimentos infinitas vezes antes — é uma parte do repertório comum dos mágicos —, mas não o esperava naquele momento.

— Isso é bom — eu disse, com uma risada.

— Não é? — disse o lojista.

Gip estendeu sua mão livre para pegar o objeto, mas encontrou apenas uma palma vazia.

— Está em seu bolso — disse o lojista, e lá estava!

— Quanto vai custar? — perguntei.

— Não cobramos por bolas de gude — disse o lojista de modo cortês. — Nós as conseguimos — ele apanhou uma de seu cotovelo enquanto falava — grátis.

Ele produziu outra da parte de trás de seu pescoço e a pôs ao lado da anterior sobre o balcão. Gip considerou sua bola de gude prudentemente; em seguida, dirigiu um olhar de investigação às duas no balcão, e, finalmente, trouxe o exame de seus olhos arregalados para o lojista, que sorriu.

— Você pode ficar com essas duas — disse o lojista — e, se não se importa, uma de minha boca. Assim!

Gip me consultou mudo por um momento; em seguida, num silêncio profundo, guardou as quatro bolas, retomou meu reconfortante dedo e preparou-se para o próximo número.

— Nós obtemos todos os nossos truques menores dessa forma — o lojista comentou.

Eu ri à maneira de quem acompanha uma piada.

— Em vez de ir para o atacadista — eu disse. — Naturalmente, é mais barato.

— De certo modo — disse o lojista. — Apesar de pagarmos no fim. Mas não tão caro, como as pessoas supõem... Nossos truques maiores, nossas provisões diárias e todas as outras coisas de que necessitamos nós obtemos daquele chapéu... Sabe, senhor, se me permite dizer, não há uma loja de atacado, não para produtos de Mágica Genuína, senhor. Não sei se o senhor notou nossa inscrição: a Loja de Mágica Genuína.

Tirou um cartão comercial de sua bochecha e me entregou.

— Genuína — disse, com o dedo sobre a palavra. — Não há absolutamente nenhuma farsa, senhor — acrescentou.

Ele parecia estar conduzindo a anedota de modo bastante minucioso, pensei.

Ele se virou para Gip com um sorriso de afabilidade fora do comum. — Você, você sabe, é um Bom Menino.

Fiquei surpreso por ele saber disso, porque, no interesse da disciplina, nós mantemos bastante discrição até mesmo em casa, mas Gip recebeu aquilo em silêncio inabalável, mantendo um olhar fixo nele.

— Apenas um Bom Menino consegue passar por aquela entrada.

E, como que a título de ilustração, veio um estrondo da porta e uma vozinha estridente pôde fracamente ser ouvida.

— Argh! Eu qué entrá lá, papai, eu QUÉ entrá lá. A-a-argh!

Em seguida as inflexões de um espezinhado pai, apressando-se em consolar e acalmar.

— Está trancada, Edward — ele disse.

— Mas não está — eu disse.

— Está, senhor — disse o lojista —, sempre, para crianças assim.

Enquanto ele falava, tivemos um vislumbre do outro menino, de rosto pequeno e branco, pálido de comer doce e comida extracondimentada, distorcido pelas más paixões, um implacável egoistazinho, arranhando o vidro encantado.

— Não adianta, senhor — disse o lojista, enquanto eu me movia, com minha natural solicitude, em direção à porta. Nesse instante, a criança mimada foi arrastada berrando.

— Como você controla isso? — perguntei, respirando um pouco mais aliviado.

— Mágica! — exclamou o lojista, com um despreocupado aceno de mão, e eis que faíscas de fogo colorido voaram de seus dedos e sumiram nas sombras da loja.

— Você estava dizendo — ele disse, dirigindo-se a Gip — antes de entrar que gostaria de uma de nossas caixas de "Compre Um e Surpreenda Seus Amigos"?

Gip, depois de um valente esforço, disse:

— Sim.

— Está no seu bolso.

Inclinando-se sobre o balcão — ele realmente tinha um extraordinário corpo longo — essa pessoa incrível produziu o artigo na habitual maneira de mágico.

— Papel — ele disse, e tirou uma folha do chapéu vazio com as molas —, barbante — e eis que sua boca era uma bobina de barbante, de onde tirou um fio interminável, o qual, depois que tinha amarrado o pacote, cortou com os dentes e, pareceu-me, engoliu a bola de barbante.

Em seguida acendeu uma vela no nariz de um dos bonecos de ventríloquo, colocou um de seus dedos (o qual havia se tornado vermelho de cera de lacre) dentro da chama e assim lacrou o pacote.

— E havia o Ovo que Desaparece — comentou, e produziu um no interior da

frente de meu casaco e o embrulhou, e também O Bebê que Chora, Muito Humano. Eu entregava cada pacote ao Gip à medida que estavam prontos e ele os abraçava em seu peito.

Ele dizia muito pouco, mas seus olhos eram eloquentes; o aperto de seus braços era eloquente. Ele era o palco para indizíveis emoções. Aquelas, você sabe, eram Mágicas reais.

Então, com um susto, descobri alguma coisa se movendo sem parar no meu chapéu — alguma coisa macia e saltitante. Eu a puxei, e um pombo eriçado — sem dúvida um cúmplice — escapou e correu sobre o balcão, e foi, suponho, para dentro de uma caixa de papelão atrás do tigre de papel machê.

— Tsc, tsc! — exclamou o lojista, aliviando-me com destreza de meu enfeite de chapéu — ave descuidada, sempre aparecendo e aninhando!

Ele agitou meu chapéu, deixando cair em sua mão estendida dois ou três ovos, uma grande bola de mármore, um relógio, cerca de meia dúzia das inevitáveis bolas de gude e, em seguida, papel dobrado e amassado, cada vez mais e mais, falando o tempo todo sobre o modo como as pessoas negligenciam escovar seus chapéus por dentro tão bem como por fora — educadamente, é claro, mas com certa alusão pessoal.

— Todos os tipos de coisas se acumulam, senhor... Não o senhor, é claro, em particular... Quase todos os clientes... Surpreendente o que carregam junto com eles... — o papel amassado levantou e cresceu sobre o balcão cada vez mais e mais, até que ele ficou quase escondido de nós, até que ficou completamente escondido, mas sua voz continuava sem parar. — Nenhum de nós sabe o que a aparência regular de um ser humano pode ocultar, senhor. Somos todos, portanto, não melhores que exteriores escovados, sepulcros caiados.

Sua voz parou — exatamente como se acertassem o gramofone[48] de um vizinho com um tijolo certo, o mesmo silêncio instantâneo —, o farfalhar do papel parou e tudo ficou silencioso...

— Você terminou com meu chapéu? — perguntei, depois de um intervalo.

Não houve resposta.

Encarei Gip, e Gip me encarou, e lá estavam nossas distorções nos espelhos

mágicos, parecendo muito esquisitas, e sérias, e quietas...

— Acho que vamos agora — eu falei. — Pode me dizer quanto fica tudo?...

— Eu disse — falei em um tom um pouco mais alto — que quero a conta; e meu chapéu, por favor.

Algo me pareceu ter sido uma fungada vinda de trás da pilha de papel...

— Vamos olhar atrás do balcão, Gip — eu disse. — Ele está brincando conosco.

Levei Gip contornando o tigre que balançava a cabeça, e o que achamos atrás do balcão? Ninguém mesmo! Somente meu chapéu no chão e um comum coelho de mágico, branco, de orelhas caídas, perdido em meditação, parecendo tão bobo e amarrotado como apenas um coelho de prestidigitador pode ser. Retomei meu chapéu e o coelho bamboleou um bamboleio ou algo semelhante para fora de meu caminho.

— Papai! — chamou Gip, com um sussurro culpado.

— O que é, Gip? — respondi.

— Eu gosto mesmo desta loja, papai.

"Eu também gostaria", eu disse para mim mesmo, "se o balcão não se estendesse de repente para impedir alguém de chegar até a porta." Mas não chamei a atenção de Gip para isso.

— Coelhinho! — ele disse, com uma mão estendida para o coelho quando ele veio bamboleando perto de nós — Coelhinho, faz uma mágica pro Gip! — e seus olhos o seguiram enquanto ele forçava caminho por uma porta que eu certamente não tinha notado um momento antes.

Em seguida a porta se abriu e o homem com uma orelha maior que a outra apareceu de novo. Ainda estava sorrindo, mas seus olhos encontraram os meus com algo entre divertimento e desafio.

— O senhor vai gostar de ver nosso showroom — ele disse, com uma inocente suavidade.

Gip arrastou meu dedo para a frente. Olhei de relance para o balcão e encontrei os olhos do lojista novamente. Eu estava começando mesmo a achar a mágica um tanto genuína demais.

— Nós realmente não temos muito tempo — eu disse.

Mas, de alguma forma, estávamos dentro do showroom antes que eu pudesse terminar.

— Todos os bens da mesma qualidade — disse o lojista, esfregando suas flexíveis mãos —, e isso é o Melhor. Nada no lugar que não seja Mágica genuína e originalidade totalmente garantida. Com licença, senhor!

Senti-o puxar algo que se pendurava em minha manga do casaco e então vi que segurava pela cauda um pequeno demônio vermelho se contorcendo — a pequena criatura mordida e lutava, tentando alcançar sua mão — e num instante ele o jogou despreocupadamente atrás de um balcão. Sem dúvida, a coisa era apenas um modelo de borracha retorcida, mas por um momento...! E seu gesto foi exatamente o de um homem que lida com alguma insignificante picada dolorida de inseto. Olhei de relance para Gip, mas Gip estava olhando para um cavalo de balanço mágico. Fiquei contente por ele não ter visto a coisa.

— Suponho — eu disse, em um tom mais baixo e indicando Gip e o demônio vermelho com meus olhos — que você não tem muitas coisas como aquela por aqui, tem?

— Não é das nossas! Provavelmente veio com o senhor — disse o lojista — também em meio-tom e com um sorriso mais ofuscante do que nunca. — Impressionante o que as pessoas serão capazes de carregar sem perceber!

— E então para Gip:

— Você vê alguma coisa de que gosta aqui?

Havia muitas coisas de que Gip gostava lá.

Ele se virou para aquele impressionante comerciante com um misto de confiança e respeito. — Aquilo é uma Espada Mágica? — perguntou.

— Uma Espada Mágica de Brinquedo. Nunca entorta ou quebra, nem corta os

dedos. Torna seu portador invencível em batalha contra qualquer um menor de dezoito anos. Meia coroa a sete coroas e seis pence,[49] de acordo com o tamanho. Estes conjuntos de armas de papelão são para cavaleiros andantes juvenis e muito úteis: escudo de proteção, sandálias de rapidez e capacete de invisibilidade.

— Oh, papai! — falou Gip ofegante.

Tentei descobrir quanto custavam, mas o lojista não me deu atenção. Tinha alcançado Gip agora; ele o tinha alcançado longe de meu dedo; tinha embarcado na exposição de todo seu estoque maldito e nada iria detê-lo. Nesse instante vi, com uma náusea de desconfiança e algo muito parecido com ciúme, que Gip tinha segurado o dedo daquela pessoa como geralmente segurava o meu. Não há dúvida de que o sujeito era interessante, pensei, e tinha muitas coisas simuladas de modo interessante, coisas simuladas realmente boas, ainda assim...

Perambulei atrás deles, dizendo muito pouco, mas ficando de olho naquele prestidigitador. Afinal, Gip estava se divertindo. E, sem dúvida, quando chegasse a hora, seríamos capazes de ir embora muito facilmente.

Era um lugar sinuoso e longo aquele showroom, uma galeria entrecortada por estandes, barracas e pilares, com arcadas levando a outros departamentos, nos quais assistentes da mais esquisita aparência vadiavam e nos encaravam, e com espelhos e cortinas desnorteantes. Na verdade eram tão desnorteantes que, naquele momento, eu era incapaz de avistar a porta pela qual tínhamos vindo.

O lojista mostrou a Gip trens mágicos que andavam sem vapor ou corda, bastando fazer alguns sinais e, em seguida, algumas caixas muito, muito valiosas de soldadinhos que ganhavam vida imediatamente ao levantar a tampa e dizer... — eu mesmo não tenho um ouvido muito apurado, e era um som de trava-língua, mas Gip — ele tem o ouvido da mãe — o captou sem demora. "Bravo!", disse o lojista, colocando os homens de volta na caixa sem a menor cerimônia, entregando-a a Gip. "Agora!", disse, e num momento Gip tinha dado vida a todos eles novamente.

— O senhor vai levar essa caixa? — perguntou.

— Vamos levar — eu disse — a menos que você cobre seu valor total, caso em que seria necessário um magnata do truste...

— Meu caro! Não! — o lojista varreu os homenzinhos de volta novamente, fechou a tampa, agitou a caixa no ar, e lá estava, em papel pardo, amarrada e... com o nome completo de Gip e o endereço no papel!

O lojista riu de meu assombro.

— Esta é a mágica genuína — disse. — A coisa real.

— É um pouco genuína demais para meu gosto — eu disse outra vez.

Depois disso ele passou a mostrar truques ao Gip, truques estranhos, e ainda mais estranho o modo como eram feitos. Ele os explicava, virava-os do avesso, e lá estava o querido rapazinho assentindo com sua pequena e ocupada cabeça da maneira mais solene.

Não dei atenção tanto quanto poderia.

— Ei, presto! — disse o Lojista Mágico e, em seguida, viria em voz baixa e clara o "Ei, presto!" do menino.

Mas eu estava distraído com outras coisas. Estava me apercebendo de quão tremendamente estranho era aquele lugar; era, por assim dizer, inundado por um sentimento de estranheza. Havia algo um tanto estranho até mesmo com relação às instalações, ao teto, ao chão, às cadeiras casualmente distribuídas. Eu tinha a esquisita sensação de que, sempre que não estava olhando diretamente, eles entortavam e se deslocavam, brincando de um silencioso Gato no Canto[50] atrás de minhas costas. E a cornija tinha um design serpentino com máscaras — máscaras de modo geral muito expressivas para o próprio gesso.

Então abruptamente minha atenção foi atraída por um dos singulares assistentes. Estava distante e evidentemente não cômico de minha presença — vi cerca de três quartos de seu corpo sobre uma pilha de brinquedos e através de um arco — e, você sabe, ele estava encostado a um pilar de um modo ocioso fazendo as coisas mais horrendas com seu rosto! A coisa particularmente horrenda que ele fazia era com o nariz. Fazia apenas como se estivesse ocioso e quisesse distrair-se. Primeiro de tudo era um nariz curto e abatado; de repente se estendeu como um telescópio; em seguida, ondeou para fora e se tornou cada vez mais fino, até que era como um longo e flexível chicote vermelho. Era como algo em um pesadelo! Ele o balançava e arremessava como um pescador lança sua linha na pesca com mosca.[51]

Meu pensamento imediato foi que Gip não deveria vê-lo. Eu me virei e lá estava Gip bastante ocupado com o lojista, sem pensar nada de mal. Estavam cochichando e olhando para mim. Gip estava de pé sobre um banquinho e o lojista estava segurando uma espécie de tambor grande em sua mão.

— Esconde-esconde, papai! — gritou Gip. — Está com você!

E antes que eu pudesse fazer qualquer coisa para impedi-lo, o lojista tinha posto o tambor grande sobre ele.

Imediatamente percebi o que estava acontecendo.

— Tire isso — gritei — agora mesmo! Você vai assustar o menino. Tire!

O lojista de orelhas desiguais assim fez sem uma palavra e levantou o grande cilindro na minha direção para mostrar que estava vazio. E o banquinho estava desocupado! Nesse instante meu menino tinha desaparecido completamente!...

Você conhece, talvez, aquele algo sinistro que vem como uma mão saída do invisível e aperta em volta de seu coração. Você sabe que isso leva seu eu comum para longe e o deixa tenso e acautelado, nem lento, nem apressado; nem irado, nem amedrontado. Assim foi comigo.

Avancei para aquele lojista de dentes arreganhados e chutei seu banquinho para longe.

— Pare com essa loucura! — gritei. — Onde está meu menino?

— Veja — ele disse, ainda exibindo o interior do tambor — não há nenhuma farsa...

Estendi a mão para agarrá-lo e ele se esquivou com um movimento ágil. Tentei pegá-lo de novo e ele se desviou de mim, abrindo uma porta para escapar.

— Pare! — gritei, e ele riu, desaparecendo.

Lancei-me atrás dele — numa total escuridão.

Tum!

— Benza Deus meu coração! Não vi você vindo, senhor!

Eu estava na Regent Street e tinha colidido com um operário de aparência modesta. E a uma jarda,[52] talvez, parecendo um pouco perplexo consigo mesmo, estava Gip. Houve uma espécie de pedido de desculpas e então Gip se virou e veio até mim com um pequeno e radiante sorriso, como se por um momento tivesse se perdido de mim.

E estava carregando quatro pacotes no braço!

Ele garantiu posse imediata de meu dedo.

Por um segundo eu estava um tanto perdido. Arregalei os olhos para ver a porta da Loja Mágica nas proximidades, e eis que ela não estava lá! Não havia nenhuma porta, nenhuma loja, nada, apenas a pilastra comum entre a loja onde vendiam quadros e a vitrine com os pintinhos!...

Fiz a única coisa possível naquele tumulto mental: caminhei em linha reta para o meio-fio e apontei meu guarda-chuva para uma carruagem.

— 'Arruagens[53] — disse Gip, no mais alto tom de contentamento.

Ajudei-o a entrar, lembrei-me de meu endereço com um esforço e entrei também. Algo incomum se evidenciou no meu bolso do casaco, tateei e descobri uma bola de gude. Com uma expressão insolente eu a arremessei na rua.

Gip não disse nada.

Por um tempo nenhum de nós falou.

— Papai! — disse Gip finalmente — aquela era uma loja boa!

Voltei a mim com o problema de como exatamente a coisa toda tinha parecido para ele. Ele parecia completamente ileso — nesse ponto, tudo bem —, não estava nem assustado nem perturbado, estava apenas tremendamente satisfeito com a tarde de diversão e ali, em seus braços, estavam quatro pacotes.

Maldição! o que poderia haver neles?

— Hum! — exclamei. — Meninos pequenos não podem ir a lojas como aquela

todo dia.

Ele recebeu aquilo com seu habitual estoicismo e por um momento lamentei que fosse seu pai e não sua mãe, e por isso não podia beijá-lo ali de repente, coram publico,[54] em nossa carruagem. Apesar de tudo, pensei, a coisa não foi assim tão ruim.

Mas foi só quando abrimos os pacotes que realmente comecei a ficar tranquilo. Três deles continham caixas de soldadinhos; soldadinhos de chumbo bastante comuns, mas de tão boa qualidade a ponto de fazer Gip se esquecer por completo de que originalmente aqueles pacotes tinham sido Truques de Mágica do único tipo genuíno, e o quarto continha um gatinho, um gatinho branco vivo, em excelente estado de saúde, apetite e temperamento.

Considereei a abertura dos pacotes como uma espécie de alívio provisório. Permaneci no quarto de crianças por um tempo verdadeiramente descabido...

Isso aconteceu seis meses atrás. E agora estou começando a acreditar que está tudo bem. O gatinho tinha apenas a magia natural de todos os gatinhos e os soldadinhos pareciam uma companhia tão fixa quanto qualquer coronel poderia desejar. E Gip...?

O pai inteligente entenderá que devo ir com cautela com Gip.

Mas cheguei ao ponto um dia. Eu disse:

— O que você acharia de seus soldados ficarem vivos, Gip, e marcharem por aí sozinhos?

— Os meus ficam — disse Gip. — Só tenho que dizer uma palavra que eu sei antes de abrir a tampa.

— Então eles marcham sozinhos por aí?

— Oh, de verdade, papai. Eu não gostaria deles se não fizessem isso.

Não demonstrei nenhuma surpresa inoportuna e desde então tenho aproveitado as oportunidades para aparecer sem avisar uma ou duas vezes quando os soldadinhos estão por perto, mas até agora nunca os vi atuando em algo parecido com um comportamento mágico...

É tão difícil dizer.

Há também uma questão financeira. Tenho o hábito incurável de pagar as contas. Estive para cima e para baixo na Regent Street várias vezes procurando por aquela loja. Estou realmente inclinado a pensar que, quanto a isso, o compromisso está honrado e, já que o nome e endereço de Gip são conhecidos por eles, posso muito bem deixar para aquelas pessoas, quem quer que sejam, enviarem a conta a seu tempo.

A PORTA NO MURO

"[...] não se deve procurar de novo mais tarde aquilo que não se encontra procurando."

I

Numa noite de confidências, nem três meses atrás, Lionel Wallace me contou esta história da Porta no Muro. Na ocasião pensei que, no que lhe dizia respeito, era uma história verdadeira.

Ele a narrou para mim com uma simplicidade de convicção tão direta que eu não poderia fazer outra coisa senão acreditar nele. Mas de manhã, em meu próprio apartamento, despertei para uma atmosfera diferente, e enquanto estava na cama e recordava as coisas que ele havia me contado, despojadas do encantamento de sua voz lenta e sincera, desnudadas da luz de mesa sombreada e focada, da atmosfera sombria que envolvia a ele e a mim, e das agradáveis coisas brilhantes, a sobremesa, copos e toalha de mesa do jantar que tínhamos compartilhado, tornando-as no momento um pequeno mundo brilhante bem separado das realidades cotidianas, vi tudo como francamente inacreditável.

— Ele estava mistificando! — exclamei.

E depois:

— Como ele fez isso tão bem!

Não é bem algo que eu esperaria que ele, entre todas as pessoas, fizesse bem.

Depois que me sentei na cama e sorvi meu chá da manhã, eu me encontrei tentando esclarecer a essência de realidade que me deixou perplexo em suas impossíveis reminiscências, por supor que elas, de algum modo, sugeriram, apresentaram, transmitiram — mal sei qual palavra usar — experiências que de

outra forma seria impossível contar.

Bem, não recorro a essa explicação agora. Já lidei com minhas eventuais dúvidas. Acredito agora, como acreditei no momento da narrativa, que Wallace me revelou, com o melhor de suas habilidades, a verdade de seu segredo. Mas se ele viu mesmo ou apenas pensou que viu, se ele próprio foi o possuidor de um inestimável privilégio ou a vítima de um sonho fantástico, não tenho a pretensão de julgar. Mesmo os fatos de sua morte, que acabaram com minhas dúvidas para sempre, não lançam luz sobre isso.

Isso o leitor deve julgar por si mesmo.

Esqueço agora qual comentário ou crítica casual de minha parte impeliu um homem tão reservado a confiar em mim. Ele estava, eu acho, defendendo-se contra uma queixa de indiferença e desconfiança que eu tinha feito em relação a um grande movimento público, sobre o qual ele havia me desapontado. Porém ele se precipitou de repente.

— Eu tenho — ele disse — uma preocupação...

— Sei — continuou depois de uma pausa — que tenho sido negligente. — O fato é que... não é um caso de fantasmas ou aparições..., mas... é algo estranho de contar, Redmond... estou assombrado. Estou assombrado por algo que tira um pouco a clareza das coisas, que me preenche de ansiedade...

Ele fez uma pausa, refreado por aquela timidez inglesa que tão frequentemente nos domina quando falaríamos de coisas belas, solenes ou comoventes.

— Você estava no Santo Etelstano todo o tempo — disse, e por um momento isso me pareceu bastante irrelevante. — Bem... — e ele se deteve.

Então, muito hesitante no início, mas depois com mais facilidade, começou a contar da coisa que estava escondida em sua vida, a memória assombrosa de uma beleza e uma felicidade que encheu seu coração com insaciáveis saudades, que fez todos os interesses e o espetáculo da vida mundana parecerem maçantes, tediosos e inúteis para ele.

Agora que tenho a chave do mistério, o acontecimento parece escrito visivelmente em seu rosto. Tenho uma fotografia na qual aquele olhar de desinteresse foi captado e intensificado. Isso me lembra do que uma mulher

disse dele uma vez — uma mulher que o tinha amado muito: "De repente", ela disse, "o interesse o deixa. Ele esquece você. Não liga a mínima para você, debaixo de seu próprio nariz..."

Ainda assim o interesse não o deixava sempre e, quando estava mantendo sua atenção numa coisa, Wallace podia dar um jeito de ser um homem extremamente bem-sucedido. Sua carreira, de fato, é marcada por sucessos. Ele me deixou para trás há muito tempo: voou alto acima de minha cabeça e, de todo modo, desempenhou um papel no mundo que eu não poderia desempenhar. Tinha um ano ainda para os quarenta, e dizem agora que estaria no governo e muito provavelmente no novo Gabinete[55], se tivesse vivido. Na escola sempre me superou sem esforço, como se fosse algo inato. Frequentamos juntos o Colégio Santo Etelstano em West Kensington[56] por quase todo nosso tempo de estudantes. Ele entrou na escola com o mesmo nível que o meu, mas saiu muito acima de mim, em um esplendor de erudição e desempenho brilhante. No entanto penso que fiz um bom andamento médio. E foi na escola que ouvi pela primeira vez sobre a "Porta no Muro", sobre a qual era para eu ouvir uma segunda vez somente um mês antes de sua morte.

Para ele, pelo menos, a Porta no Muro era uma porta real, levando através de um muro real para realidades imortais. Disso estou agora bem assegurado.

E ela entrou em sua vida bem cedo, quando ele era um menino pequeno entre cinco e seis anos de idade. Lembro-me de como, enquanto cuidava de fazer sua confissão para mim com uma lenta seriedade, ele raciocinou e estimou sua data.

— Havia — ele disse — uma trepadeira-da-argélia carmesim nele, toda de um brilhante e uniforme carmesim, em uma luz solar âmbar-clara contra um muro branco. Aquilo ficou marcado de algum modo, embora eu não me lembre claramente como, e havia folhas de castanheiro-da-índia sobre a calçada limpa do lado de fora da porta verde. Estavam com manchas verdes e amarelas, você sabe, nem marrons, nem sujas, portanto deviam ser recém-caídas. A meu ver isso significa outubro. Fico atento a folhas de castanheiro-da-índia todo ano e deveria saber.

"Se estou certo disso, eu tinha cerca de cinco anos e quatro meses de idade."

Ele era, ele disse, um garotinho um tanto precoce — aprendeu a falar anormalmente cedo —, e era tão equilibrado e "antiquado", como as pessoas

dizem, que lhe era permitido uma dose de iniciativa que a maioria das crianças mal alcança aos sete ou oito anos. Sua mãe morreu quando ele tinha dois anos e ele ficava sob o cuidado menos vigilante e menos autoritário de uma governanta de crianças. Seu pai era um advogado severo e ocupado, que lhe dava pouca atenção, e esperava grandes coisas dele. Apesar de toda sua vivacidade, achava a vida um pouco cinza e sem graça, eu acho. E um dia saiu andando.

Não conseguiu recordar o descuido específico que lhe permitiu escapar, nem o percurso que fez pelos caminhos de West Kensington. Tudo aquilo havia desvanecido entre as incuráveis manchas na memória. Mas o muro branco e a porta verde permaneceram bem distintos.

Conforme sua memória daquela experiência infantil fluía, ele deu vazão, logo na primeira aparição daquela experiência da porta, a uma emoção característica, uma atração, um desejo de chegar até ela, abri-la e entrar. E, ao mesmo tempo, tinha a clara convicção de que foi imprudência ou engano seu — não saberia discernir — render-se àquela atração. Ele insistiu nisso como algo curioso que ele sabia desde o início — a menos que a memória tivesse lhe pregado a mais fantástica peça —, que a porta estava destrancada e ele poderia entrar quando quisesse.

Pareço ver a figura daquele menino, atraído e repellido. E estava muito claro em sua mente também, apesar de nunca ter sido explicado por que deveria ser assim, que seu pai ficaria muito zangado se ele entrasse por aquela porta.

Wallace me descreveu todos aqueles momentos de hesitação com o máximo de detalhes. Ele passou à frente da porta e depois, com as mãos nos bolsos e fazendo uma tentativa infantil de assobiar, caminhou bem adiante, além do fim do muro. Lá ele se recorda de várias lojas sujas e malcuidadas, particularmente a de um encanador e pintor com uma empoeirada bagunça de tubos de cerâmica, chapas de chumbo, torneiras de boia, mostruários de papel de parede e latas de esmalte. Ficou fingindo examinar aquelas coisas, e cobiçando, desejando apaixonadamente a porta verde.

Em seguida, ele disse, teve um arroubo de emoção. Deu uma corrida para ela, antes que a hesitação o agarrasse de novo; foi de súbito, com a mão estendida sobre a porta verde e deixou-a bater atrás de si. Então, num instante, entrou no jardim que assombrou toda a sua vida.

Foi muito difícil para Wallace me contar sua completa percepção daquele jardim no qual tinha entrado.

Havia algo no próprio ar dele que alegrava, que dava uma sensação de leveza, bom acontecimento e bem-estar; algo na aparência dele que tornava toda sua cor límpida e perfeita, e sutilmente luminosa. No instante de entrar nele ficava-se intensamente contente — como só em raros momentos e quando se é jovem e feliz pode-se estar contente neste mundo. E tudo era bonito lá...

Wallace concentrou-se antes de continuar a me contar.

— Veja — disse, com a entonação de dúvida de um homem que se contém diante de coisas incríveis —, havia duas grandes panteras lá... Sim, panteras com pintas. E eu não estava com medo. Havia um largo e longo caminho de canteiros floridos com beiradas de mármore em cada lado e aqueles dois imensos animais aveludados estavam brincando ali com uma bola. Um voltou os olhos e veio em minha direção, um pouco curioso, como parecia. Veio direto a mim, roçou sua orelha redonda e macia muito gentilmente contra a pequena mão que estendi e ronronou. Era, eu lhe garanto, um jardim encantado. Eu sei. E o tamanho? Oh! Estendia-se por toda parte, em todas as direções. Acredito que havia colinas distantes. Só Deus sabe onde West Kensington de repente tinha ido parar. E de algum modo aquilo era exatamente como ir para casa.

"Você sabe, no exato momento em que a porta se fechou atrás de mim, eu me esqueci da rua com suas folhas de castanheiro caídas, suas carruagens[57] e carroças de comerciantes, eu me esqueci da espécie de atração gravitacional de volta à disciplina e à obediência de casa, eu me esqueci de todas as hesitações e o medo, eu me esqueci da descrição, eu me esqueci de todas as realidades familiares a esta vida. Eu me tornei num instante um pequeno menino muito contente e maravilhado — em outro mundo. Era um mundo com uma qualidade diferente, uma luz mais quente, mais penetrante e mais suave, com um contentamento claro e tênue em seu ar, e feixes de uma nuvem tocada pelo sol no azul do céu. E diante de mim se estendia aquele caminho longo e largo, convidativo, com canteiros de cada lado sem ervas daninhas, farto de flores não vigiadas, e aquelas duas grandes panteras. Coloquei sem medo minhas pequenas mãos em suas pelagens macias e acariciei suas orelhas redondas e os cantos sensíveis embaixo delas, e brinquei com elas; era como se me recebessem em casa. Havia um vivo senso de volta ao lar em minha mente e quando, nesse instante, uma moça loira e alta apareceu no caminho, veio sorrindo ao meu

encontro e disse 'E então?' para mim e me levantou, me beijou, me colocou no chão e me levou pela mão, não houve nenhum espanto, mas apenas uma impressão de encantadora coerência, de ser lembrado de coisas felizes que tinham, de alguma estranha maneira, caído no esquecimento. Havia largos degraus vermelhos, eu me lembro, que surgiram entre espigas de delfínios, e acima deles passamos a uma grande alameda, entre árvores muito antigas, escuras e sombrosas. Por toda aquela alameda, você sabe, entre os troncos vermelhos sulcados, havia troncos de mármore e estatuária, e pombas brancas muito mansas e amistosas...

"Ao longo daquela refrescante avenida, minha amiga me levou, olhando para mim — eu me lembro das linhas aprazíveis, do queixo finamente modelado de seu doce rosto bondoso —, fazendo perguntas numa voz agradável e suave, contando coisas, coisas aprazíveis eu sei, embora o que eram nunca fui capaz de lembrar... Nesse momento um macaco-prego, muito limpo, com uma pele marrom-avermelhada e amistosos olhos castanhos desceu de uma árvore até nós e seguiu ao meu lado, olhando para mim e arreganhando os dentes e, nesse instante, pulou para o meu ombro. Então nós dois seguimos nosso caminho em grande felicidade."

Ele fez uma pausa.

— Continue — eu disse.

— Eu me lembro de pequenas coisas. Passamos por um velho meditando entre louros, eu me lembro, e um lugar alegre com periquitos, e viemos através de uma ampla colunata sombreada até um palácio espaçoso e arejado, cheio de agradáveis fontes, cheio de coisas belas, cheio da qualidade e promessa dos desejos do coração. E havia muitas coisas e muitas pessoas, algumas que ainda parecem se destacar claramente e algumas que são um pouco vagas; mas todas aquelas pessoas eram belas e gentis. De alguma forma — não sei como — ficava claro que todos eram gentis comigo, contentes em ter-me ali, preenchendo-me com satisfação por seus gestos, pelo toque de suas mãos, pela cordialidade e amor em seus olhos. Sim...

Ele meditou por um instante.

— Lá encontrei amigos com quem brincar. Aquilo era muito para mim, porque eu era um menino pequeno e solitário. Eles jogavam jogos animados em um

pátio coberto de grama onde havia um relógio de sol formado com flores. E brincar é querer bem...

"Mas — é estranho — há um hiato em minha memória. Não me lembro dos jogos que jogávamos. Nunca me lembrei. Depois, ainda quando criança, passei longas horas tentando, até as lágrimas, lembrar a forma daquela felicidade. Eu queria jogar tudo de novo — no meu quarto de criança — por conta própria. Não! Tudo de que me lembro é a felicidade e dois queridos amigos que ficavam mais comigo... Então, em seguida, veio uma mulher morena e sombria, com um aspecto solene e pálido, olhos sonhadores, uma mulher sombria, vestindo um manto maleável, púrpura esmaecido, que carregava um livro, e me chamou com um aceno e me levou com ela para dentro de uma galeria acima de um saguão — apesar de meus amigos ficarem contrariados por eu ter de ir, interromperem seu jogo e ficarem olhando enquanto eu era levado. 'Volte para nós!', gritaram. 'Volte logo para nós!' Olhei para o rosto dela, mas ela não prestou atenção a eles nem um pouco. Sua fisionomia era muito gentil e solene. Ela me levou a um lugar para sentar na galeria e fiquei de pé ao lado dela, pronto para olhar seu livro quando ela o abrisse sobre seu joelho. As páginas se abriram. Ela apontou e olhei, maravilhado, porque nas páginas vivas daquele livro eu me vi; era uma história sobre mim mesmo, e nela estavam todas as coisas que tinham acontecido comigo desde que nasci...

"Foi maravilhoso para mim, porque as páginas daquele livro não eram imagens, você entende, mas realidades."

Wallace deteve-se, solene — olhou-me duvidoso.

— Continue — eu disse. — Eu entendo.

— Eram realidades — sim, devem ter sido; pessoas mudavam e coisas iam e vinham nelas; minha querida mãe, a quem estive perto de esquecer; depois meu pai, severo e correto, os empregados, o quarto de criança, todas as coisas familiares de casa. Depois a porta da frente e as ruas movimentadas, com tráfego para lá e para cá. Eu olhei e me admirei, olhei meio duvidoso outra vez para o rosto da mulher e virei as páginas, saltando isto e aquilo, para ver mais e mais daquele livro; desse modo, por fim, eu me deparei comigo mesmo vagueando e hesitando do lado de fora da porta verde no longo muro branco, sentindo outra vez o conflito e o medo.

"E depois?", exclamei, e teria virado a página, mas a mão fria da mulher solene me deteve.

"Depois?", insisti, e lutei delicadamente contra sua mão, levantando seus dedos com toda a minha força de criança, e quando ela cedeu e a página virou, ela se inclinou sobre mim como uma sombra e beijou minha testa.

"Mas a página não mostrou o jardim encantado, nem as panteras, nem a moça que tinha me levado pela mão, nem meus amigos de brincadeiras que tinham ficado tão contrariados por me deixar ir. Mostrou uma rua longa e cinza em West Kensington, naquela hora gélida de fim de tarde, antes que as lâmpadas são acesas, e eu estava lá, uma desventurada e pequena figura, chorando em voz alta, apesar de tudo que podia fazer para me conter. Estava chorando porque não podia voltar para meus queridos amigos que tinham me chamado, 'Volte para nós! Volte logo para nós!' Eu estava lá. Aquela não era uma página em um livro, mas a dura realidade; aquele lugar encantado e a mão limitadora da solene mãe em cujo joelho eu me encostava tinham ido embora — para onde tinham ido?"

Ele parou de novo e permaneceu por um tempo fitando o fogo.

— Oh! a aflição daquele retorno! — murmurou.

— E então? — perguntei, depois de mais ou menos um minuto.

— Pobre coitado de mim! Trazido de volta a este mundo cinzento novamente! Quando percebi a totalidade do que me tinha acontecido, dei vazão a um pesar completamente incontrolável. E a vergonha e humilhação daquele choro em público e meu vergonhoso retorno a casa ainda permanecem comigo. Vejo outra vez o velho cavalheiro de aparência benevolente e óculos de ouro que parou e falou comigo, tocando-me antes com seu guarda-chuva. "Pobre rapazinho", disse; "está perdido então?" — e eu um menino londrino de mais de cinco anos! E teve que envolver um jovem e gentil policial e causar um ajuntamento a minha volta, e assim me conduzir para casa. Soluçando, chamando a atenção e assustado, voltei do jardim encantado para os degraus da casa de meu pai.

"Isso é o quanto posso me lembrar de minha visão daquele jardim — o jardim que ainda me assombra. Claro, não posso transmitir nada daquela indescritível qualidade de irrealidade translúcida, daquela diferença das coisas comuns da experiência que ficava à volta de tudo; mas aquilo... foi o que aconteceu. Se foi um sonho, tenho certeza de que foi um sonho completamente extraordinário e

durante o dia... Hum!... naturalmente, seguiu-se um terrível interrogatório, pela minha tia, meu pai, a babá, a governanta... todos...

"Tentei dizer a eles, e meu pai me deu minha primeira surra por contar mentiras. Quando mais tarde tentei dizer a minha tia, ela me castigou de novo por minha malvada persistência. Então, como eu disse, todos foram proibidos de prestar atenção em mim, de ouvir uma palavra sobre isso. Até mesmo meus livros de conto de fadas foram tirados de mim por um tempo... porque eu era muito 'imaginativo'. Hein? Sim, fizeram isso! Meu pai pertencia à velha escola... E minha história se voltou contra mim mesmo. Eu a sussurrava para meu travesseiro — meu travesseiro, que frequentemente estava úmido e salgado de lágrimas infantis para meus lábios sussurrantes. E eu acrescentava sempre às minhas orações oficiais e menos fervorosas este sincero pedido: 'Queira Deus que eu possa sonhar com o jardim. Oh! Leve-me de volta ao meu jardim! Leve-me de volta ao meu jardim!' Eu sonhava muitas vezes com o jardim. Posso tê-lo aumentado, posso tê-lo mudado, não sei... Tudo isto, você compreende, é uma tentativa de reconstruir, a partir de memórias fragmentárias, uma experiência muito antiga. Entre aquela e as outras memórias consecutivas da minha infância há um abismo. Chegou um tempo no qual parecia impossível que eu devesse falar alguma vez daquele vislumbre maravilhoso de novo."

Fiz uma pergunta óbvia.

— Não — ele disse. — Não me lembro de alguma vez tentar encontrar meu caminho de volta ao jardim naqueles primeiros anos. Isso me parece estranho agora, mas acho que, muito provavelmente, uma vigilância mais severa foi mantida sobre meus movimentos após aquela desventura, para evitar que eu me perdesse. Não, não aconteceu, até você me conhecer, de eu sondar o jardim novamente. Creio que houve um período, por incrível que pareça agora, no qual esqueci o jardim completamente, deve ter sido quando tinha uns oito ou nove anos. Você se lembra de mim quando era criança no Santo Etelstano?

— Certamente!

— Naqueles dias eu não mostrava nenhum sinal de ter um sonho secreto, mostrava?

II

Ele levantou os olhos com um sorriso repentino.

— Alguma vez você brincou de Passagem Noroeste[58] comigo?... Não, claro que você não vinha pelo meu caminho!

"Era um jogo", ele continuou, "do tipo que toda criança de imaginação fértil joga o dia todo. A ideia era a descoberta de uma Passagem Noroeste para a escola. O caminho para a escola era bastante habitual; o jogo consistia em encontrar um que não era, partindo dez minutos mais cedo em alguma direção errante e explorar o caminho de volta por ruas estranhas ao meu destino. E um dia fiquei enredado entre algumas ruas de classe bastante baixa do outro lado de Campden Hill[59] e comecei a pensar que desta vez o jogo seria desfavorável e que eu deveria chegar atrasado à escola. Tentei muito desesperado uma rua que parecia um beco sem saída e encontrei uma passagem no seu final. Corri por ela com esperança restaurada. 'Ainda poderei conseguir', disse, e passei por uma fileira de pequenas lojas bolorentas que eram inexplicavelmente familiares para mim, e veja!, lá estava meu longo muro branco e a porta verde que dava para o jardim encantado!

"A coisa me pegou de surpresa. Então, afinal, aquele jardim, aquele maravilhoso jardim não era um sonho!"

Ele fez uma pausa.

— Suponho que minha segunda experiência com a porta verde marca o mundo de diferença que há entre a vida ocupada de um estudante e o lazer infinito de uma criança. De qualquer maneira, nessa segunda vez nem por um momento pensei em entrar imediatamente. Veja... Por uma razão: minha mente estava focada na ideia de chegar à escola a tempo, decidida a não quebrar meu recorde de pontualidade. Certamente devo ter sentido alguma pequena vontade de pelo menos checar a porta, sim. Devo ter sentido... Mas tenho a impressão de me lembrar da atração da porta principalmente como outro obstáculo a minha dominante determinação em chegar à escola. Estava imensamente interessado por aquela descoberta que tinha feito, é claro. Continuei adiante com minha mente preenchida por ela, mas continuei. Ela não me deteve. Passei apressado,

puxei para fora meu relógio[60] e descobri que tinha dez minutos de sobra ainda; depois estava indo ladeira abaixo em vizinhanças conhecidas. Cheguei à escola sem fôlego, é verdade, e molhado de suor, mas a tempo. Consigo me lembrar de ter pendurado meu casaco e chapéu... Passei direto por ela e a deixei para trás. Estranho, hein?

Ele me olhou, pensativo.

— É claro que eu não sabia então que ela não estaria sempre lá. Estudantes têm imaginação limitada. Suponho que pensei ser uma tremenda alegria tê-la ali, saber o caminho de volta para ela, mas havia a escola me puxando. Penso que estava bastante distraído e desatento aquela manhã, recordando o que podia das pessoas estranhas e belas que agora deveria ver de novo. De forma curiosa, eu não tinha nenhuma dúvida em minha mente de que ficariam contentes em me ver... Sim, devo ter pensado no jardim aquela manhã apenas como uma espécie de lugar alegre ao qual se podia recorrer nos intervalos de uma extenuante vida escolar.

"De qualquer modo, não fui até lá naquele dia. O dia seguinte foi um meio-feriado e isso pode ter pesado sobre mim. Talvez, também, meu estado de desatenção me trouxe limitações e reduziu a margem de tempo necessária para o desvio. Não sei. O que sei é que, naquele meio tempo, o jardim encantado foi tanto para minha mente que não pude guardá-lo para mim mesmo.

"Eu contei. Qual era o nome dele?... Um pequeno com cara de furão que costumávamos chamar de Squiff."

— Pequeno Hopkins — eu disse.

— Hopkins, era. Não gostei de contar a ele. Tinha a sensação de que, de alguma forma, era contra as regras contar a ele, mas contei. Ele estava andando parte do caminho para casa comigo; era falador e, se não tivéssemos falado sobre o jardim encantado, teríamos falado de outra coisa, mas era intolerável para mim pensar sobre qualquer outro assunto. Então dei com a língua nos dentes.

"Bem, ele revelou meu segredo. No dia seguinte, no recreio, eu me vi rodeado por meia dúzia de meninos maiores, em parte me provocando e totalmente curiosos para saber mais do jardim encantado. Lá estava aquele grandalhão do Fawcett — você se lembra dele? — e Carnaby, e Morley Reynolds. Você não estava lá, por acaso? Não, acho que eu teria lembrado se estivesse...

"Um menino é uma criatura de sentimentos estranhos. Eu estava, realmente acredito, apesar de meu secreto autodesprezo, um pouco lisonjeado por ter a atenção daqueles colegas maiores. Eu me lembro particularmente de um momento de prazer causado pelo elogio de Crawshaw — você se lembra do Crawshaw maior, o filho de Crawshaw, o compositor? —, que disse que era a melhor mentira que já tinha ouvido. Mas, ao mesmo tempo, havia um sentimento não manifesto de vergonha realmente doloroso ao contar aquilo que eu sentia ser, de fato, um segredo sagrado. Aquele besta do Fawcett fez uma piada sobre a garota de verde..."

A voz de Wallace esmoreceu com a aguda memória daquela vergonha.

— Eu fingia não ouvir — disse. — Bem, então Carnaby, de repente, me chamou de pequeno mentiroso e discuti comigo quando eu disse que o acontecimento era verdadeiro. Eu disse que sabia onde encontrar a porta verde, que poderia levar todos lá em dez minutos. Carnaby se mostrou ultrajantemente virtuoso e disse que eu teria de fazê-lo, confirmar minhas palavras ou sofrer. Carnaby já torceu seu braço alguma vez? Então talvez vai entender como foi comigo. Jurei que minha história era verdadeira. Não havia ninguém na escola nesse momento para salvar um colega de Carnaby, embora Crawshaw intercalasse uma ou outra palavra. Carnaby tinha conseguido seu jogo. Fiquei agitado e com as orelhas vermelhas, e um pouco amedrontado. Eu me comportei completamente como um coleguinha bobo, e o resultado de tudo isso foi que, em vez de partir sozinho para meu jardim encantado, mostrei o caminho mais tarde — bochechas coradas, orelhas quentes, olhos ardendo e minha alma queimando de aflição e vergonha — a um grupo de seis colegas zombeteiros, curiosos e ameaçadores.

"Nunca encontramos o muro branco e a porta verde..."

— Quer dizer que...?

— Quero dizer que não poderia encontrá-lo. Eu o teria encontrado, se pudesse.

"E depois, quando pude ir sozinho, não consegui encontrá-lo. Nunca o encontrei. Tenho a impressão agora de ter estado sempre procurando por ele durante meus dias de estudante, mas nunca o encontrei — nunca."

— Os colegas se tornaram agressivos?

— Cruéis... Carnaby realizou um conselho sobre mim por mentira irresponsável.

Eu me lembro de como entrei em casa e passei ao andar de cima furtivamente para esconder as marcas da minha choradeira. Mas, quando chorei sozinho até finalmente dormir, não era por causa de Carnaby, mas pelo jardim, pela bela tarde que tinha almejado, pelas mulheres amistosas e carinhosas, pelos colegas de brincadeiras que me aguardavam e pelo jogo que tinha esperado aprender de novo, aquele belo jogo esquecido...

"Eu acreditava firmemente que, se não tivesse contado... — tive momentos ruins depois disso... chorando à noite e devaneando durante o dia. Por dois períodos relaxei e tive maus boletins. Você se lembra? É claro que sim! Foi você, você me superar em Matemática que me trouxe de volta para o estudo árduo de novo."

III

Por um tempo meu amigo fitou silenciosamente o coração vermelho do fogo. Em seguida, disse:

— Nunca a vi novamente até os dezessete anos.

"Ela se lançou sobre mim pela terceira vez quando estava me dirigindo para Paddington rumo a Oxford[61] e a uma bolsa de estudos. Tive apenas um vislumbre momentâneo. Eu estava inclinado sobre a portinhola de minha carruagem[62] fumando um cigarro, sem dúvida pensando em mim como um incorrigível homem do mundo, e subitamente lá estava a porta, o muro, o precioso senso de coisas inesquecíveis e ainda acessíveis.

"Passamos em tropel — eu muito tomado de surpresa para parar minha carruagem até que estávamos bem adiante contornando uma esquina. Então tive um impulso esquisito, um movimento dúbio e divergente de minha vontade: bati de leve na pequena porta no teto da carruagem e abaixei meu braço para sacar meu relógio. 'Sim, senhor!', disse o cocheiro, de forma elegante. 'Ahn... bem... não é nada', gritei. 'Engano meu! Não temos muito tempo! Prossiga!' E ele prosseguiu...

"Obtive minha bolsa de estudos. E à noite, depois que fui informado disso, sentei

perto de meu fogo em meu pequeno quarto de cima, meu escritório, na casa de meu pai, com seu elogio — seu raro elogio — e seus conselhos sensatos zumbindo nos ouvidos, fumei meu cachimbo favorito — o formidável bulldog[63] da adolescência — e pensei naquela porta no longo muro branco. 'Se eu tivesse parado', pensei, 'teria perdido minha bolsa de estudos, teria perdido Oxford — desnortado toda a carreira magnífica diante de mim! Comecei a ver melhor as coisas!' Fiquei meditando profundamente, mas não duvidei naquele tempo de que esta minha carreira era algo que merecia sacrifício.

"Aqueles queridos amigos e aquela atmosfera clara pareciam muito encantadores para mim, muito aprazíveis, porém remotos. Meu interesse estava então se fixando no mundo. Via outra porta se abrir — a porta de minha carreira."

Olhou fixamente de novo para o interior do fogo. A luz vermelha realçou uma concentração obstinada em sua face por apenas um momento bruxuleante e, em seguida, desapareceu novamente.

— Bem — disse e suspirou —, servi a essa carreira. Realizei... muito trabalho, muito trabalho duro. Mas sonhei com o jardim encantado milhares de vezes e vi sua porta, ou ao menos vislumbrei sua porta quatro vezes desde então. Sim... quatro vezes. Por um tempo este mundo foi tão brilhante e interessante, pareceu tão cheio de significado e de oportunidade, que o charme meio apagado do jardim era, em comparação, suave e remoto. Quem quer afagar panteras no caminho para o jantar com mulheres bonitas e homens ilustres? De Oxford voltei para Londres, um homem promissor, portanto fiz alguma coisa para compensar. Alguma coisa... e ainda assim houve decepções...

"Duas vezes eu me apaixonei — não vou me estender sobre isso — mas uma vez, enquanto procurava alguém que, eu sabia, duvidava se eu teria coragem de me aproximar, peguei um atalho ao acaso por uma estrada erma perto de Earl's Court[64] e assim me deparei com um muro branco e uma familiar porta verde. 'Estranho!', disse para mim mesmo, 'mas pensava que este lugar era em Campden Hill. É o lugar que eu nunca podia determinar por algum motivo — como contar as pedras de Stonehenge[65] —, o lugar daquele misterioso devaneio meu.' Passei por ela concentrado no meu propósito. Ela não possuía nenhum atrativo para mim naquela tarde.

"Tive apenas um impulso momentâneo para tentar a porta, três passos para o lado, no máximo, eram necessários, embora eu estivesse suficientemente certo

em meu coração de que ela se abria para mim. Então pensei que fazer isso poderia me atrasar no caminho para o encontro no qual pensava estar envolvida minha reputação. Depois fiquei arrependido por minha pontualidade, poderia pelo menos ter espiado dentro, pensei, e acenado para aquelas panteras, mas entendia o suficiente naquele tempo que não se deve procurar de novo mais tarde aquilo que não se encontra procurando. Sim, aquela vez me deixou muito arrependido...

"Anos de trabalho duro depois disso e nunca uma visão da porta. Foi só recentemente que ela voltou para mim. Com ela veio um senso como se algum fino embaçamento tivesse se espalhado sobre meu mundo. Comecei a pensar naquilo como algo triste e amargo, que jamais veria aquela porta de novo. Talvez estivesse sofrendo um pouco de excesso de trabalho, talvez fosse o que ouvi falar sobre a crise dos quarenta. Não sei. Mas com certeza o brilho entusiasmado que torna o esforço fácil se retirou das coisas recentemente, e justo em um momento — com todos estes novos desdobramentos políticos — em que eu devia estar trabalhando. Estranho, não é? Mas na realidade começo a achar a vida cansativa; suas recompensas, quando me aproximo delas, de pouco valor. Comecei há pouco tempo a querer o jardim muito intensamente. Sim... e já encontrei três vezes."

— O jardim?

— Não, a porta! E não entrei!

Ele se debruçou sobre a mesa em minha direção, com um enorme pesar em sua voz, enquanto falava.

— Três vezes tive minha chance, três! Em algum momento, caso aquela porta se ofereça para mim outra vez, jurei, vou entrar, longe desta poeira e calor, longe deste brilho árido de vaidade, longe destas futilidades cansativas. Vou e nunca mais volto. Desta vez ficarei..., eu jurava, e quando chegou o momento, não fui.

"Três vezes em um ano já passei por aquela porta e não cumpri a promessa de entrar. Três vezes no ano passado.

"A primeira vez foi na noite da discórdia feroz sobre a Lei de Resgate dos Arrendatários, na qual o Governo foi salvo por uma maioria de três. Você se lembra? Ninguém do nosso lado — talvez muito poucos do outro lado — esperava a conclusão naquela noite. Então o debate se desintegrou como cascas

de ovo. Eu e Hotchkiss estávamos jantando com seu primo em Brentford.[66] Ambos estávamos sem par, fomos chamados por telefone e partimos imediatamente no carro[67] de seu primo. Mal conseguimos entrar a tempo, e no caminho passamos pelo meu muro e porta — lívidos na luz do luar, manchados de amarelo quente à medida que o brilho das lanternas o iluminavam, mas inconfundível. 'Meu Deus!', gritei. 'O Quê?', disse Hotchkiss. 'Nada!', respondi, e o momento passou.

"'Fiz um grande sacrifício', contei ao convocador do partido enquanto entrava. 'Todos fizeram', ele disse, e passou apressado.

"Não vejo como poderia ter feito de outra forma naquele momento. E a ocasião seguinte foi quando corri para a cabeceira de meu pai para me despedir daquele velho severo. Também nesse momento as exigências da vida eram imperativas. Mas a terceira vez foi diferente; aconteceu há uma semana. Vivo remorso me preenche ao recordar. Eu estava com Gurker e Ralphs — não é nenhum segredo agora, você sabe, que tive minha conversa com Gurker. Tínhamos ido jantar no Frobisher's e a conversa tinha se tornado íntima entre nós. A questão sobre minha situação no Ministério reconstituído sempre ficava exatamente além dos limites de nossa conversa. Sim... sim. Está tudo acertado. Não convém falar sobre isso ainda, mas não há nenhuma razão para esconder um segredo de você... Sim... obrigado! obrigado! Mas deixe-me contar minha história.

"Então, naquela noite, as coisas estavam muito no ar. Minha situação era muito delicada. Eu estava muito ansioso por obter alguma palavra definitiva de Gurker, mas constrangido pela presença de Ralphs. Estava usando o melhor poder do meu cérebro para manter aquela conversa leve e casual não tão obviamente direcionada para o ponto que me dizia respeito. Era preciso. O comportamento de Ralphs desde então tinha mais que justificado minha precaução... Ralphs, eu sabia, nos deixaria depois da Kensington High Street, assim eu poderia surpreender Gurker com uma súbita franqueza. Algumas vezes é preciso recorrer a esses pequenos artifícios... E foi então que, na margem do meu campo de visão, me tornei consciente uma vez mais do muro branco, a porta verde no caminho diante de nós.

"Passamos por ela conversando. Passei por ela. Ainda posso ver a sombra do perfil marcado de Gurker, sua cartola de ópera[68] empurrada para a frente sobre seu nariz proeminente, as muitas dobras de seu cachecol indo adiante de minha sombra e da de Ralphs enquanto nós passávamos perambulando.

"Passei a menos de vinte polegadas[69] da porta. 'Se eu disser boa-noite a eles e entrar', perguntei a mim mesmo, 'o que acontecerá?' E eu estava todo trêmulo por aquela palavra com Gurker.

"Não poderia responder àquela pergunta no emaranhado de meus outros problemas. 'Vão me achar louco', pensei. 'E suponha que eu desapareça agora! Incrível desaparecimento de um político proeminente!' Aquilo pesava sobre mim. Mil coisas insignificantes do mundo pesavam sobre mim naquela crise."

Então ele se voltou para mim com um sorriso pesaroso, falando devagar:

— Aqui estou eu! — exclamou.

— Aqui estou eu! — repetiu — e minha oportunidade se foi. Três vezes em um ano a porta me foi oferecida — a porta que conduz à paz, ao deleite, a uma beleza além do sonho, uma bondade que nenhum homem na Terra pode conhecer. Eu a rejeitei, Redmond, e ela se foi...

— Como você sabe?

— Eu sei. Eu sei. Agora me resta lidar com isso, agarrar-me às tarefas que me retiveram tão fortemente quando minhas oportunidades surgiram. Você diz que eu tenho sucesso, esta coisa vulgar, espalhafatosa, enfadonha, invejada. Eu tenho.

Ele tinha uma noz em sua grande mão.

— Se esse foi meu sucesso — disse, esmagando e estendendo-a para eu ver.

"Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Redmond. Este fracasso está me destruindo. Por dois meses, agora quase dez semanas, não tenho feito praticamente nenhum trabalho, exceto as obrigações mais necessárias e urgentes. Minha alma está cheia de arrependimentos incuráveis. À noite, quando é menos provável que eu seja reconhecido, saio. Vagueio. Sim. Eu me pergunto o que as pessoas pensariam disso se soubessem. Um ministro do Gabinete, o superior responsável pelo mais vital de todos os departamentos, vagando sozinho, afligindo-se, às vezes perto da lamentação audível, por uma porta, por um jardim!"

IV

Posso ver agora sua face um tanto pálida e o incomum fogo sombrio que tinha surgido em seus olhos. Eu o vejo muito vividamente esta noite. Eu me sento recordando suas palavras, sua entonação, e a Gazeta de Westminster[70] da noite passada ainda se encontra no meu sofá, contendo a notícia de sua morte. Hoje na hora do almoço, o clube estava agitado com sua morte. Não falamos de outra coisa.

Encontraram seu corpo bem cedo ontem de manhã numa profunda escavação perto da estação Kensington Leste. É um dos dois poços que foram feitos em conexão com uma extensão da ferrovia sul. É protegido contra a invasão do público por um tapume na rua principal, no qual uma pequena porta foi aberta para a conveniência de alguns dos operários que moram naquela direção. A porta foi deixada destrancada por um mal-entendido entre dois capatazes e através dela ele passou...

Minha mente está obscurecida com perguntas e enigmas.

Parece que ele caminhou por todo o caminho vindo da Câmara naquela noite — ele frequentemente voltava para casa durante a última sessão — e, tendo sido assim, imagino seu vulto escuro vindo pelas ruas vazias bem tarde, agasalhado, obstinado. Então as pálidas luzes elétricas perto da estação disfarçaram as tábuas brutas com uma aparência de branco? Aquela fatal porta destrancada despertou alguma memória?

Houve mesmo afinal, em algum momento, uma porta verde no muro?

Não sei. Conteí sua história como ele me contou. Há momentos nos quais acredito que Wallace não era mais que a vítima da coincidência entre um raro, mas não sem precedentes, tipo de alucinação e uma armadilha do descuido, mas essa, certamente, não é minha mais profunda crença. Você pode me achar supersticioso, se quiser, e insensato; mas, realmente, estou mais da metade convencido de que ele tinha, na verdade, um dom anormal e um sentido — não sei qual — que, sob a aparência de um muro e uma porta, lhe oferecia uma saída, uma passagem pessoal e secreta de fuga para outro e totalmente mais belo mundo. De qualquer forma, podemos dizer, ela o traiu no final. Mas ela o traiu?

Nesse ponto tocamos o mais íntimo mistério desses sonhadores, desses homens de visão e da imaginação. Vemos nosso mundo regular e comum, o tapume e o poço. Pelos nossos padrões cotidianos, ele caminhou da segurança para a escuridão, perigo e morte.

Mas ele viu dessa forma?

A REJEIÇÃO DE JANE

"Todos temos nossas mágoas [...]"

Enquanto estou sentado escrevendo em meu escritório, posso ouvir nossa Jane no andar de baixo trombando pelo caminho com sua escova e pá de lixo. Ela costumava, nos velhos dias, para passar o tempo, cantar melodias de hinos religiosos ou o hino nacional britânico com esses instrumentos, mas ultimamente tem sido silenciosa e até mesmo cuidadosa em seu trabalho. Houve época em que eu rezava com fervor pelo silêncio, e minha esposa com suspiros por esse cuidado, mas, agora que vieram, não ficamos tão satisfeitos como tínhamos previsto que ficaríamos. Na verdade, eu me alegraria secretamente, apesar de ser fraqueza pouco masculina admitir, até por ouvir Jane cantar Daisy[71] ou quebrar não qualquer prato, mas um dos verdes melhores de Eufêmia, para ficar sabendo que o período pensativo chegara ao fim.

Além do mais, ansiávamos ouvir as últimas sobre o rapaz de Jane de preferência a ouvir sobre o final com ele! Jane sempre foi muito espontânea em suas conversas com minha esposa e falava de forma admirável na cozinha sobre uma variedade de assuntos — tão bem, na verdade, que às vezes eu deixava a porta de meu escritório aberta — nossa casa é pequena — para participar delas. Mas depois que William apareceu, era sempre William, nada a não ser William, William isto e William aquilo; e quando pensávamos que William estava definitivamente desenvolvido e esgotado, então William tudo de novo. O noivado durou ao todo três anos; no entanto, como ela foi apresentada a William, e dessa forma se tornou saturada dele, foi sempre um segredo. De minha parte, creio que foi na esquina da rua onde o Rev. Barnabé Baux costumava celebrar uma cerimônia ao ar livre após o serviço da tarde, aos domingos. Jovens cupidos estavam acostumados a esvoaçar como traças ao cintilar da parafina naquele núcleo de canto de hinos da Alta Igreja.[72] Eu imagino que ela estava cantando hinos lá, ausente em sua memória e imaginação, em vez de vir para casa jantar, e William surgiu ao lado dela e disse "Olá!". "Olá você!", ela disse. Etiqueta cumprida, continuaram a conversar um com o outro.

Como Eufêmia tem um costume censurável de deixar suas empregadas ficarem conversando com ela, em pouco tempo ouviu falar dele.

— É um rapaz tão respeitável, senhora — disse Jane —, você não conhece.

Ignorando a advertência lançada sobre seu conhecimento, minha esposa perguntou mais sobre aquele William.

— É o segundo carregador no Maynard's, a loja de tecidos[73] — disse Jane — e ganha dezoito shillings,[74] quase uma libra por semana, senhora, e quando o carregador-chefe sair, ele será o carregador-chefe. Seus parentes são pessoas muito superiores, senhora. Não operários, de modo algum. Seu pai era quitandero, senhora, tinha um tchumor e duas vezes foi à falência.[75] E uma de suas irmãs está numa Casa de Moribundos. Vai ser um partido muito bom para mim, senhora — disse Jane —, sendo eu uma órfã.

— Então você está comprometida com ele? — perguntou minha esposa.

— Não comprometida, senhora, mas ele está economizando para comprar um anel, de ametista.

— Bem, Jane, quando você estiver devidamente comprometida, pode convidá-lo para vir aqui nas tardes de domingo e tomar chá com ele na cozinha — pois minha Eufêmia tem uma concepção maternal de seu dever com as empregadas.

E num instante o anel parecido com ametista estava sendo usado por todos os cantos da casa, com ostentação mesmo, e Jane desenvolveu uma nova forma de trazê-lo para dentro na articulação, de modo que este sinal de compromisso fosse evidente. A velha Senhora Maitland se sentiu ofendida por isso e disse à minha esposa que empregadas não deveriam usar anéis. Mas minha mulher consultou o *Enquire Within* e o *Livro de Administração do Lar da Sra. Motherly* e não encontrou nenhuma proibição.[76] Então Jane permaneceu com essa felicidade adicionada ao seu amor.

O tesouro do coração de Jane me pareceu ser o que pessoas respeitáveis chamam de um rapaz muito merecedor.

— William, senhora — disse Jane um dia de repente, com mal disfarçada complacência, como se contasse as garrafas de cerveja —, William, minha senhora, é um abstinente. Sim, senhora, e não fuma. Fumar, senhora — disse

como quem interpreta o coração —, espalha mesmo muita cinza em volta. Além do desperdício de dinheiro. E o cheiro. No entanto, suponho que eles têm de fazer isso, alguns deles...[77]

À primeira vista William era um rapaz um tanto maltrapilho de traje padrão de colégio com casaco preto. Tinha olhos cinza-pálido e uma tez apropriada para o irmão de alguém numa Casa de Moribundos. Eufêmia não gostava muito dele, mesmo no começo. Sua eminente respeitabilidade era atestada por um guarda-chuva de alpaca, do qual nunca permitia ser separado.

— Ele vai para a capela — disse Jane. — O papa dele, senhora...

— O que dele, Jane?

— O papa[78] dele, senhora, era da Igreja Anglicana, mas o Sr. Maynard é um Irmão de Plymouth[79] e William acha que é diplomacia, senhora, ir para lá também. O Sr. Maynard vem e fala com ele de maneira bastante amigável, quando não estão ocupados, sobre aproveitar todas as finais de barbante e sobre sua alma. Ele dá muita atenção, muita mesmo, o Sr. Maynard, ao William, e ao modo como salva a alma dele, senhora.

Atualmente ouvimos que o carregador-chefe no Maynard's tinha ido embora e que William era o carregador-chefe por vinte e três shillings por semana.

Ele está realmente acima do homem que conduz a carroça[80] — disse Jane — e este é casado, com três filhos.

E prometeu, pela dignidade de seu coração, obter vantagem para nós, com William nos favorecendo, de modo que pudéssemos conseguir nossos pacotes de tecido do Maynard's com excepcional prontidão.

Depois dessa promoção, um rápido aumento da prosperidade caiu sobre o rapaz de Jane. Um dia fomos informados de que o Sr. Maynard tinha dado a William um livro.

— 'Jude a Si Mesmo, de Smiles, é chamado — disse Jane —, mas não é cômico. [81] Fala sobre como progredir no mundo, e um pouco que William leu para mim era adorável, senhora.

Eufêmia me contou isso, rindo; então ficou séria de repente.

— Sabe, querido — disse —, Jane disse uma coisa de que não gostei. Tinha ficado em silêncio por um minuto e, em seguida, inesperadamente comentou: "William está muito acima de mim, senhora, não está?"

— Não me parece nada — eu disse, embora, mais tarde, meus olhos estavam para ser abertos.

Uma tarde de domingo, por volta daquela hora em que eu estava sentado diante de minha escrivaninha — possivelmente lendo um bom livro — alguma coisa passou pela janela. Ouvi uma exclamação de surpresa atrás de mim e vi Eufêmia com as mãos entrelaçadas e os olhos dilatados.

— George — ela disse num sussurro cheio de espanto —, você viu?

Então nós dois falamos um para o outro, no mesmo momento, lenta e solenemente:

Uma cartola! Luvas amarelas![82] Um guarda-chuva novo!

— Pode ser minha imaginação, querido — disse Eufêmia —, mas a gravata dele era muito parecida com a sua. Creio que Jane o aconselha sobre gravatas. Ela me disse há pouco, de uma forma que deixa subentendidos sobre o resto de suas roupas: "O patrão usa mesmo gravatas bonitas, senhora." E ele imita todas as suas novidades.

O jovem casal passou pela nossa janela de novo a caminho para sua costureira caminhada. Estavam de braços dados. Jane parecia extremamente orgulhosa, feliz e desconfortável, com novas luvas brancas de algodão, e William, de cartola, singularmente distinto!

Aquilo foi o auge da felicidade de Jane.

Quando ela voltou, disse:

— O Sr. Maynard está falando com William, senhora, ele vai atender os clientes, igual ao rapaz da loja, na próxima liquidação. Se se der bem, vai ser promovido a assistente, senhora, na primeira oportunidade. Quer se tornar tão distinto quanto puder, senhora; se não conseguir, senhora, ele diz que não será por falta de tentativa. O Sr. Maynard simpatizou muito com ele.

— Ele está progredindo, Jane — disse minha esposa.

— Sim, senhora — disse Jane pensativa —, ele está progredindo.

E suspirou.

* * *

No domingo seguinte, enquanto bebia meu chá, interpelei minha esposa.

— Qual a diferença entre este domingo e todos os outros, pequena senhora? O que aconteceu? Você mudou as cortinas, ou rearranjou os móveis, ou onde está a indefinível diferença? Você está usando seu cabelo de um jeito novo sem me avisar? Percebo claramente uma mudança, mas, por mais que me esforce, não posso dizer o que é.

Então minha esposa respondeu com sua voz mais trágica:

— George — disse —, aquele William não passou por aqui hoje! E Jane não para de chorar lá em cima.

Seguiu-se um período de silêncio. Jane, como eu disse, parou de cantar pela casa e começou a cuidar de nossas frágeis posses, o que afligiu minha esposa por ser um sinal muito triste, sem dúvida. No domingo seguinte, e no subsequente, Jane pediu para sair, "passear com William", e minha esposa, que nunca tenta extorquir confidências, deu-lhe permissão e não fez perguntas. Em cada ocasião, Jane voltava parecendo ruborizada e muito determinada. Por fim, um dia, ela se tornou comunicativa.

— William está sendo mal influenciado — ela comentou abruptamente, procurando recuperar o fôlego, lidando com toalhas de mesa. — Sim, senhora. Ela é uma chapeleira,[83] e sabe tocar piano.

— Pensei — disse minha esposa — que você tinha saído com ele no domingo.

— Não com ele, senhora, atrás dele. Andei ao lado e disse a ela que ele estava comprometido comigo.

— Meu Deus, Jane, você disse? O que disseram?

— Não tomaram mais conhecimento de mim do que se fosse sujeira. Então eu disse que ela pagaria por isso.

— Não poderia ter sido um passeio muito agradável, Jane.

— Para nenhuma das partes, senhora.

— Quem me dera — disse Jane — eu soubesse tocar piano, senhora. Mas, de qualquer forma, não pretendo deixar que ela o afaste de mim. É mais velha que ele, o cabelo dela não é loiro até as raízes, senhora.

Foi no feriado bancário de agosto[84] que a crise veio. Não sabemos claramente os detalhes do confronto, somente alguns fragmentos que a pobre Jane deixou escapar. Ela chegou em casa empoeirada, agitada e com o coração inflamado.

A mãe da chapeleira, a chapeleira e William tinham ido juntos ao Museu de Arte em South Kensington,[85] acho. Seja como for, Jane os tinha abordado calmamente, mas com firmeza, em algum lugar das ruas, e declarado seu direito àquilo que, apesar do consenso da literatura, assegurava ser de sua propriedade inalienável. Foi, eu acho, tão longe a ponto de pôr as mãos nele. Lidaram com ela de uma forma esmagadora, superior. Eles "chamaram um cab". Houve uma "cena", William sendo puxado para dentro de quatro rodas por suas futuras esposa e sogra e longe das relutantes mãos de nossa descartada Jane. Houve ameaças de "prendê-la".[86]

— Minha pobre Jane! — disse minha esposa, moendo vitela como se estivesse moendo William. — É uma vergonha deles. Não pensarei mais nele. Ele não é digno de você.

— Não, senhora — disse Jane —, ele é fraco. Mas é aquela a mulher que fez isso.

Nunca se deu que ela ficasse perto de pronunciar o nome "daquela mulher" ou admitir sua imaturidade.

— Não posso imaginar que mentes algumas mulheres devem ter para tentar afastar um rapaz para longe de sua garota. Mas, nesse ponto, falar só magoa — disse Jane.

Desde então nossa casa teve uma folga de William. Mas havia algo na maneira

de Jane esfregar o degrau da entrada ou varrer os quartos, certo rancor, que me persuadiu de que aquela história ainda não tinha terminado.

— Por favor, senhora, posso sair e ver um casamento amanhã? — disse Jane um dia.

Minha esposa soube por instinto qual casamento.

— Você acha que é prudente, Jane? — ela disse.

— Gostaria de vê-lo uma última vez — disse Jane.

* * *

— Meu querido — disse minha esposa, precipitando-se dentro de meu quarto cerca de vinte minutos depois que Jane tinha partido —, Jane foi até a sapateira, pegou todos os sapatos e botas velhos e foi para o casamento com eles em uma sacola. Claro que ela não pretende...

— Jane — eu disse — está amadurecendo. Vamos esperar pelo melhor.

Jane voltou com um rosto pálido, sério. Todas as botas pareciam estar ainda na sacola, diante do que minha esposa soltou um prematuro suspiro de alívio. Ouvimos que ela foi ao andar de cima e as repôs com ênfase considerável.

— Quanta gente no casamento, senhora — disse logo depois, em um estilo puramente familiar, sentada em nossa pequena cozinha, esfregando as batatas — e um dia tão adorável para eles.

Ela passou a inúmeros outros detalhes, claramente evitando algum incidente principal.

— Foi tudo extremamente respeitável e apropriado, senhora, mas o pai dela não usou um paletó preto, parecia muito deslocado, senhora. O Sr. Piddingquirk..."

— Quem?

— O Sr. Piddingquirk, o William, senhora. Tinha luvas brancas, um paletó igual ao de um pastor e um adorável crisântemo. Parecia tão refinado, senhora. E havia o tapete vermelho no chão, exatamente como para gente da alta sociedade.

E disseram que ele deu ao ajudante quatro shillings, senhora. Era uma carruagem verdadeira que eles tinham, não uma fly.[87] Quando saíram da igreja, houve lançamento de arroz e duas irmãzinhas dela espalhando flores secas. E alguém jogou um chinelo, então joguei uma bota...

— Jogou uma bota, Jane!

— Sim, senhora. Destinada a ela. Mas acertou nele. Sim, senhora, forte. Deu um olho roxo, acho. Só atirei aquela. Não tive coragem de tentar de novo. Todos os meninos pequenos vibraram quando acertou nele.

Depois de um intervalo:

— Eu sinto muito que a bota acertou nele.

Outra pausa. As batatas estavam sendo esfregadas violentamente.

— Ele sempre esteve um pouco acima de mim, sabe, senhora. E foi mal influenciado.

As batatas estavam mais que terminadas. Com um suspiro, Jane se levantou bruscamente e bateu a bacia na mesa.

— Eu não ligo — disse. — Não ligo a mínima. Ele ainda vai descobrir seu erro. Bem feito para mim. Eu estava convencida sobre ele. Não deveria ter pensado tão alto. E sou grata por as coisas serem como são.

* * *

Minha esposa estava na cozinha, tratando da comida. Após a confissão do arremesso da bota, ela deve ter observado a pobre Jane fumegando, com um certo desânimo naqueles olhos castanhos dela. Mas imagino que serenaram de novo muito rapidamente, então seus olhares devem ter se reencontrado.

— Oh, senhora — disse Jane, com uma assombrosa mudança de tom —, pense em tudo que aquilo poderia ter sido! Oh, senhora, eu poderia ter sido tão feliz! Eu deveria ter sabido, mas não soube... A senhora é muito gentil em me deixar conversar... porque é difícil para mim, senhora... di-fí-í-í-í-cil.

E concluo que até agora Eufêmia não pensou em si mesma ao deixar que Jane

soluçasse ruidosamente um pouco de seu copioso coração em um ombro compreensivo. Minha Eufêmia, graças aos céus, nunca entendeu propriamente a importância de "manter sua posição". E desde aquele acesso de choro, muito do tom de amargura desapareceu do trabalho de esfregar e escovar de Jane.

Sem dúvida, algo se passou outro dia com o rapaz do açougue — mas isso mal faz parte desta história. De todo modo, Jane é jovem ainda, tempo e mudança a estão moldando. Todos temos nossas mágoas, mas não acredito muito na existência de mágoas que nunca se curam.

A HERANÇA PERDIDA

"[...] nós, pobres seres humanos, falhamos em compreender uns aos outros."

— Meu tio — disse o homem com o olho de vidro — era o que se poderia chamar de um hemi-semi-meio-milionário. Ele acumulou cerca de cento e vinte mil. Um bocado. E me deixou todo seu dinheiro.

Lancei os olhos para a manga surrada de seu casaco, e eles viajaram até a desgastada gola.

— Cada pêni[88] — disse o homem com o olho de vidro, e flagrei a pupila ativa me examinando com um toque de ofensa.

— Nunca tive nenhum golpe de sorte como esse — eu disse, tentando falar de maneira invejosa e acalmá-lo.

— Mesmo um legado não é sempre uma bênção — ele comentou com um suspiro e, com um ar de resignação filosófica, assentou o nariz vermelho e o bigode hirsuto em sua caneca por um momento.

— Eventualmente não — eu disse.

— Ele era um escritor, sabe, escreveu um monte de livros.

— Verdade?

— Esse foi o problema disso tudo.

Ele me encarou com o olho disponível para ver se eu compreendia sua afirmação e, em seguida, desviou o rosto um pouco e pegou um palito de dente.

— Veja — disse, estalando os lábios depois de uma pausa —, foi assim. Ele era meu tio, meu tio por parte de mãe. E tinha, como posso dizer?... uma fraqueza por escrever literatura edificante. Fraqueza não é bem o termo... francamente,

mania é mais perto da verdade. Tinha sido bibliotecário numa escola politécnica, e assim que o dinheiro veio, começou a se entregar à sua ambição. É algo simplesmente extraordinário e incompreensível para mim. Aqui estava um homem de trinta e sete anos repentinamente jogado numa perfeita pilha de ouro e que não se entregou à gastança... nem por um dia. Seria de pensar que o sujeito sairia e se vestiria com um pouco mais de decência, digo, algumas dúzias de pares de calças de um alfaiate de West End;[89] mas não ele. Você dificilmente vai acreditar, mas quando morreu, não tinha sequer um relógio de ouro. Parece errado para pessoas como essas ter dinheiro. Tudo o que fez foi apenas arranjar uma casa, encomendar quase cinco toneladas de livros, tinta e papel, e começar a escrever literatura edificante tão seriamente quanto jamais poderia escrever. Não consigo entender isso! Mas assim fez. O dinheiro veio, curiosamente, por um tio materno dele, igualmente inesperado, quando tinha trinta e sete anos. Acontece que minha mãe era a única parente dele no vasto, vasto mundo, exceto alguns primos de segundo grau. E eu era o único filho dela. Está acompanhando tudo? Os primos de segundo grau tinham um único filho também, mas o trouxeram para ver o velho muito cedo. Era uma criança muito mimada, esse filho deles, e logo que pôs os olhos no meu tio, começou a berrar tão alto quanto podia. "Tire-o daqui, tire-o daqui", ele disse, e assim foi feito por ele mesmo, exclusivamente. Foi sem maiores dificuldades para mim, você pensaria, hein? E minha mãe, sendo uma mulher cautelosa e sensata, estabeleceu o negócio em sua própria mente muito antes que ele.

"Era um sujeito pequeno e curioso, meu tio, segundo me lembro. Não me admira a criança ficar assustada. Cabelo exatamente como desses bonecos japoneses que são vendidos, preto, liso e esticado em toda a volta e nenhum no meio; embaixo um tipo de rosto esbranquiçado e olhos cinza-escuro bem grandes se mexendo atrás dos óculos. Costumava dar bastante importância ao vestuário, sempre usava um casacão de lapela e um chapéu de feltro de abas largas do mais extraordinário tamanho. Parecia um pequeno mendigo ébrio, posso lhe dizer. Dentro de casa, em regra, era um robe de flanela vermelha sujo e um casquete preto que ele usava. Aquele casquete preto o fazia parecer com os retratos de todo tipo de pessoa célebre. Estava sempre se mudando de casa em casa, meu tio, com sua cadeira que tinha pertencido a Savage Landor, e suas duas escrivaninhas, uma de Carlyle e a outra de Shelley, conforme disse o vendedor, e a mais completa biblioteca de referência portátil na Inglaterra, que ele dizia ter. [90] E carregava toda a caravana, agora para uma casa no Down, perto do antigo lugar de Darwin, depois para Reigate, perto de Meredith, depois embora para Haslemere, então de volta para Chelsea por um pouco e, em seguida, até

Hampstead.[91] Ele sabia que havia algo de errado com seu material, mas nunca soube que havia qualquer coisa de errado com seu cérebro. Era sempre o ar, a água, a altitude ou alguma bobagem como essas. 'Tanta coisa depende do ambiente', costumava dizer, encarando firmemente, como se em parte suspeitasse de que você estava escondendo um sorriso irônico em algum lugar em seu rosto. 'Tanta coisa depende do ambiente para uma mente sensível como a minha.'

"Qual era o nome dele? Você não o conheceria se eu dissesse. Não escreveu nada que alguém já tenha lido, nada. Ninguém podia lê-lo. Queria ser um grande instrutor, ele dizia, mas não sabia mais que uma criança o que queria ensinar. Assim só dizia livremente bobagens sobre Verdade e Justiça, o Espírito da História e tudo mais. Livro após livro escreveu e publicou às suas próprias custas. Não estava realmente bem da cabeça, você sabe; tinha que ouvi-lo falar sobre os críticos, não porque o arrasavam — ele gostaria disso —, mas porque nem sequer tomavam qualquer conhecimento dele. 'O que as nações querem?', perguntava, estendendo sua velha garra escura. 'Ora, instrução, orientação! Estão dispersas pelos montes como ovelhas sem pastor. Há Guerra e Rumores de Guerra, o não esconjurado Espírito de Discórdia à solta no país, Nihilismo, Vivisseccção, Vacinação, Embriaguez, Penúria, Necessidade, Erro Socialista, Capital Interesseiro![92] Você vê as nuvens, Ted?' — Meu nome, você sabe — 'Você vê as nuvens baixando sobre a terra? E, por detrás de tudo, o Mongol espera!' Era sempre muito pomposo sobre os Mongóis, o Espectro do Socialismo e coisas assim.[93]

"Então apontava o dedo em minha direção e, com seus olhos totalmente incendiados e seu casquete torto, sussurrava: 'E aqui estou eu. O que quero? Nações para ensinar. Nações! Falo com toda a modéstia, Ted, eu poderia. Eu as guiaria; ou melhor! eu as guiarei a um porto seguro, à terra da Justiça, que mana leite e mel.'[94]

"É assim que ele costumava falar. Divagar, delirar sobre as nações, a justiça, esse tipo de coisa. Espécie de picadinho de Bíblia e bobagens.[95] Dos quatorze aos vinte e três, quando eu poderia ter refinado minha mente, minha mãe costumava me dar banho e escovar meu cabelo (pelo menos nos primeiros anos) com um belo repartido no meio e me levar, uma ou duas vezes por semana, para ouvir esse velho lunático tagarelar sobre coisas que tinha lido nos jornais da manhã, tentando fazê-lo tão parecido com Carlyle o quanto pudesse, e eu costumava me sentar de acordo com as instruções, parecer inteligente e agradável, e fingir

compreender tudo. Mais tarde eu costumava ir por vontade própria, por consideração ao legado. Eu era a única pessoa que costumava ir vê-lo. Ele escreveu, creio eu, a cada homem que fez a mais ligeira agitação no mundo, enviando-lhe uma cópia ou mais de seus livros e convidando-o a vir e falar com ele sobre as nações; mas metade deles não respondeu e ninguém nunca veio. E quando a moça deixava você entrar — era um pedaço de mercadoria manhosa aquela moça — havia montes de cartas na poltrona do vestíbulo esperando serem levadas, endereçadas ao Príncipe Bismarck, ao Presidente dos Estados Unidos e pessoas assim.[96] E ao subir pela escada e ir pelo corredor cheio de teias de aranha — a governanta bebia com furor, os corredores sempre estavam cheios de teias de aranha —, por fim o encontrava com livros emborcados por todo o quarto, montes de papel rasgado pelo assoalho, telegramas e jornais espalhados em volta, xícaras de café vazias e pedaços de torradas meio comidas sobre a escrivaninha e a lareira. Você veria suas costas curvadas e seu cabelo estaria saliente e bem esticado entre a gola daquele arremedo de robe e a borda do casquete.

""Um momento!'", ele diria. 'Um momento!'", sobre seu ombro. 'A mot juste, você sabe, Ted, le mot juste.[97] Pensamento correto expresso corretamente... Aah!... concatenação. E agora, Ted', ele diria, girando em sua cadeira de escritório, 'como vai, Jovem Inglaterra?' Esse era o seu nome idiota para mim.

"Bem, assim era meu tio, e assim era como falava — comigo, pelo menos. Com os outros próximos, parecia um pouco tímido. Não só conversava comigo, como também me dava seus livros, livros de seiscentas páginas ou mais, com títulos duvidosos, A Irmandade Ruidosa, O Beemote da Intolerância,[98] Cadinhos e Coadores e assim por diante. Todos muito convincentes e nenhum original. Exatamente na penúltima vez que o vi, ele me deu um livro. Sentia-se mal a essa altura, sua mão tremia e estava desanimado. Eu reparei porque estava, obviamente, atento para esses pequenos sintomas. 'Meu último livro, Ted', ele disse. 'Meu último livro, meu rapaz; minha última palavra às nações surdas e endurecidas.' Diabos me carreguem se uma lágrima não foi descendo por seu velho rosto amarelado. Era direito chorar porque estava tão perto do fim e não tinha escrito nada mais que cinquenta e três livros de asneiras. 'Algumas vezes eu pensei, Ted...', disse, e parou.

""Talvez eu tenha sido um pouco impaciente e raivoso com esta geração teimosa. Um pouco mais de doçura, talvez, e um pouco menos de luz ofuscante. Eu às vezes pensei..., poderia tê-los influenciado. Mas fiz o meu melhor, Ted.'

"Então, com um surto, pela primeira e última vez em sua vida, reconheceu-se um fracasso. Isso mostrou que estava realmente doente. Pareceu pensar por um minuto e, em seguida, falou são e sóbrio, tão são e sóbrio como estou agora. 'Tenho sido um tolo, Ted', ele disse. 'Estive me gabando de absurdos toda a minha vida. Somente Aquele que lê o coração sabe se isso não é nada mais que vaidade. Ted, eu não sei. Mas Ele sabe, Ele sabe, e se agi de maneira tola e em vão, em meu coração — em meu coração'...

"Foi desse modo que falou, repetindo-se; parou repentinamente e entregou o livro para mim, tremendo. Então o antigo brilho voltou em seus olhos. Lembro-me de tudo bastante bem, porque eu o repeti e encenei para minha velha mãe quando cheguei em casa, para animá-la um pouco. 'Pegue este livro e leia', ele disse. 'É minha última palavra, realmente minha última palavra. Deixei todas as minhas posses para você, Ted, e você pode usá-las melhor que eu.' Em seguida, desandou a tossir.

"Lembro-me bastante bem, mesmo agora, como fui para casa eufórico e como ele estava de cama na próxima vez que o visitei. A governanta estava lá embaixo bêbada, e eu flertei — como todo jovem faria — com a moça no corredor antes de ir até ele. Estava perecendo depressa. Mas, mesmo assim, a vaidade se aferrou a ele.

"'Você leu?', ele sussurrou.

"'Passei toda a noite lendo,' eu disse em seu ouvido para animá-lo. 'É o último', eu disse, e, em seguida, com a lembrança de uma ou outra poesia em minha cabeça, 'mas é o mais corajoso e o melhor.'

"Ele sorriu um pouco, tentou apertar minha mão como uma mulher faria, parou na metade e repousou imóvel. 'O mais corajoso e o melhor', eu disse, vendo que lhe agradava. Mas ele não respondeu. Ouvi uma risadinha da moça do lado de fora, pois, ocasionalmente, tínhamos dado algumas risadas inocentes, você sabe, por causa das maneiras dele. Olhei para o seu rosto, seus olhos estavam fechados e era como se alguém tivesse pressionado seu nariz em cada lado. Mas ainda estava sorrindo. É esquisito imaginar — ele jazia morto, jazia morto lá, um fracasso absoluto, com o sorriso do sucesso em seu rosto.

"Foi o fim de meu tio. Você pode imaginar que minha mãe e eu cuidamos que ele tivesse um enterro decente. Depois, é claro, veio a caçada pelo testamento.

De início, começamos decentes e respeitosos, mas antes que o dia terminasse, estávamos desmembrando cadeiras, rompendo painéis da escrivaninha e batendo em paredes. A cada hora esperávamos aqueles outros chegarem. Perguntamos à governanta e descobrimos que ela realmente tinha visto um testamento — estava escrito numa meia folha de papel comum de carta, muito curto, disse — nem um mês atrás. A outra testemunha era o jardineiro, que confirmou o que ela disse palavra por palavra. Mas diabos me carreguem se lá havia aquele ou qualquer outro testamento a ser achado. A maneira como minha mãe falou deve tê-lo feito se revirar no túmulo. Por fim, um advogado em Reigate de repente nos apresentou um que tinha sido feito anos atrás, durante alguma briga temporária com minha mãe. Bendito eu seria se aquele não fosse o único testamento a ser descoberto em algum lugar, pois deixou cada pêni que possuía àquela criança 'Tire-o daqui' dos primos em segundo grau — um sujeito que nunca teve de suportar a conversa dele nem por uma tarde de sua vida."

O homem com o olho de vidro se deteve.

— Pensei que você tinha dito que... — eu comecei.

— Só um minuto — disse o homem com o olho de vidro. — Eu tive de esperar pelo final da história exatamente até esta manhã, e estava uma eternidade mais interessado que você. É só esperar um pouco também. Eles executaram o testamento, o outro sujeito herdou e, sem rodeios, tinha vinte e um anos quando começou a esbanjar. E como esbanjou, de verdade! Apostou, bebeu, apareceu nos jornais por isto e aquilo. Digo a você, eu me contorço ao pensar nos momentos que teve. Ele esbanjou cada mei'pêni[99] antes dos trinta anos e a última vez que ouvi dele foi — Holloway! Três anos atrás.[100]

"Bem, passei por momentos difíceis, obviamente, porque, como pode ver, o único negócio que eu conhecia era filar herança. Todos os meus planos estavam esperando para começar, por assim dizer, quando o velho morreu. Tive meus altos e baixos desde então. Agora mesmo é um período de depressão. Digo-lhe francamente, estou à procura de ajuda. Eu estava vasculhando meu quarto à procura de algum dinheiro para suprir necessidades imediatas e, à vista de todos aqueles volumes presenteados — ninguém irá comprá-los, nem mesmo para embalar manteiga —, bem, eles me incomodavam. Prometi a ele não me separar deles, e nunca mantive uma promessa mais fácil. Descontei neles com minha bota e os enviei para o outro lado do quarto. Pelo chute um levantou e girou no ar. E para fora dele esvoaçou... Adivinha?

"Era o testamento. Ele tinha me entregado naquele derradeiro volume."

Ele cruzou os braços sobre a mesa e olhou tristemente com o olho ativo para sua caneca vazia. Balançou a cabeça lentamente e disse baixo:

— Nunca abri o livro, quanto mais arrancar uma página!

Em seguida, buscando minha compaixão, olhou para cima com um riso amargo:

— Imagine escondê-lo lá! Hein? Que lugar.

Começou a mexer distraidamente numa mosca morta com o dedo.

— O que apenas mostra a vaidade dos escritores — disse, olhando para mim. — Não era nenhum truque dele. Tinha sido perfeitamente honrado. Ele realmente tinha pensado que eu realmente estava indo para casa ler aquele bendito livro do começo ao fim. Mas isso é revelador, não é? — seu olho baixou para a caneca de novo. — Revela também como nós, pobres seres humanos, falhamos em compreender uns aos outros.

Mas não havia engano na eloquente ânsia de seu olhar. Ele concordava com mal fingida surpresa. Disse, na sutil fórmula habitual, que não se importava, ainda que se importasse.

O FURTO NO PARQUE HAMMERPOND

"Isto é furto com estilo!"

É um ponto de controvérsia se o furto deve ser considerado um esporte, um ofício ou uma arte. Para um ofício, a técnica está longe de ser rigorosa o suficiente, e suas reivindicações de ser considerado uma arte estão viciadas pelo elemento mercenário que qualifica seus triunfos. De modo geral, parece ser mais justamente classificado como esporte, um esporte para o qual não há regras formuladas até o momento e cujos prêmios são distribuídos de maneira extremamente informal. Foi essa informalidade do furto[101] que levou à lamentável baixa de dois promissores iniciantes no Parque Hammerpond.

Os prêmios oferecidos neste caso consistiam principalmente em diamantes e outros bricabraques pessoais pertencentes à recém-casada Lady Aveling. Lady Aveling, como o leitor se lembrará, era a filha única da Sra. Montague Pangs, a conhecida anfitriã. Seu casamento com Lorde Aveling foi extensivamente anunciado nos jornais, bem como a quantidade e a qualidade de seus presentes de casamento, e o fato de que a lua de mel seria em Hammerpond. O anúncio desses prêmios valiosos causou uma impressão considerável no pequeno círculo em que o Sr. Teddy Watkins era o líder indiscutível, e foi decidido que, acompanhado de um assistente devidamente qualificado, ele deveria visitar a vila de Hammerpond por sua capacidade profissional.

Sendo um homem de caráter naturalmente reservado e modesto, o Sr. Watkins determinou fazer a visita incog.,[102] e após devida consideração das condições de seu empreendimento, selecionou o papel de um pintor de paisagem e o despretenso sobrenome Smith. Chegou antes de seu assistente, que, foi decidido, devia se juntar a ele apenas na última tarde da sua estadia em Hammerpond. Atualmente a vila de Hammerpond é talvez um dos mais bonitos pequenos recantos em Sussex; muitas casas com telhado de palha ainda permanecem, a igreja de alvenaria de sílex, com sua alta agulha da torre, abrigando-se abaixo da colina é uma das melhores no condado e restaurada o mínimo, e os bosques de faias e matagais de samambaias através dos quais a

estrada se estende para a casa grande são singularmente ricos naquilo que o artista vulgar e o fotógrafo chamam de "traços típicos".[103] Assim o Sr. Watkins, em sua chegada com duas telas virgens, um cavalete novo em folha, um estojo de tintas, maleta, uma engenhosa escadinha segmentada (segundo o padrão do saudoso mestre Charles Peace),[104] pé de cabra e rolos de arame, encontrou-se bem recebido com efusão e alguma curiosidade por uma meia-dúzia de outros irmãos do pincel. O disfarce que tinha escolhido se apresentou inesperadamente plausível, mas lhe impôs uma quantidade considerável de conversa estética para a qual estava muito imperfeitamente preparado.

— Você expôs muito? — disse o jovem Porson no salão do bar "Coche e Cavalos", onde o Sr. Watkins foi habilmente acumulando informações locais na noite de sua chegada.

— Muito pouco — disse o Sr. Watkins —, apenas um bocado, aqui e ali.

— Academia?

— Em curso. E o Palácio de Cristal.[105]

— Você foi bem pendurado? — perguntou Porson.

— Não fale bobagem — disse o Sr. Watkins — eu não gosto disso.

— Quero dizer, foi colocado em um bom lugar?

— Que 'cê quer dizer? — disse o Sr. Watkins com suspeita. — Pareceu que 'tava tentando afirmar que eu tinha sido colocado fora de circulação.

Porson havia sido criado por tias, era um rapaz fino, mesmo para um artista; não sabia o que "fora de circulação" significava, mas achou ser melhor explicar que não quis dizer nada do tipo. Como a questão de pendurar parecia um assunto delicado ao Sr. Watkins, ele tentou mudar a conversa um pouco.

— O senhor também conta com figurativo?

— Nunca tive cabeça para números — disse o Sr. Watkins — minha garota... a Sra. Smith, quero dizer, faz tudo isso.

— Ela pinta também! — disse Porson. — É muito admirável.

— Muito — disse o Sr. Watkins, embora realmente não pensasse assim.[106]

Sentindo que a conversa estava sendo levada um pouco além de seu entendimento, acrescentou:

— Vim aqui para pintar a Casa Hammerpond ao luar.

— Verdade? — disse Porson. — Essa é uma ideia muito original.

— Sim — disse o Sr. Watkins —, pareceu-me simplesmente uma boa ideia quando me ocorreu. Espero começar amanhã à noite.

— O quê! Você não pretende pintar a céu aberto... de noite?

— Pretendo, ainda assim.

— Mas como você verá sua tela?

— Vou ter uma maldita lanterna de polícia... — começava o Sr. Watkins, considerando muito rapidamente a questão, quando, percebendo, gritou à Srta. Durgan por outro copo de cerveja. — Vou ter um utensílio chamado lanterna escura — disse a Porson.[107]

— Mas é quase lua nova agora — objetou Porson. — Não haverá nenhuma lua.

— Lá estará a casa — disse Watkins — em todo o caso. Veja, eu vou pintar a casa primeiro e a lua depois.

— Oh! — disse Porson, muito desconcertado para continuar a conversa.

— Dizem mesmo que — falou o velho Durgan, o proprietário, que tinha mantido um silêncio respeitoso durante a conversa técnica — não tem menos de três policiais de 'Azalworth de serviço cada noite na casa, 'causa dessa Lady Aveling e suas joias. Um deles ganhou quatro e seis[108] do segundo empregado na noite passada... no cara ou coroa.

Em direção ao pôr do sol, no dia seguinte, o Sr. Watkins, com tela virgem, cavalete e um estojo bastante considerável de outros apetrechos na mão, vagueou subindo pelo agradável caminho através das faias até o Parque Hammerpond e montou seu aparato numa posição estratégica, sobranceira à casa. Aqui foi

observado pelo Sr. Rafael Sant, que estava voltando pelo parque de um exame das minas de giz. Tendo sua curiosidade acesa pela descrição de Porson do recém-chegado, fez um desvio com a ideia de discutir arte noturna.

O Sr. Watkins estava aparentemente despercebido de sua aproximação. Uma conversa amigável com o mordomo de Lady Hammerpond tinha acabado de terminar, e aquele indivíduo, cercado por três cães de estimação, já que era sua tarefa passeá-los depois que o jantar tinha sido servido, ia desaparecendo ao longe. O Sr. Watkins estava misturando cores com um ar de grande dedicação. Sant, aproximando-se ainda mais, ficou surpreso ao ver que a cor em questão era um verde-esmeralda tão berrante e brilhante quanto é possível imaginar. Tendo cultivado uma sensibilidade extrema às cores desde seus primeiros anos, acentuadamente puxou o ar entre os dentes ao primeiro vislumbre dessa mistura. O Sr. Watkins se virou. Parecia irritado.

— Que diabos você vai fazer com esse verde bestial? — disse Sant.

O Sr. Watkins percebeu que seu zelo em parecer ocupado aos olhos do mordomo, evidentemente o havia traído em algum erro técnico. Olhou para Sant e hesitou.

— Perdoe minha grosseria — disse Sant —, mas, realmente, esse verde é completamente incrível demais. Foi um choque. O que pretende fazer com ele?

O Sr. Watkins procurava se recompor. Nada poderia salvar a situação a não ser a firmeza.

— Se você vem aqui interromper meu trabalho — disse —, vou pintar seu rosto com ele.

Sant se retirou, pois era um humorista e um homem pacífico. Descendo a colina encontrou Porson e Wainwright.

— Ou aquele homem é um gênio, ou é um lunático perigoso — disse. — Apenas subam e olhem para o verde dele. — E continuou seu caminho, sua fisionomia iluminada pela expectativa divertida de uma rixa animada à volta de um cavalete ao crepúsculo e ao derramamento de muita tinta verde.

Mas para Porson e Wainwright o Sr. Watkins foi menos agressivo e explicou que o verde se destinava a ser a primeira camada de sua pintura. Era, admitiu em

resposta a um comentário, um método absolutamente novo, inventado por ele mesmo. Mas em seguida se tornou mais reticente; explicou que não contaria a cada transeunte o segredo de seu próprio estilo particular e adicionou algumas observações mordazes sobre a maldade de pessoas "perambulando" para obter tais truques dos mestres o quanto pudessem, o que imediatamente o livrou da companhia deles.

O crepúsculo se aprofundou, primeiro uma e depois outra estrela apareceram. As gralhas em meio às altas árvores à esquerda da casa há muito haviam caído em sonolento silêncio, a própria casa perdia todos os detalhes de sua arquitetura e tornava-se um contorno cinza-escuro; em seguida as janelas do salão luziram brilhantes, o jardim de inverno foi iluminado e aqui e ali uma janela de quarto acendia amarela. Se ninguém tivesse se aproximado do cavalete no parque, este se acharia deserto. Uma breve palavra não civilizada em verde brilhante maculava a pureza da sua tela. O Sr. Watkins estava ocupado nos arbustos com seu assistente, que tinha discretamente se juntado a ele pela entrada de carruagens.

O Sr. Watkins se inclinava ao autoelogio sobre o artifício engenhoso pelo qual tinha carregado todo o seu aparato audaciosamente e à vista de todos, direto para a cena de operações.

— Esse é o quarto de vestir — disse a seu assistente — e assim que a empregada levar a vela embora e descer para jantar, nós entramos. Poxa! como é mesmo bonita a vista da casa, de fato, diante da luz das estrelas e com todas as suas janelas e luzes! Dê-me um sopapo, Jim, quase desejo ser um desses pintores. Você prendeu lá aquele arame em todo o caminho da lavanderia?

Cautelosamente se aproximou da casa até que ficou debaixo da janela do quarto de vestir e começou a montar sua escada dobrável. Era um profissional experiente demais para sentir qualquer agitação incomum. Jim fez o reconhecimento da sala de fumar. De repente, bem perto do Sr. Watkins, nos arbustos, houve uma queda violenta e um palavrão abafado. Alguém tinha tropeçado no arame que seu assistente há pouco tinha preparado. Ouviu pés correndo no caminho de pedregulhos do outro lado. O Sr. Watkins, como todos os verdadeiros artistas, era um homem singularmente tímido; sem demora largou a escada dobrável e começou a correr circunspecto através dos arbustos. Estava indistintamente cômico de duas pessoas nos seus calcanhares e imaginava que distinguia a silhueta de seu assistente à sua frente. Em outro momento tinha

saltado o muro baixo de pedra que delimitava os arbustos e estava no parque aberto. Dois impactos sobre a relva se seguiram ao seu próprio salto.

Era uma perseguição de perto na escuridão entre as árvores. O Sr. Watkins era um homem de compleição ágil, em boa forma e ficou ombro a ombro com o vulto roucamente ofegante à frente. Nenhum dos dois falou, mas enquanto o Sr. Watkins aparecia ao lado, uma aflição de dúvida terrível caiu sobre ele. O outro homem virou a cabeça no mesmo momento e soltou uma exclamação de surpresa. "Não é o Jim", pensou o Sr. Watkins, e simultaneamente o estranho se atirou, por assim dizer, nos joelhos de Watkins e foram imediatamente se atracando no chão.

— Dê uma mão, Bill — gritou o estranho assim que o terceiro homem surgiu.

E Bill deu duas mãos, na verdade, e alguns pés acentuados. O quarto homem, presumivelmente Jim, tinha aparentemente desviado e fugido numa direção diferente. De qualquer forma, não se juntou ao trio.

A memória do Sr. Watkins sobre os incidentes dos dois minutos seguintes é extremamente vaga. Tinha uma indistinta lembrança de ter seu polegar no canto da boca do primeiro homem e sentir-se ansioso pelo risco de ele estar lá, e por alguns segundos, pelo menos, segurou a cabeça do cavalheiro que respondia pelo nome de Bill no chão, pelos cabelos. Também foi chutado em um grande número de lugares diferentes, aparentemente por uma vasta multidão. Em seguida o cavalheiro que não era Bill tinha seu joelho abaixo do diafragma do Sr. Watkins e tentava vergá-lo com ele.

Quando suas sensações se tornaram menos emaranhadas, estava sentado sobre a relva e oito ou dez homens — a noite era escura e estava simplesmente confuso demais para contar — de pé à sua volta, aparentemente esperando por ele se recuperar. Melancolicamente presumiu que tinha sido capturado e provavelmente teria feito algumas reflexões filosóficas sobre a inconstância da fortuna, não tivessem suas sensações internas indisposto sua fala.

Muito rápido percebeu que seus pulsos não estavam algemados, em seguida um frasco de conhaque foi colocado em suas mãos. Isto o tocou um pouco — era inesperada tanta bondade.

— Está voltando a si — disse uma voz que imaginou reconhecer como pertencente ao segundo empregado de Hammerpond.

— Nós os pegamos, senhor, os dois — disse o mordomo de Hammerpond, o homem que tinha lhe entregado o frasco. — Graças a você.

Ninguém respondeu a essa observação. No entanto, não foi capaz de entender como se aplicava a ele.

— Ele está bastante aturdido — disse uma voz estranha — os vilões quase o assassinaram.

O Sr. Teddy Watkins decidiu permanecer bastante aturdido até que tivesse uma melhor compreensão da situação. Percebeu que dois dos vultos negros ao seu redor estavam lado a lado com um ar abatido e havia algo na postura de seus ombros que sugeriu ao seu olhar experiente que suas mãos estavam atadas. Dois! Instantaneamente se levantou de seu lugar. Esvaziou o pequeno frasco e — mãos obsequiosas o ajudando — cambaleou. Houve um murmúrio simpático.

— Um aperto de mãos, senhor, um aperto de mãos — disse um dos vultos perto dele. — Permita-me apresentar-me. Estou enormemente em dívida com o senhor. Foram as joias de minha mulher, Lady Aveling, que atraíram estes patifes para a casa.

— Muito prazer em conhecer Vossa Senhoria — disse Teddy Watkins.

— Presumo que o senhor viu os velhacos indo para os arbustos e caiu em cima deles.

— Foi exatamente como aconteceu — disse o Sr. Watkins.

— O senhor deveria ter esperado até que entrassem pela janela — disse Lorde Aveling —, pior para eles se tivessem realmente cometido o furto. Sorte sua que dois dos policiais estavam lá fora perto dos portões e seguiram vocês três. Estou em dúvida se o senhor poderia ter segurado dois deles, mas foi atabalhoadamente corajoso da mesma forma.

— Sim, eu deveria ter pensado em tudo isso — disse o Sr. Watkins —, mas não se pode pensar em tudo.

— Certamente que não — disse Lorde Aveling. — Receio que eles o maltrataram um pouco — acrescentou.

O grupo estava agora se movendo em direção à casa.

— Você caminha um pouco coxo. Posso lhe oferecer meu braço?

Em vez de entrar na Casa Hammerpond pela janela do quarto de vestir, o Sr. Watkins entrou — ligeiramente embriagado e agora inclinado ao bom humor de novo — pelo braço de um nobre na vida real, e pela porta da frente. "Isto", pensou o Sr. Watkins, "é furtar com estilo!" Os "patifes", vistos à luz de gás, provaram ser meros amadores locais, desconhecidos ao Sr. Watkins, e foram levados para dentro da despensa e lá vigiados pelos três policiais, dois guarda-caças com armas carregadas, o mordomo, um estribeiro e um carroceiro até que o amanhecer permitisse sua remoção para a delegacia de Hazelhurst. Muitas gentilezas o Sr. Watkins recebeu no salão. Dedicaram a ele um sofá e não queriam ouvir sobre um retorno à vila naquela noite. Lady Aveling estava certa de que ele era brilhantemente original e expôs sua opinião sobre Turner,[109] que era justamente outro exemplo de homem simples, semiembriagado, de olhar sagaz, corajoso e engenhoso. Alguém trouxe uma pequena e notável escada dobrável que tinha sido apanhada nos arbustos e mostrou-lhe como era montada. Também descreveram como fios de arame tinham sido encontrados nos arbustos, evidentemente colocados lá para fazer tropeçar perseguidores incautos. Foi sorte ter escapado dessas armadilhas. E mostraram-lhe as joias.

O Sr. Watkins tinha o bom senso de não falar muito e, em qualquer dificuldade de conversação, recuava às suas dores internas. Por fim, foi acometido de rigidez nas costas, bocejando. Todos de repente atentaram para o fato de que era uma vergonha mantê-lo falando depois de sua briga; então ele se retirou cedo para o quarto, o pequeno quarto vermelho ao lado da suíte de Lorde Aveling.

O amanhecer encontrou um cavalete abandonado sustentando uma tela com uma inscrição verde no Parque Hammerpond, e a Casa Hammerpond em comoção. Mas, se o amanhecer encontrou o Sr. Teddy Watkins e os diamantes Aveling, não comunicou a informação à polícia.

O QUARTO VERMELHO

"[...] aquela natureza indefinível de uma presença, a estranha sugestão de uma espreita, de uma coisa viva [...]"

— Posso lhes assegurar — eu disse —, será preciso um fantasma muito tangível para me assustar. — Fiquei de pé em frente ao fogo com meu copo na mão.

— É sua própria escolha — disse o homem com o braço atrofiado, e olhou para mim de esguelha.

— Vinte e oito anos eu vivi — eu disse — e nunca vi um fantasma até agora.

A velha permanecia sentada olhando firme para o fogo, com seus olhos baços arregalados.

— Sim — ela interrompeu —, vinte e oito anos você viveu e nunca viu algo como esta casa, eu calculo. Há muitas coisas para ver quando ainda se tem só vinte e oito. — Ela balançou a cabeça lentamente de lado a lado. — Muitas coisas para ver e lamentar.

Em parte suspeitei que os velhos estavam tentando aumentar os terrores espirituais de sua casa com a monótona insistência. Pus meu copo vazio sobre a mesa, olhei ao redor e captei um reflexo de mim mesmo, reduzido e alargado numa impossível robustez, no antigo e estranho espelho na extremidade da sala.

— Bem — eu disse —, se eu vir algo à noite, ficarei um tanto mais sábio. Pois vim tratar do assunto com a mente aberta.

— É sua própria escolha — disse o homem com o braço atrofiado mais uma vez.

Ouvi o som de um bastão e um andar sem firmeza nas lajes da passagem no lado de fora; a porta rangeu nas dobradiças enquanto um segundo velho entrava, mais encurvado, mais enrugado, mais idoso até mesmo que o primeiro. Ele se apoiava em uma única muleta, seus olhos estavam cobertos por uma viseira e seu lábio

inferior, metade afastado, pendia pálido e rosado de seus dentes amarelos cariados. Foi direto para uma poltrona no lado oposto da mesa, sentou-se de forma desajeitada e começou a tossir. O homem com o braço atrofiado deu ao recém-chegado um breve olhar de explícita antipatia; a velha não tomou conhecimento de sua chegada, mas permaneceu com os olhos continuamente fixos no fogo.

— Eu falei... é sua própria escolha — disse o homem com o braço atrofiado quando a tosse tinha cessado por um instante.

— É minha própria escolha — respondi.

O homem com a viseira tomou conhecimento de minha presença pela primeira vez e jogou a cabeça para trás por um momento, e de lado, para me ver. Captei uma cintilação momentânea de seus olhos, pequenos, brilhantes e inflamados. Então ele começou a tossir e a balbuciar de novo.

— Por que você não bebe? — disse o homem com o braço atrofiado, empurrando a cerveja na direção dele. O homem de viseira, com a mão trêmula, serviu-se de um copo cheio, esparramando metade de novo na mesa de pinho. Uma monstruosa sombra dele se encurvou na parede e zombou de seu gesto enquanto se servia e bebia. Devo confessar que eu não tinha contado com aqueles grotescos zeladores. A meu ver, há algo de desumano na senilidade, algo humilhante e atávico; as qualidades humanas parecem abandonar as pessoas idosas dia a dia imperceptivelmente. Aqueles três me fizeram sentir desconfortável, com seus silêncios desolados, seu porte encurvado, sua evidente inimizade comigo e entre si.

— Se — eu disse — vocês me levarem àquele seu quarto assombrado, vou ficar à vontade lá.

O velho com tosse arremessou a cabeça para trás tão repentinamente que me alarmou, e emitiu outra cintilação de seus olhos vermelhos sob a viseira, mas ninguém me respondeu. Esperei um minuto, voltando os olhos de um a outro.

— Se... — eu disse um pouco mais alto — se vocês me levarem àquele seu quarto assombrado, vou livrá-los da tarefa de me recepcionar.

— Há uma vela no aparador depois da porta — disse o homem com o braço atrofiado, olhando para meus pés enquanto se dirigia a mim. — Mas se você for

ao quarto vermelho esta noite...

— Esta noite entre todas as noites! — disse a velha.

— ... você vai sozinho.

— Muito bem — respondi. — E qual é o caminho?

— Siga em frente pela passagem um pouco — ele disse — até chegar a uma porta, depois dela está uma escada em espiral, na metade da subida é que está um patamar e outra porta revestida com baeta. Passe por ela e desça pelo corredor comprido até o fim, o quarto vermelho está à esquerda, subindo os degraus.

— Será que entendi direito? — eu disse, e repeti as orientações. Ele me corrigiu em um detalhe.

— Você está indo de verdade? — disse o homem com a viseira, olhando para mim de novo, pela terceira vez, com aquela estranha, anormal inclinação do rosto.

— Esta noite entre todas as noites! — disse a velha.

— É por isso que eu vim — eu disse, e me dirigi em direção à porta. Enquanto eu ia, o velho com a viseira se levantou e cambaleou em volta da mesa, de modo a ficar mais perto dos outros e do fogo. À porta eu me virei, olhei para eles e vi que estavam todos próximos, escuros contra a luz do fogo, encarando-me por cima dos ombros, com uma expressão obstinada em seus rostos antigos.

— Boa-noite — eu disse, abrindo a porta.

— É sua própria escolha — disse o homem com o braço atrofiado.

Deixei a porta totalmente aberta até que a vela ficasse bem acesa, então eu os fechei lá e caminhei pela passagem fria e ecoante.

Devo confessar que a estranheza daqueles três velhos pensionistas ao cargo de quem a senhoria tinha deixado o castelo e o tom profundo, antiquado, da mobília da sala da governanta na qual se reuniam, me afetaram, apesar de meus esforços em me manter numa época de observação dos fatos. Pareciam pertencer a outra

era, uma era mais antiga, uma era em que as coisas espirituais eram diferentes desta nossa, menos certas; uma era em que presságios e bruxas eram críveis, e fantasmas inegáveis. A própria existência deles era espectral; o corte de suas roupas, modas nascidas em cérebros mortos. Os ornamentos e as comodidades da sala ao redor eram fantasmagóricos — pensamentos de homens que desapareceram, que mais assombravam do que participavam no mundo de hoje. Mas, com um esforço, enviei esses pensamentos para o outro lado. Com ar encanado, a longa passagem subterrânea era friorenta e empoeirada; minha vela tremeluzia, fazendo as sombras se encolherem e tremerem. Os ecos subiam e desciam pela escada em espiral, uma sombra vinha varrendo atrás de mim e outra corria à minha frente, em direção às trevas acima. Cheguei ao patamar e parei ali por um momento, escutando um murmúrio que pensei ter ouvido; então, satisfeito com o silêncio absoluto, empurrei a porta revestida com baeta e me deparei com o corredor.

O efeito dificilmente foi o que eu esperava, porque o luar, entrando pela grande janela da imponente escadaria, realçava tudo em vivas sombras negras ou iluminação prateada. Tudo estava em seu lugar: a casa poderia ter sido abandonada na véspera em vez de dezoito meses atrás. Havia velas nos baciais dos candeeiros e toda a poeira que tinha acumulado nos tapetes ou sobre o piso polido foi distribuída tão uniformemente que ficou invisível ao luar. Eu estava prestes a avançar, mas parei abruptamente. Um conjunto de bronze estava colocado depois do patamar, escondido de mim pelo canto da parede, mas sua sombra caía com admirável distinção sobre os painéis brancos, dando a impressão de alguém agachado para me atacar. Fiquei petrificado por meio minuto talvez. Então, com minha mão no bolso, que segurava meu revólver, avancei, apenas para descobrir um Ganimedes e a Águia[110] reluzindo ao luar. O incidente por um momento restaurou meu sangue-frio, e um chino[111] de porcelana numa mesa marchetada, cuja cabeça balançou silenciosamente quando passei por ele, mal me assustou.

A porta para o quarto vermelho e os degraus até ele estavam em um canto sombrio. Levei minha vela de lado a lado, a fim de ver com clareza a natureza do recesso no qual me encontrava antes de abrir a porta. Foi aqui, pensei, que meu predecessor foi encontrado e a lembrança daquela história me deu uma súbita pontada de apreensão. Olhei por cima do ombro o Ganimedes ao luar e abri a porta do quarto vermelho, um tanto às pressas, com o rosto meio virado para o pálido silêncio do patamar.

Entrei, fechei a porta atrás de mim de uma vez, girei a chave que encontrei na fechadura e permaneci mantendo a vela no alto, examinando a cena de minha vigília, o grande quarto vermelho do Castelo de Lorena[112], no qual o jovem duque tinha morrido. Ou melhor, no qual tinha começado a morrer, porque havia aberto a porta e caído de cabeça nos degraus que eu tinha acabado de subir. Esse tinha sido o fim de sua vigília, de sua corajosa tentativa de conquistar a fantasmagórica tradição do lugar e nunca, pensei, tinha a apoplexia servido melhor aos fins da superstição. E havia outras e mais velhas histórias que se ligavam ao quarto, remontando ao quase crível início de tudo, a narrativa sobre uma tímida esposa e o fim trágico que resultou de uma brincadeira de seu marido para assustá-la. E olhando ao redor daquele grande quarto sombrio, com seus indistintos vãos de janelas, seus recessos e alcovas, pode-se entender bem as lendas que brotaram de seus cantos negros, de sua escuridão germinante. Minha vela era uma pequena língua de luz em sua vastidão, que não conseguiu penetrar a extremidade oposta do quarto, deixando um oceano de mistério e sugestão para além de sua ilha de luz.

Resolvi fazer um exame sistemático do local imediatamente e dissipar as sugestões imaginárias de sua escuridão antes que elas obtivessem uma forte influência sobre mim. Depois de me convencer de ter trancado a porta, comecei a andar pelo quarto, perscrutando ao redor de cada artigo de mobiliário, enrolando os dosséis da cama e abrindo totalmente as cortinas. Levantei as venezianas e examinei o fecho de várias janelas antes de fechar as persianas; inclinei para frente e olhei para o negrume da extensa chaminé; e bati nos painéis de carvalho escuro em busca de alguma abertura secreta. Havia dois grandes espelhos no quarto, cada um com um par de candeieiros sustentando velas, e sobre a cornija da lareira também estavam mais velas em castiçais de porcelana. Acendi todas, uma após a outra. A lareira estava posta, uma inesperada consideração da velha governanta — eu a acendi para conter qualquer disposição a tremer; quando estava queimando bem, virei de costas para ela e observei o quarto novamente. Para formar uma espécie de barricada à minha frente, eu tinha puxado uma poltrona revestida de chita e uma mesa, e para colocar sobre esta o revólver ao alcance da mão. O exame minucioso tinha me feito bem, mas ainda percebia pontos escuros mais afastados no lugar e sua perfeita quietude, estimulante demais para a imaginação. O eco da agitação e do crepitar do fogo não era meio de conforto para mim. Em particular na extremidade, a sombra da alcova tinha aquela natureza indefinível de uma presença, a estranha sugestão de uma espreita, de uma coisa viva, que tão facilmente vem com o silêncio e a solidão. Por fim, para me tranquilizar, andei com uma vela dentro dela e me

convenci de que não havia nada de tangível lá. Fixei a vela sobre o chão da alcova e a deixei naquela posição.

Àquela altura eu estava em um estado de tensão nervosa considerável, embora, racionalmente, não houvesse causa justificável para essa condição. Minha mente, contudo, estava perfeitamente lúcida. Postulei, muito sem reservas, que nada sobrenatural poderia acontecer e, para passar o tempo, comecei a encadear algumas rimas, à moda de Ingoldsby,[113] sobre a lenda original do lugar. Alguns eu recitei, mas os ecos não foram agradáveis. Pela mesma razão também abandonei, depois de um tempo, uma conversa comigo mesmo sobre a impossibilidade de fantasmas e assombrações. Minha mente retrocedeu às três pessoas velhas e deformadas no andar de baixo e tentei mantê-la nesse tópico. Os sombrios vermelhos e negros do quarto me perturbavam; mesmo com sete velas o lugar estava meramente turvo. A da alcova tremeluzia numa corrente de ar e o bruxuleio do fogo manteve as sombras e penumbras mudando e se agitando perpetuamente. Procurando uma solução, lembrei-me das velas que tinha visto no corredor. Com um pequeno esforço, saí ao luar carregando uma vela e deixando a porta aberta; num instante voltei com umas dez. Eu as pus em várias bibelôs chineses com os quais o quarto era esparsamente adornado, acendi-as e coloquei-as onde as sombras jaziam mais profundas, algumas no chão, algumas nos recessos da janela, até que, por fim, minhas dezessete velas estavam tão bem-arranjadas que nem sequer uma polegada[114] da sala ficou sem a luz direta de pelo menos uma delas. Ocorreu-me que, quando o fantasma viesse, eu poderia avisá-lo para não tropeçar nelas. O quarto estava então verdadeiramente muito iluminado. Havia algo muito vivo e tranquilizador naquelas pequenas chamas em movimento, e aparar seus pavios me deu uma ocupação, permitindo um útil senso da passagem do tempo. Mesmo assim, porém, a expectativa inquietante da vigília pesava muito sobre mim. Foi depois da meia-noite que a vela na alcova subitamente apagou e a sombra negra saltou de volta para seu lugar ali. Não vi a vela apagar; simplesmente me virei e vi que a escuridão estava lá, como alguém pode se assustar ao ver a inesperada presença de um estranho.

— Por Jove![115] — eu disse em voz alta — aquela corrente de ar é das fortes! — e, levando os fósforos da mesa, atravessei o quarto de maneira vagarosa para iluminar o canto novamente.

Meu primeiro fósforo não acendeu; enquanto eu conseguia com o segundo, algo pareceu cintilar na parede a minha frente. Virei a cabeça involuntariamente e vi

que as duas velas sobre a pequena mesa perto da lareira tinham se apagado. Fiquei de pé imediatamente.

— Estranho! — eu disse. — Eu mesmo fiz isso em um instante de distração?

Voltei, reacendi uma; enquanto o fazia, vi a vela no candeeiro direito de um dos espelhos tremeluzir e logo apagar; quase imediatamente sua companheira a seguiu. Não havia engano. A chama desapareceu, como se os pavios subitamente tivessem sido comprimidos entre um dedo e o polegar, deixando-os sem brasa nem fumaça, apenas escuros. Enquanto eu estava boquiaberto, a vela ao pé da cama apagou e as sombras pareceram dar mais um passo em minha direção.

— Assim não é possível! — eu disse, e primeiro uma, depois outra vela da cornija da lareira as seguiram.

— O que está acontecendo? — eu gritei, com um estranho agudo em minha voz, por alguma razão. Nesse momento a vela sobre o guarda-roupa apagou e a que eu tinha reacendido na alcova a seguiu.

— Mantenha a calma! — eu disse. — Preciso destas velas — falando com uma jocosidade meio histérica e ao mesmo tempo riscando sem demora um fósforo para os castiçais da cornija. Minhas mãos tremiam tanto que duas vezes errei a lixa da caixa de fósforos. No momento em que a cornija emergiu da escuridão novamente, duas velas na extremidade mais afastada da janela foram eclipsadas. Mas com o mesmo fósforo eu também reacendi as velas maiores no espelho e as no chão, perto da porta de entrada, de modo que, por enquanto, eu parecia ganhar dos apagamentos. Então, numa rajada, sumiram quatro luzes de uma vez em diferentes cantos do quarto; risquei outro fósforo em convulsiva afobação e fiquei em dúvida sobre aonde o levar.

Enquanto eu estava indeciso, uma mão invisível pareceu varrer as duas velas sobre a mesa. Com um grito de terror, lancei-me para a alcova, depois para o canto e depois para a janela, reacendendo três, enquanto mais duas sumiam perto da lareira; em seguida, percebendo um jeito melhor, deixei os fósforos sobre uma arca cintada do canto e apanhei o castiçal da cama. Assim evitava o atraso de riscar fósforos; mas, apesar de tudo, o processo constante de apagamentos continuou e as sombras as quais eu temia e contra as quais lutava retornavam e se insinuavam sobre mim, um passo ganho neste lado, depois outro naquele. Era como uma nuvem irregular de tempestade varrendo as estrelas. De vez em

quando uma retornava por um minuto e se perdia outra vez. Eu estava agora quase em frenesi com o horror da escuridão próxima e o autocontrole se ausentou de mim. Saltava ofegante e desgrenhado de vela em vela, numa luta vã contra aquele avanço implacável.

Machuquei a coxa contra a mesa, joguei uma cadeira de ponta-cabeça, tropecei e caí, levando a toalha de mesa na queda. Minha vela rolou para longe de mim; apanhei outra quando levantei. Esta abruptamente apagou quando a retirei da mesa, pelo vento de meu movimento súbito; imediatamente as duas restantes a acompanharam. Mas ainda havia luz no quarto, uma luz vermelha que me prevenia das sombras. A lareira! É claro que eu ainda poderia empurrar minha vela entre as barras e reacendê-la!

Virei para onde as chamas ainda estavam dançando entre o carvão em brasa e salpicando reflexos vermelhos sobre a mobília, dei dois passos em direção à grelha, e imediatamente as chamas minguaram e sumiram, a brasa sumiu, os reflexos juntos se precipitaram e sumiram; quando eu empurrei a vela entre as barras, a escuridão se fechou sobre mim como o fechar de um olho e me envolveu num abraço sufocante, selou minha visão e esmagou os últimos vestígios de razão de meu cérebro. A vela caiu de minha mão. Estendi os braços num esforço vão de empurrar aquele pesado negrume para longe de mim e, levantando a voz, gritei com toda minha força — uma, duas, três vezes. Então acho que devo ter levantado cambaleando. Sei que me lembrei de repente do corredor enluarado e, com minha cabeça curvada e meus braços sobre o rosto, corri para a porta.

Mas eu tinha esquecido a posição exata da porta e bati forte na quina da cama. Cambaleei para trás, virei-me e fui atingido ou atingi alguns outros móveis volumosos. Tenho uma vaga lembrança de me golpear dessa forma, para lá e para cá na escuridão, de uma luta convulsiva, de meu próprio grito selvagem enquanto eu me arremessava de um canto a outro e, por fim, de um pesado golpe na minha testa, uma horrível sensação de queda que durou uma eternidade, de meu último frenético esforço para ficar em pé; então não me lembro de mais nada.

Abri meus olhos na luz do dia. Minha cabeça estava enfaixada de modo tosco e o homem com o braço atrofiado estava examinando meu rosto. Olhei ao meu redor tentando me lembrar do que tinha acontecido, mas por um espaço de tempo não pude me recordar. Lancei meus olhos para o canto e vi a velha, não mais absorta,

derramando algumas gotas de remédio de um pequeno frasco azul em um copo.

— Onde estou? — perguntei. — Parece que me lembro de vocês, mas ainda não consigo lembrar quem são.

Então me disseram e ouvi sobre o assombrado Quarto Vermelho como quem ouve uma história.

— Nós o achamos ao amanhecer — ele disse — havia sangue em sua testa e lábios.

Foi muito lentamente que recobrei a memória de minha experiência.

— Você acredita agora — disse o velho — que o quarto é assombrado? — Ele falou não mais como quem recebe um intrometido, mas como alguém que se aflige por um amigo abatido.

— Sim — eu disse —, o quarto é assombrado.

— E você o viu. E nós, que vivemos aqui toda a nossa vida, nunca pusemos os olhos naquilo. Porque nunca nos atrevemos... Diga-nos, é realmente o velho conde que...

— Não — eu disse —, não é.

— Eu bem que lhe disse — disse a velha, com o copo na mão. — É sua pobre jovem condessa, que estava aterrorizada...

— Não é — eu disse. — Não há nem fantasma de conde nem fantasma de condessa naquele quarto, não há nenhum fantasma lá afinal; mas algo pior, muito pior...

— Então? — disseram.

— A pior de todas as coisas que assombram o pobre mortal — eu disse — que é, em toda sua nudez... o Medo daquilo que não tem luz nem som, que não se submete à razão, que ensurdece, escurece e subjuga. Ele me seguiu pelo corredor, lutou contra mim no quarto...

Parei abruptamente. Houve um intervalo de silêncio. Minha mão subiu até as

ataduras.

Então o homem com a viseira suspirou e falou:

— É isso — ele disse. — Eu sabia que era isso. Um poder das trevas. Para colocar tal maldição numa mulher! Ele espreita ali para sempre. Você pode senti-lo até durante o dia, mesmo em um dia claro de verão, nos reposteiros, nas cortinas, mantendo-se atrás de você por mais que você olhe ao redor. No crepúsculo ele rasteja ao longo do corredor e o segue, de modo que você não se atreve a se virar. Há Medo naquele quarto dela... Medo sombrio, e lá ficará... enquanto esta casa de pecado perdure.

Notas

A ESTRELA

(Para retornar ao capítulo, basta clicar no número da nota entre colchetes.)

[\[01\]](#)

O astrônomo Ogilvy é uma personagem que também aparece em *The War of the Worlds* (A Guerra dos Mundos), do mesmo autor.

[\[02\]](#)

Uma milha terrestre no sistema imperial, ou unidade inglesa, equivale a 1609,344 metros. A indicação de H. G. Wells procura chamar a atenção para a enorme distância até as estrelas mais próximas depois do Sol, no sistema estelar triplo de Alpha Centauri, a 41 trilhões de quilômetros da Terra, em comparação com Netuno, a apenas 4,4 bilhões de quilômetros, em valores aproximados. Não havia conhecimento, à época, sobre Plutão, Éris e outros planetas anões do Cinturão de Kuiper.

[\[03\]](#)

Régulo, nome latino Regulus, ou Alpha Leonis, é a estrela mais brilhante da constelação de Leão.

[\[04\]](#)

Pólux, Pollux, ou Beta Geminorum, é a estrela mais brilhante da constelação de Gêmeos (entretanto figura como "beta" na designação de Bayer).

[\[05\]](#)

Estrela da tarde ou estrela vespertina são denominações do planeta Vênus quando visível no céu após o pôr do sol.

[\[06\]](#)

Nome dado pelos colonizadores europeus ao povo khoikhoi, nativo do sul da África.

[\[07\]](#)

Colônia britânica estabelecida na segunda metade do século XIX, que alcançou a independência em 1957, tornando-se a nação de Gana, na África ocidental.

[\[08\]](#)

A primeira companhia telefônica privada de Londres foi fundada em 1878, época em que a implantação de redes telefônicas começava em vários países, cerca de vinte anos antes da publicação deste conto de H. G. Wells.

[\[09\]](#)

Capela, Capella ou Alpha Aurigae é a estrela mais brilhante da constelação de Cocheiro (Auriga). Aldebarã, Aldebaran ou Alpha Tauri é a estrela mais brilhante da constelação de Touro. Sírius (também Sírío e Siro), Sirius ou Alpha Canis Majoris é a estrela mais brilhante da constelação de Cão Maior. Já os

ponteiros da Ursa Maior são as estrelas Merak (Beta Ursae Majoris) e Dubhe (Alpha Ursae Majoris). São conhecidas como ponteiros por auxiliar a navegação, porque apontam para a Estrela Polar (Polaris), na Ursa Menor, que indica o polo norte celeste.

[\[10\]](#)

Virgínia é um estado dos EUA, situado a sudeste do país. O Vale do São Lourenço se localiza no sudeste do Canadá, na região do rio de mesmo nome, que tem nascente nos Grandes Lagos e foz no golfo de São Lourenço. Manitoba é uma das províncias do Canadá, em sua porção central.

[\[11\]](#)

O Cabo Horn se localiza na ilha de Hornos, no Chile, e compõe a parte norte do Estreito de Drake. O Cotopaxi é um dos vulcões mais altos do mundo, com 5897 m, localizado no Equador.

[\[12\]](#)

O pé é uma unidade de medida do sistema inglês equivalente a 12 polegadas ou 30,48 cm. A polegada é uma unidade de comprimento que equivale a 2,54 cm.

[\[13\]](#)

Birmânia ou Burma, no sul da Ásia, foi colônia britânica até 1948, após as guerras anglo-birmanesas. Em 1989 um regime militar mudou o nome do país para Myanmar. Já Hindustão se refere à região hoje comumente denominada subcontinente indiano.

[\[14\]](#)

O Indo nasce no Himalaia, corta o noroeste da Índia, atravessa o Paquistão, sendo o mais importante rio deste país, e deságua no Mar da Arábia. O Ganges, rio sagrado para os hindus, nasce no norte da Índia, próximo à fronteira com o Tibete, passa por Bangladesh e deságua no Golfo de Bengala.

[\[15\]](#)

O período entre duas luas novas consecutivas é chamado lunação, período sinódico lunar ou mês sinódico. O mês sinódico da Lua é de aproximadamente 29,53 dias.

[\[16\]](#)

A baía de Baffin é um mar entre os oceanos Atlântico e Ártico, e entre a Groenlândia e a ilha de Baffin, no Canadá.

NO ABISMO

(Para retornar ao capítulo, basta clicar no número da nota entre colchetes.)

[\[17\]](#)

O hábito de mascar lascas de pinheiro, bem como o consumo de bebidas de espruce (abeto), foi comum entre marinheiros para prevenir o escorbuto. É famosa a história sobre uma tripulação de Jacques Cartier (1491–1557) que não foi toda vitimada pela doença porque beberam um preparado com ingredientes de uma árvore chamada "Annedda" pelos nativos do Canadá.

[\[18\]](#)

A libra é uma unidade de massa que corresponde a 0,4535 kg aproximadamente. No cálculo de Weybridge, ela está sendo usada como unidade de força sobre área, ou seja, como unidade de pressão. Uma milha equivale a 5280 pés. Um quintal inglês (hundredweight) equivale a 112 libras, sendo que 20 quintais equivalem a 1 tonelada inglesa (2240 libras ou 1016 kg). Veja também notas [02] e [12].

Na realidade, a pressão a cinco milhas no fundo do oceano é de aproximadamente 5,2, e não 7,5 toneladas inglesas por polegada quadrada. O resultado pode ser obtido pela fórmula de pressão hidrostática $p = p_0 + \rho gh$ ou por calculadoras de pressão e conversores de medida existentes na internet.

[\[19\]](#)

Carl Edgar Myers (1842–1925) foi um inventor, balonista, meteorologista e empresário estadunidense. Desenvolveu aparelhos relacionados ao balonismo, inclusive para produzir oxigênio e hidrogênio.

[\[20\]](#)

Gabriel Auguste Daubrée (1814–1896) foi um geólogo, geoquímico e mineralogista francês, pioneiro na aplicação de métodos experimentais na área. Suas pesquisas abrangeram o metamorfismo, as modificações na crosta terrestre, terremotos, composição de meteoritos, produção artificial de minérios, entre outras. A ele devem-se os nomes da daubrelita e da daubreíta. Uma cratera na Lua também recebe seu nome.

[\[21\]](#)

A eslinga é um cabo que se prende a cargas a serem levantadas. Compõe-se de um anelão ou olhal ao qual se ligam uma ou mais pernas de cabo, em cujas extremidades há algum acessório, como o gancho. O olhal ou laço pode ser confeccionado diretamente no cabo, com diferentes tipos de trançado.

[\[22\]](#)

A batisfera só surgiria na década de 1920, desenvolvida pelo engenheiro Otis Barton para ser utilizada pelo naturalista William Beebe, ambos estadunidenses. Com ela, em 1934 os dois desceram a 3028 pés (922,9 m ou 0,57 milha), recorde que só foi superado em 1949, pelo próprio Barton, com seu bentoscópio, outro tipo de submersível esférico levado por cabo, atingindo 4500 pés (1371,6 m ou 0,85 milha). Em 1960 o suíço Jacques Piccard e o tenente da Marinha dos EUA Don Walsh, tripulando o batiscafo Trieste, desceram à depressão Challenger, ponto mais baixo do leito oceânico na crosta terrestre, na Fossa das Marianas, calculando 10.916 m de profundidade (aproximadamente 6,7 milhas). Em 2012 o diretor de cinema canadense James Cameron, tripulando o submersível Deepsea Challenger fez uma descida solo à mesma depressão, onde recolheu amostras para pesquisa científica, realizou medições e filmagens.

[\[23\]](#)

A braça (em inglês, fathom) é uma medida de profundidade do sistema imperial equivalente a 6 pés, que corresponde a, aproximadamente, 1,83 m. Veja também nota [12].

[\[24\]](#)

No original, AB, que significa able seamen, um marinheiro experimentado com mais de dois anos no mar.

[\[25\]](#)

No sistema tradicional de navios da Marinha, o sino toca a cada meia hora. O dia é dividido em 6 períodos de quatro horas, com 1 toque à 0h30, 2 toques à 1h00, 3 toques à 1h30 etc., até oito toques às 4h00; e o padrão se repete nos períodos seguintes. No conto, "oito badaladas" marcaram o meio-dia, pois o sol estava a pino.

[\[26\]](#)

A direita para quem se posiciona no sentido da popa para a proa, ou seja, para quem está voltado para a frente da embarcação.

[\[27\]](#)

A jarda é uma unidade inglesa que equivale a 3 pés, ou 36 polegadas, aproximadamente 0,91 m. Veja também nota [12].

[\[28\]](#)

Os crinoides são animais marinhos equinodermos, como os lírios-do-mar, capazes de viver a grandes profundidades.

[\[29\]](#)

Escamas de alguns peixes, como tubarões e raias, constituídas de dentina e esmalte, como os dentes humanos.

[\[30\]](#)

O Novo Arenito Vermelho é um termo geológico britânico que designa as camadas avermelhadas formadas desde o período Permiano da era Paleozoica até

o Triássico da Mesozoica, ou seja, de aproximadamente 300 a 200 milhões de anos atrás. O termo Theriomorpha ou Theromorpha ("com forma de animal selvagem") é aplicado a subgrupos de répteis da divisão Synapsida. Por terem desenvolvido características similares a dos mamíferos, são considerados seus ancestrais.

[\[31\]](#)

Ptarmigan, nome do navio que levava a esfera, se refere a ptármiga, lagópode, denominação de algumas espécies de aves galiformes que habitam regiões frias.

O BACILO ROUBADO

(Para retornar ao capítulo, basta clicar no número da nota entre colchetes.)

[\[32\]](#)

Estavam em voga na época em que o conto foi publicado doutrinas que pregavam o darwinismo social, ou teorias da evolução da sociedade. Muitas dessas ideias acabaram sendo empregadas como justificativa da supremacia de uma raça pura. Entretanto, o ponto de vista de Wells era outro: opunha-se ao racismo e à xenofobia. Em seu *The Outline of History* (O Esboço da História), declara que todas as raças são mais ou menos misturadas, sem exceção.

[\[33\]](#)

Pelos elementos a seguir no conto, tudo indica ser um Hansom cab, uma espécie de carruagem muito utilizada como veículo de aluguel na Londres da época. Possuía apenas duas rodas, era baixo, o que facilitava o embarque e

desembarque, e o condutor ia do lado de fora, atrás, sentado numa posição mais alta, podendo ver acima da capota. Por um pequeno alçapão, tinha acesso aos passageiros e era capaz de fechar à distância a portinhola de entrada, comumente uma porta dupla e baixa, podendo também ser um avental de couro ou lona. Versões mais desenvolvidas podiam ter uma janela projetante sobre a portinhola. A palavra cab é uma redução de cabriolet, outro tipo de carruagem. Até hoje é sinônimo de táxi, palavra que se formou depois.

[\[34\]](#)

Harry Hicks. Nesta passagem, Wells procura figurar a fala coloquial dos cocheiros.

[\[35\]](#)

Área do borough de Camden, em Londres.

Para mais detalhes sobre as divisões administrativas da Inglaterra, veja texto ao final das Notas.

[\[36\]](#)

Apesar de os Hansom cabs se disseminarem como veículos de aluguel, não eram modelos considerados apropriados para senhoras, sendo censurável uma mulher andar desacompanhada neles.

[\[37\]](#)

No fim do século XIX e no início do século XX, ocorreram movimentos operários e violentas repressões governamentais na Europa e nas Américas. Na

França da década de 1890 houve uma série de atentados tanto em oposição política ao regime vigente como por vingança a prisões e execuções de anarquistas. Nessa vertente de ação estavam, entre outros, os anarquistas Ravachol, Vaillant e Sante Caserio, tendo este último assassinado o presidente francês Sadi Carnot em 25 de junho de 1894. "O Bacilo Roubado" foi publicado na revista Pall Mall Budget em 21 de junho daquele ano, apenas quatro dias antes do assassinato. Embora não se possa explicar bem em poucas palavras a posição política de Wells, é possível dizer que era um pacifista e se pronunciava a favor de um socialismo que se opunha ao marxismo, bem como ao nacionalismo. Numa conferência dada na Sorbonne em 1927, "Democracia sob Revisão", reproduzida no livro *The Way the World is Going* (O Modo como o Mundo Vai), declarou: "O socialismo é a tentativa de democratizar a vida econômica quando a vida política já foi democratizada".

[\[38\]](#)

O meio-soberano (em inglês, half sovereign) é uma moeda de ouro britânica com valor nominal de meia libra esterlina.

[\[39\]](#)

"Viva a Anarquia!"

A MAÇÃ

(Para retornar ao capítulo, basta clicar no número da nota entre colchetes.)

[\[40\]](#)

Holmwood é uma paróquia do distrito de Mole Valley, no condado de Surrey, a sudeste de Londres. É um dos chamados condados domésticos (em inglês, home counties), condados que rodeiam a Grande Londres.

Para maiores detalhes sobre as divisões administrativas da Inglaterra, veja texto ao final das Notas.

A denominação "Escolas de Gramática" no sistema educacional do Reino Unido vem desde a época medieval, por serem originalmente locais de ensino de latim. Mesmo na Era Vitoriana o nome se manteve, mas passando a ter o sentido de uma escola secundária com currículo acadêmico variado.

Quando jovem, por seus conhecimentos em Latim e Ciências, o próprio H. G. Wells obteve uma posição de aluno-professor (um aluno que ensinava crianças menores) na Escola de Gramática de Midhurst, no condado de West Sussex, na Região Sudeste da Inglaterra, o que foi importante para continuar seus estudos, dada a pouca condição econômica de sua família.

[\[41\]](#)

Veja nota [02].

[\[42\]](#)

O valor do autoconhecimento sempre foi destacado na filosofia e nas religiões desde a Antiguidade. "Conhece-te a ti mesmo", segundo o geógrafo Pausânias (c. 110 – c. 180), é um aforismo que foi escrito por sábios no átrio do Templo de Apolo conhecido por Oráculo de Delfos, no monte Parnaso, na Grécia, junto com "Nada em excesso".

[\[43\]](#)

Pence é o plural de penny, referindo-se a quantias. Já o plural pennies refere-se às moedas (objetos). Antes do "Dia Decimal" (Decimal Day em inglês), em 15 de fevereiro de 1971, data em que o Reino Unido e a Irlanda decimalizaram suas moedas, o penny, ou pêni, valia 1/240 da libra esterlina. Depois, passa a valer 1/100 da libra esterlina (moeda oficial do Reino Unido).

[\[44\]](#)

Três polegadas equivalem a 7,62 cm. Veja também nota [12].

A LOJA MÁGICA

(Para retornar ao capítulo, basta clicar no número da nota entre colchetes.)

[\[45\]](#)

H. G. Wells coloca a si mesmo e um de seus filhos, George Philip Wells (1901–1985), conhecido como G. P. Wells, como personagens. "Gip" era, como na história, uma criança pequena na época do lançamento do conto, em 1906.

[\[46\]](#)

Holborn, a noroeste da Cidade de Londres, foi um borough metropolitano do extinto Condado de Londres entre 1900 e 1965, quando foi combinado com outros para formar o borough de Camden, do qual faz parte hoje.

As ruas Regent e Oxford, no original Regent Street e Oxford Street, são vias no borough de Westminster que passam pela Londres Central e por West End, uma conhecida área de compras e lazer desde o início do século XIX.

Circus, nesse contexto, significa um espaço aberto circular no entroncamento entre ruas ou avenidas. Como o personagem diz que desceria até o Circus ou viraria a esquina, na Oxford Street, possivelmente se referiu ao Oxford Circus, no cruzamento entre as ruas Regent e Oxford.

[\[47\]](#)

O meio-pêni (em inglês, Halfpenny) é uma moeda que vale $1/200$ de uma libra esterlina. Entretanto, antes do "Dia Decimal", o meio-pêni valia $1/480$ da libra esterlina. Veja também nota [43].

[\[48\]](#)

Aparelho patenteado em 1887 pelo alemão naturalizado estadunidense Emil Berliner (1851–1929) que reproduzia sons gravados em um disco plano. Para o disco girar, era preciso dar corda por meio de uma manivela.

[\[49\]](#)

Coroa (em inglês, crown) é uma moeda britânica não mais usada comercialmente que valia $1/4$ de libra esterlina. Também eram usadas, na época do conto, as moedas denominadas meia-coroa e seis-pence. Veja também a nota [43].

[\[50\]](#)

Brincadeira ou jogo infantil em que tomam parte cinco crianças em um local aproximadamente quadrado, um quarto, um jardim, uma área com quatro postes ou árvores etc. Uma delas é escolhida para ser o "Gato" e fica no centro, as demais ficam uma em cada canto. O jogo começa com as quatro dos cantos se movendo para outro canto qualquer. Então o "Gato" deve tentar ocupar um também antes que todos consigam mudar de lugar. Se conseguir, deixa de ser o "Gato". Quem não conseguir ocupar um canto diferente se tornará o novo "Gato".

[\[51\]](#)

Método de pesca ancestral que utiliza imitações de insetos, de ninfas ou de pequenos peixes como isca. Também chamada de pesca com pluma, por serem utilizadas plumas, entre outros materiais, para confeccionar as iscas.

[\[52\]](#)

Veja nota [27].

[\[53\]](#)

No original 'Ansoms', referindo-se a Hansom cab. Veja nota [33].

[\[54\]](#)

Expressão latina que significa "em público", "à vista das pessoas", "diante de todos".

A PORTA NO MURO

(Para retornar ao capítulo, basta clicar no número da nota entre colchetes.)

[\[55\]](#)

O mais alto conselho administrativo do Reino Unido, constituído pelo primeiro-ministro e outros 22. Todos os ministros do Gabinete são membros do Parlamento e indicados pelo primeiro-ministro. O Parlamento é composto pela Câmara dos Lordes (câmara alta), pela Câmara dos Comuns (câmara baixa) e pelo Monarca.

[\[56\]](#)

West Kensington é uma área da Grande Londres, e da Londres Interior, na Inglaterra, no borough ("burgo") de Hammersmith e Fulham, a oeste do distrito de Kensington, que fica no borough de Kensington e Chelsea.

[\[57\]](#)

No original cabs, referindo-se a Hansom cab. Veja nota [33].

[\[58\]](#)

O nome da brincadeira faz referência à exploração da Passagem Noroeste, ou Passagem do Noroeste, uma via marítima entre os oceanos Atlântico e Pacífico, pelas ilhas ao norte do Canadá, do estreito de Davis ao estreito de Bering.

Desde o século XV, quando os otomanos controlavam o Oriente Médio e a busca

de um caminho marítimo para a Ásia era de grande importância estratégica e econômica, grandes nomes da história das navegações foram associados à saga da Passagem Noroeste, de Giovanni Caboto a Vitus Bering, de James Cook a Roald Amundsen.

[\[59\]](#)

Uma área no borough de Kensington e Chelsea entre Notting Hill, Holland Park e Kensington, na Londres Interior.

[\[60\]](#)

Trata-se de um relógio de bolso; os relógios de pulso, embora já existissem na época como enfeites femininos sob encomenda, só se popularizaram a partir da Primeira Guerra Mundial, pela necessidade de sincronia nas operações militares.

[\[61\]](#)

Paddington foi um borough metropolitano de 1900 a 1965, quando foi incorporado ao borough da Cidade de Westminster, na Londres Interior.

A Universidade de Oxford se localiza no distrito e cidade de mesmo nome, no condado de Oxfordshire, na Região Sudeste da Inglaterra. É considerada uma das mais importantes universidades do Reino Unido e do mundo, e a segunda mais antiga da Europa, funcionando desde 1096, atrás apenas da Universidade de Bolonha, na Itália, fundada em 1088.

[\[62\]](#)

No original hansom. Veja nota [33].

[\[63\]](#)

Um modelo de cachimbo esculpido, tradicionalmente associado a energia e jovialidade.

[\[64\]](#)

Um distrito do borough de Kensington e Chelsea, a leste de West Kensington.

[\[65\]](#)

Famoso monumento pré-histórico de arquitetura circular com megálitos que chegam a dezenas de toneladas. Situado no condado de Wiltshire, na Região Sudoeste da Inglaterra, até hoje sua história, forma e função, seja como santuário, seja como observatório astronômico, são estudadas e debatidas.

[\[66\]](#)

Distrito pertencente ao borough de Hounslow, na porção oeste da Londres Exterior. Entre 1874 e 1927 ("A Porta no Muro" foi publicado em 1906) era um distrito do condado histórico de Middlesex.

[\[67\]](#)

No original motor, redução de motor car, forma preferida a automobile, pelos britânicos.

[\[68\]](#)

Modelo de cartola capaz de contrair-se até um formato achatado, que se tornou popular em óperas.

[\[69\]](#)

Vinte polegadas equivalem a cerca de meio metro. Veja também nota [12].

[\[70\]](#)

Antigo jornal liberal de Londres que também publicava contos de escritores que vieram a se tornar importantes no panorama literário inglês e mundial, como D. H. Lawrence (1885–1930) e Katherine Mansfield (1888–1923).

A REJEIÇÃO DE JANE

(Para retornar ao capítulo, basta clicar no número da nota entre colchetes.)

[\[71\]](#)

Daisy Bell: Bicycle Built for Two ("Daisy Bell: Bicicleta Feita para Dois") é uma canção popular muito conhecida, composta pelo britânico Harry Dacre em 1892. A letra representa alguém apaixonado por Daisy Bell e que, não podendo arcar com uma carruagem, promete a ela uma bicicleta de dois selins, para irem "pedalando pela estrada da vida".

Em 1961 a canção foi utilizada no famoso experimento de sintetizador de voz, na empresa Bell Labs, com um IBM 704. O escritor Arthur C. Clarke fez

referência ao experimento (e à canção) em 2001: Uma Odisseia no Espaço, na cena da lenta desativação do computador HAL 9000, tanto no livro quanto no filme homônimo dirigido por Stanley Kubrick.

[72]

Alta Igreja (High Church), Baixa Igreja (Low Church) e Igreja Geral (Broad Church) são expressões aplicadas ao anglicanismo, bem como a outras igrejas cristãs. Em termos gerais, a Alta Igreja têm ênfase no ritual, aproximando-se da tradição anglo-católica; a Baixa Igreja faz oposição a essa ênfase, buscando a simplicidade, o evangelicalismo; já a Igreja Geral, adota uma posição liberal, podendo mesclar formas litúrgicas das outras duas.

[73]

A "loja de tecidos" (draper's shop) era um tipo de comércio muito comum à época, costumeiramente frequentado por senhoras de classe média, com as quais os vendedores se comportavam de modo cavalheiresco. Podendo ser também produtor, não vendia apenas tecidos, mas também seus manufaturados, como casacas e chapéus, aviamentos de costura etc. O próprio H. G. Wells trabalhou como aprendiz numa dessas lojas quando sua família passou por problemas financeiros. A autorreferência aparece em outras obras, como, por exemplo, Kipps: The Story of a Simple Soul ("Kipps: a estória de uma alma simples"). Treze horas de trabalho diário, dormitório comum no local e baixos salários deixaram em Wells uma visão crítica sobre a distribuição de renda na sociedade.

[74]

O shilling foi uma moeda britânica que equivalia a 1/20 da libra esterlina (moeda oficial do Reino Unido) ou 12 pence. Depois do "Dia Decimal", continuou a ser utilizado até 1990, valendo 5 pence. Veja também nota [43].

[75]

Nesta tradução, algumas marcas individuais ou coloquiais de Jane foram destacadas com *itálico*. Na passagem, "quitandeiro", "tumor" e "falência".

[76]

O Enquire Within upon Everything ("Entre e Pergunte sobre Tudo") foi um conhecido livro de "Como fazer". Era apresentado como uma enciclopédia da vida doméstica; continha receitas culinárias, instruções de primeiros socorros, jogos de salão, dicas de etiqueta, como planejar férias, casamentos etc.

Agatha Christie (1890–1976) também o utiliza em Hallowe'en Party ("A Noite das Bruxas") e Tim Berners-Lee, o criador da World Wide Web se refere ao livro como uma inspiração. Tendo visto um velho exemplar em sua infância, seu título sugestivo lhe parecia algo como um portal mágico para todo tipo de informação. Tim nomeou Enquire um projeto criado para o CERN (Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear), que se tornou o predecessor da WWW.

Livros do gênero "Faça você mesmo" eram muito populares à época do conto. Foi um grande best-seller o livro Mrs. Beeton's Book of Household Management ("Livro de Administração do Lar da Sra. Beeton"), da inglesa Isabella Mary Beeton (1836–1865). Outro foi The Servant's Behaviour Book: Or, Hints on Manners and Dress for Maid Servants in Small Households, by Mrs. Motherly ("O Livro de Comportamento da Empregada: Ou, Sugestões Sobre as Maneiras e Trajes para Empregadas Domésticas em Pequenos Domicílios, pela Sra. Motherly"). "Sra. Motherly" era o pseudônimo de Emily Augusta Patmore (1824–1862), esposa do poeta inglês Coventry Patmore (1823–1896). As regras vitorianas de etiqueta para empregadas domésticas eram bem mais rígidas que o tratamento permitido à Jane por Eufêmia.

[77]

Nesta passagem, Jane faz um comentário indireto sobre o hábito de fumar de seu patrão. Na versão do mesmo conto na coletânea *The Plattner Story and Others*, "A História de Plattner e Outras", de 1896, havia uma sequência que explicitava a atribuição a George, marido de Eufêmia:

"Possivelmente Jane se deu conta de que estava refletindo um pouco severamente sobre a relativa má sorte de Eufêmia, e adicionou gentilmente:

— Estou certa de que o patrão é um anjo com o cachimbo aceso. Comparado com outros tempos."

Em 1911, Wells publica sua famosa coleção *The Country of the Blind and Other Stories* ("O País dos Cegos e Outras Histórias"), em que revisa o texto de diversos contos. Para este conto, afora essa passagem, as diferenças são praticamente inexistentes.

[78]

Embora comum no inglês americano, *papa*, no sentido de "pai", "papai", é bastante antiquado e fora de uso ou formal no inglês britânico. Jane parece utilizar o termo para tentar colocar William em um contexto de maior status.

[79]

Os Irmãos de Plymouth são um movimento criado na Irlanda na década de 1820, conservador, dispensacionalista, não conformista, não denominacional, evangélico e da Baixa Igreja, com serviços e igrejas mais simples (capelas), em comparação à Igreja Anglicana.

[80]

No original, van, um tipo de carroça coberta para transporte de mercadorias

[\[81\]](#)

O comentário de Jane, "mas não é cômico", indica que ela faz confusão entre o título e o nome do autor, Smiles, que, em inglês, quer dizer "sorrisos". Já era um best-seller à época do conto o livro de Samuel Smiles (1812–1904) *Self-Help* ("Iniciativa própria", ou "Autoajuda"), hoje mais utilizado para estudo de valores ultrapassados do liberalismo e da Era Vitoriana (1837–1901). Autor de várias biografias sobre personalidades e casos de superação pessoal, cientistas, engenheiros de destaque, filósofos etc., Smiles, apesar de ter se ligado ao movimento cartista, a favor de reformas sociais, destacava a preponderância do esforço pessoal como valor moral e de conduta, chegando a afirmar que a pobreza era causada, em muitos casos, pela imprevidência ou descuido.

[\[82\]](#)

O uso de luvas fora de casa era um hábito diário para as classes elevadas da Londres vitoriana. Além de denotar status social, era considerado higiênico, pois temiam se contaminar com micróbios provenientes do exterior ou do contato com as classes menos favorecidas. Além disso, para as mulheres, era sinal de recato. As revistas de moda da época valorizavam os tons de amarelo. O arquiteto e construtor de órgãos escocês George Ashdown Audsley (1838–1925), com seu irmão, o arquiteto e médico William James Audsley (1833–1907), publicaram, em 1863, o livro *Color in Dress* ("Cor no Vestuário"), um manual normativo para senhoras que indicava as cores a serem usadas com bom gosto em diversos trajes, bem como as corretas combinações de cores. No livro se encontram várias afirmações sobre o amarelo, entre elas: é a cor que mais se aproxima da luz, deve-se dar preferência a tonalidades, usando pouco a cor primária, significa a riqueza do outono, o contentamento, mas também pode ser símbolo de inveja e paixões malignas.

[\[83\]](#)

Chapeleira ou modista de chapéus, profissional encarregada de criar, fabricar ou vender chapéus. A profissão da pretendente parece aproximar o novo casal, e afastar Jane, já que William buscava ascensão social na loja de tecidos.

[\[84\]](#)

Provavelmente se refere à primeira segunda-feira de agosto, feriado bancário instituído por lei em 1871 no Reino Unido, um feriado de verão. Em 1971, o August Bank Holiday passou para a última segunda-feira de agosto, na Inglaterra e alguns outros países do Reino Unido.

[\[85\]](#)

South Kensington é um distrito da Grande Londres, e da Londres Interior, na Inglaterra, no borough ("burgo") de Kensington e Chelsea, ao sul do parque Kensington Gardens, que fica ao lado do Hyde Park.

Para mais detalhes sobre as divisões administrativas da Inglaterra, veja texto ao final das Notas.

[\[86\]](#)

Hackney era o nome dado, à época, aos veículos de aluguel, puxados por cavalo. Havia os hackney cabs, com duas rodas, e os hackney coaches, com quatro rodas, como é o caso dessa passagem no texto. Um "coche" famoso foi o Clarence. Seu modelo adaptado foi considerado, pela Sra. Beeton (veja nota [76]), a carruagem da família. A partir de meados da década de 1830, surgem os hansom cabs, com duas rodas, que se tornariam os veículos mais populares da Era Vitoriana. Veja também nota [33].

[\[87\]](#)

Carruagem de aluguel muito simples, de duas rodas e um cavalo, para transportes mais velozes de carga ou pessoas, útil para pequenas distâncias.

A HERANÇA PERDIDA

(Para retornar ao capítulo, basta clicar no número da nota entre colchetes.)

[\[88\]](#)

Veja nota [43].

[\[89\]](#)

Uma conhecida área de compras e lazer em Londres desde o início do século XIX. Localiza-se a oeste da Cidade de Londres e a norte do rio Tâmesa, abrangendo porções ao sul dos boroughs de Westminster e de Camden, na Londres Interior.

[\[90\]](#)

Walter Savage Landor (1775–1864) foi um escritor e poeta inglês. Apresentava características neoclássicas, embora tenha vivido a maior parte de sua vida no período do Romantismo. É famoso por seu temperamento turbulento e pela obra em cinco volumes *Imaginary Conversations* ("Conversas Imaginárias"), com diálogos fictícios de inúmeras personalidades históricas, gregos, romanos, chefes de Estado, artistas, escritores, homens e mulheres, como, por exemplo, Péricles e Sófocles, Lúculo e César, Bocácio e Petrarca, Henrique VIII e Ana Bolena,

George Washington e Benjamin Franklin etc.

Thomas Carlyle (1795–1881), historiador, ensaísta, filósofo e matemático escocês. Foi um polêmico comentarista social e reitor da Universidade de Edimburgo. Sua "História da Revolução Francesa" foi um marco da historiografia romântica, cuja característica era interpretar a História por meio da vida de chefes de Estado e heróis. Na Matemática é conhecido pelo Círculo de Carlyle, usado em equações quadráticas e no desenho geométrico. Muito debatido é também seu tempestuoso casamento com a escritora escocesa Jane Baillie Welsh (1801–1866).

Percy Bysshe Shelley (1792–1822) foi um dos mais importantes poetas ingleses, tendo pertencido ao seleto círculo de poetas da segunda geração romântica, como John Keats, Lorde Byron, Leigh Hunt, entre outros. É famoso por inúmeros poemas, entre os quais "Ozymandias", "Rainha Mab" e "A Máscara da Anarquia" (póstumo), e pelo drama lírico "Prometeu Desacorrentado". Como outros escritores românticos, sua vida foi extremamente agitada: expulso de Oxford por publicar um ensaio sobre ateísmo; paixões e primeiro casamento conturbado com uma jovem de 16 anos; fuga para França e Suíça, estando ainda casado, com a mulher que viria a ser sua segunda esposa, Mary Godwin; suicídios da meia-irmã de Mary e de sua primeira esposa; e morte durante uma tempestade quando seu barco naufragou na costa oeste da Itália.

Mary Godwin é mais conhecida pelo seu nome de casada, Mary Shelley (1797–1851), autora de *Frankenstein* ou *O Prometeu Moderno* (1818), um clássico e best-seller até hoje.

Pela grandiosidade das biografias acima, dos três supostos donos dos móveis, é possível perceber a presunção intelectual do estranho tio.

Down, hoje denominada Downe, é uma vila no borough de Bromley, na atual Grande Londres. Nela se encontra a Down House, habitação onde viveu Charles Darwin (1809–1882), naturalista inglês famoso por sua teoria da evolução.

Reigate é uma cidade do borough de Reigate e Banstead, no condado de Surrey, na região Sudeste da Inglaterra. A indicação "perto de Meredith" refere-se a George Meredith (1828–1909), um romancista e poeta inglês, nove vezes indicado ao prêmio Nobel. Viveu em uma casa de campo na cidade de Dorking, no distrito de Mole Valley, em Surrey, entre 1868 e 1909, onde recebia muitos amigos escritores, como, por exemplo, Robert Louis Stevenson e Rudyard Kipling.

Haslemere é uma cidade do borough de Waverley, no condado de Surrey, na região Sudeste da Inglaterra. Entre os escritores famosos que moraram em Haslemere estavam Lorde Tennyson e Conan Doyle.

Chelsea é um distrito de Londres e pertence ao borough de Kensington e Chelsea, na Londres Interior, a oeste. Chelsea é conhecido por ser o borough dos boêmios e artistas. Os escritores Meredith, Swinburne e Carlyle, entre tantos outros artistas, moraram lá também.

Hampstead é uma área de Londres no borough de Camden, na Londres Interior, a noroeste. É outra área associada à arte, literatura, música etc., onde moraram muitos artistas, entre os quais Lorde Byron e Coleridge.

Novamente, pelos locais escolhidos pelo tio e a quem estão associados, percebe-se sua desmedida pretensão.

[\[92\]](#)

Durante toda sua vida, Wells se interessou muito por essas questões, que eram polêmicas à época, e se posicionou sobre elas. Veja nota [37].

Em várias obras de não ficção, Wells se lançará a essa mesma tarefa do personagem do conto, ou seja, a de instruir os povos e promover a paz mundial, como, por exemplo, no best-seller *The Outline of History* ("O Esboço da História"). Contudo, a difusão prática de suas ideias foi muito limitada, apesar do sucesso de vendas deste e de outros livros do gênero. Obviamente, há um tratamento irônico e caricaturesco dado pelo autor às ideias do scandalizado tio.

[\[93\]](#)

Durante o século XIX, ocorria o chamado "Grande Jogo", o Império Britânico e o Império Russo disputavam o poder geopolítico da Ásia Central, estando o Afeganistão, o Turquestão e a Pérsia entre os principais pontos de conflito. Ao final do século, os interesses também se chocaram mais a leste, no Tibete, na China e na Mongólia. O tio parece utilizar a expressão "o Mongol" mais como um símbolo de temor, de ameaça do avanço russo e uma referência ao extenso Império Mongol, extinto no século XIV. É outro exemplo do tratamento irônico dado por Wells à vaidosa grandiloquência do personagem.

[\[94\]](#)

Várias vezes o fanático discurso do tio assume tons religiosos, como esse, ao se referir à terra prometida de Canaã, "terra que mana leite e mel", citada na Bíblia.

[\[95\]](#)

No original, mincemeat, um prato com vários ingredientes misturados. À época, suas receitas costumavam conter: sebo de vaca e carne bovina picados, especiarias (como cravo, arilo, noz moscada, canela), passas, frutas cítricas, maçãs, xarope de açúcar e licor ou conhaque (brandy).

[\[96\]](#)

Otto von Bismarck (1815—1898), o "Chanceler de Ferro", foi um nobre (conde, duque e príncipe), primeiro-ministro da Prússia e chanceler do Império Alemão, um dos principais responsáveis pela sua consolidação como Estado-Nação, em 1871. À época do conto, 1896, o presidente dos Estados Unidos era o democrata Stephen Grover Cleveland (1837–1908). Foi o único presidente norte-americano a servir dois mandatos não-consecutivos, de 1885 a 1889, e 1893 a 1897.

[\[97\]](#)

"A palavra justa" (exata, correta, precisa). É famosa a obsessão de Gustave Flaubert (1821–1880), escritor realista francês, autor de *Madame Bovary*, que poderia passar horas, e mesmo dias, em busca da "palavra justa", que seria capaz de retratar fielmente a realidade em passagens de seus romances.

[\[98\]](#)

Beemote, criatura bíblica descrita no Livro de Jó, de força descomunal e indomável, que muitos associam ao hipopótamo.

[\[99\]](#)

Meio-pêni. No original ha'penny, redução de halfpenny. Veja nota [47].

[\[100\]](#)

Holloway foi uma grande penitenciária no distrito de mesmo nome, no borough de Islington, na Londres Interior, ao norte da Cidade de Londres. Funcionou de 1852 a 2016, e, a partir de 1903, tornou-se exclusivamente feminina, sendo a maior penitenciária feminina da Europa Ocidental. É famosa por ter sido o local de prisão preventiva do escritor irlandês Oscar Wilde (1854–1900) e também de muitas importantes sufragistas, ou sufragetes, como foram chamadas as militantes pelo voto feminino no fim do século XIX e início do XX nas ilhas britânicas.

O FURTO NO PARQUE HAMMERPOND

(Para retornar ao capítulo, basta clicar no número da nota entre colchetes.)

[\[101\]](#)

Assim como em português, o inglês distingue entre o roubo, robbery, e o furto, burglary. No roubo, além de subtrair algo à vítima, o que também acontece no furto, há emprego de violência física ou de ameaça. Conforme o código penal, ambos podem ser qualificados; por exemplo, com o uso de armas, no roubo, e com o uso de instrumentos ou mediante abuso de confiança, no furto.

[\[102\]](#)

Abreviatura do latim incognitus, ou do inglês incognito. Incógnito, de forma não conhecida, de forma anônima.

[\[103\]](#)

No conto, Wells localiza a vila e o parque em Sussex, um condado da Região Sudeste da Inglaterra, que faz fronteira com os condados de Hampshire, Surrey e Kent, e com o Canal da Mancha, ao sul.

O nome Hammerpond remete a hammer ponds (literalmente, "açudes de malho"), que eram lagoas artificiais ou córregos e rios represados para fornecer água à indústria de ferro (daí a referência ao martelo ou malho de ferreiro).

Desde a época do domínio romano (43–410) na chamada província da Britânia, até as dinastias Tudor (1485–1603) e Stuart (1603–1649 e 1660–1714), extensas áreas com florestas, ricas em minério de ferro e cursos de água, foram exauridas na Inglaterra, pois o carvão vegetal era o combustível das fornalhas.

Conhecida área de hammer ponds é Weald, área da Região Sudeste da Inglaterra, entre as chapadas paralelas de greda ou giz (North Downs e South Downs), passando pelos condados de Sussex, Hampshire, Surrey e Kent.

[\[104\]](#)

Charles Frederick Peace (1832–1879) é considerado o mais famoso criminoso da Era Vitoriana antes de Jack, o Estripador. Suas especialidades eram invasões e furtos, principalmente em Sheffield, Manchester e Blackheath.

Apear de ter ficado coxo quando jovem, em um acidente com um laminador de aço, era ágil e ardiloso. Aprendeu a tocar melodias em violino de uma corda e se apresentava, de forma pretensiosa, como "o Paganini moderno".

Algumas vezes trazia no estojo de seu violino os instrumentos de invasão, entre

os quais, verruma, gazua, chave-mestra, goiva, formão, revólver e uma tosca porém eficiente escada portátil, que consistia em pedaços de madeira articulados em zigue-zague.

Sob a identidade do cavaleiro "Sr. Thompson", chegou a desenvolver inventos, como uma escova especial para lavar vagões, um capacete para bombeiros e uma espécie de tanque hidráulico.

Seu nome era temido nas ruas. Após ter cumprido várias penas e reincidido, foi preso, julgado por dois assassinatos e enforcado.

[\[105\]](#)

O "Palácio de Cristal" (The Crystal Palace) foi uma enorme edificação construída em ferro fundido e vidro plano no Hyde Park, em Londres, para sediar "A Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações", em 1851, a primeira de uma série de exposições internacionais de indústria e cultura que marcou o século XIX.

O edifício foi desmontado e reconstruído completamente em 1854, numa área que, atualmente, corresponde ao extremo noroeste do borough de Bromley, na Grande Londres, divisa com a Londres Interior.

O novo lugar acolheu concertos, exposições e entretenimento público até 1936, quando foi destruído por um incêndio de grandes proporções.

[\[106\]](#)

O efeito cômico da passagem é mais bem percebido em inglês. Porson pergunta a Watkins se ele faz trabalhos de arte figurativa, figure-work no original. Mas figure também pode ter o sentido de "algarismo", como na expressão: to be good at figures = "ser forte em aritmética", "ser bom em contas". Daí a resposta de Watkins, no original, never had a head for figures, "nunca tive cabeça para números".

[\[107\]](#)

No fim do século XIX, a iluminação pública de luz elétrica se ampliava em Londres. Entretanto, como a expansão era lenta, lampiões ou lanternas a óleo continuaram a ser usados em muitos outros lugares e situações. Até a disseminação comercial de baterias de uso portátil, eram muito conhecidos os Bull's Eye Lamps, "lampiões olho de boi", lanternas que também eram usadas pela polícia vitoriana. Possuíam um gancho para prender ao cinto e um mecanismo que permitia bloquear a luz, para que o policial pudesse se aproximar do criminoso sem ser visto.

[\[108\]](#)

No original fower-and-six, ou seja, quatro shillings e seis pence. Fower é uma variante de four, "quatro". Para se ter uma ideia, com quatro shillings um trabalhador manual da classe baixa poderia comprar carne ou pagar o aluguel de um quarto por uma semana, no final do século XIX. Veja também as notas [43] e [74].

Ainda nessa passagem, no falar do personagem Durgan, há 'Azelworth como origem dos policiais, provavelmente sua pronúncia para o local da delegacia, que se indicará, mais adiante, como sendo Hazelhurst, Sussex.

[\[109\]](#)

Joseph Mallord William Turner (1775–1851) foi um pintor romântico inglês conhecido por seus quadros com temas marítimos turbulentos. Por ter também criado quadros como Chuva, Vapor e Velocidade, que se aproxima da pintura abstrata, é considerado um precursor das vanguardas do início do século XX.

O QUARTO VERMELHO

(Para retornar ao capítulo, basta clicar no número da nota entre colchetes.)

[\[110\]](#)

Uma escultura sobre tema mitológico. Considerado o mais belo dos mortais, Ganimedes era um jovem da realeza troiana, filho de Tros e Calirroe. Segundo uma das versões da narrativa, Zeus se transformou numa águia e o raptou para o Olimpo, onde Ganimedes se tornou o escanção, aquele que servia o néctar dos deuses. O mito é frequentemente relacionado à pederastia grega. Na passagem, Wells utiliza a referência para intensificar o medo de um ataque iminente.

[\[111\]](#)

No original, Chinaman, um termo atualmente controverso, com conotações racistas, sendo preferível Chinese. O conto foi publicado pela primeira vez em 1896 e os dicionários mais antigos não indicavam o termo como pejorativo. Mas o uso ofensivo da palavra já é documentado na metade do século XIX quando, nos Estados Unidos, chineses foram atraídos pela Corrida do Ouro e pelos postos de trabalho na Ferrovia Transcontinental. Trabalhadores locais da ferrovia passam a vê-los como ameaça a seus empregos e uma visão discriminatória e desumanizadora cresce, chegando a perseguições e chacinas. Pelo mesmo motivo, também na Inglaterra do início do século XX, os chineses, especialmente os marinheiros, sofrem preconceito, e muitos tipos de empregos são vedados a eles.

[\[112\]](#)

Possivelmente, o nome é dado apenas para figurar uma ambientação gótica, não havendo elementos que indiquem ser a França o local da narrativa, embora haja palácios, castelos e mansões em Lorena, região histórica do nordeste da França, como o Castelo dos Duques de Lorena, por exemplo.

[\[113\]](#)

Thomas Ingoldsby, pseudônimo de Richard Harris Barham (1788–1845), um clérigo da Igreja Anglicana, autor das Lendas de Ingoldsby, uma coleção de lendas, mitos e histórias de fantasmas.

[\[114\]](#)

Unidade de medida que equivale a 2,54 cm.

[\[115\]](#)

Jove, ou Júpiter, era o deus maior da mitologia romana, equivalendo ao Zeus da mitologia grega. Era o deus dos raios e trovões, do céu e da luz do dia. Wells utiliza novamente a referência mitológica em um momento crítico, o que retoma a ideia anterior de um ataque iminente ou o senso de impotência diante de uma força maior.

Divisões Administrativas da Inglaterra

Em termos gerais, as divisões administrativas da Inglaterra compreendem 4 níveis: regiões, condados, distritos (e boroughs) e paróquias. Há também as autoridades unitárias, uma forma combinada de condados e distritos.

Os boroughs e os distritos podem obter o status ou denominação de cidade por meio de uma carta régia ou uma carta patente, o que lhes confere prestígio. E o termo cidade também é muito usado de forma genérica, designando apenas qualquer grande área urbana.

Os termos Londres ou Grande Londres, a capital do Reino Unido, aplicam-se tanto ao nível de região quanto ao nível de condado. Ela se subdivide em boroughs, que se subdividem distritos.

Os boroughs mais centrais compõem a chamada Londres Interior, e os boroughs à sua volta, até os limites da Grande Londres, compõem a chamada Londres Exterior.

Já a Cidade de Londres, no centro da Londres Interior, é uma pequena área, com menos de 3 km², o centro histórico e financeiro.

Além disso, ao longo do tempo, para efeito de ações de desenvolvimento, a Grande Londres foi dividida em sub-regiões, como Oeste, Leste, Norte, Sul e Central, variando quais boroughs estão contidos em quais sub-regiões.

Comumente, a expressão Londres Central se aplica a áreas da Londres Interior que contêm locais histórica e culturalmente importantes, como o Parlamento, o Museu Britânico, a Universidade de Londres, a Galeria Nacional etc., que não pertencem todos a apenas um distrito ou borough.

Sobre o tradutor

José Ruy de Oliveira Pedroso é bacharel em Linguística e Português,
Especialista em Literatura Contemporânea, revisor, preparador e editor de texto.

É autor do livro Tópicos Essenciais de Gramática.